

# **Uma abordagem à terminologia do domínio da sexologia: identidade de género**

**Carlos Miguel Fortunato de Oliveira**

**Dissertação em Ciências da Linguagem, Terminologia e Gestão de  
Informação de Especialidade**

**Setembro, 2020**



Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem, Terminologia e Gestão de Informação de Especialidade, realizada sob a orientação científica de

**Professora Doutora Rute Costa**

Declaro que esta dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

*Carlos Rafael F. Dreier*

---

Lisboa,

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apresentada a provas públicas.

A orientadora,

*Rita Costa*

---

## **Agradecimentos**

A todos vós,

Todo o agradecimento que vos presto não cabe nestas palavras de imensa gratidão.

À Professora Doutora e Orientadora Rute Costa por todo o conhecimento que me transmitiu ao longo de todo o processo de realização da presente tese, por toda a dedicação e orientação, principalmente, nos momentos em que me sentia estar numa encruzilhada de onde não conseguia ver o caminho a seguir, mas, sobretudo, por acreditar neste projeto. Muito obrigado!

À Professora Doutora Raquel Silva pelas suas aulas que me permitiram refletir no valor da Terminologia na sociedade atual, naquilo que é trabalhar em Terminologia. Muito Obrigado!

Ao Dr. Fernando Mesquita, especialista em sexologia, por toda a sua ajuda, esclarecimentos nas inúmeras conversas que tivemos e pela “boa ideia”. Muito obrigado!

Aos meus amigos e colegas de trabalho de 2019 que souberam compreender as ausências e me apoiaram nesta caminhada. Um agradecimento especial à Ana Ferreira, Carla Martinho, Inês Morais, Patrícia Anjos, Sandra Cortegaça e Sandra Nunes. Muito Obrigado!

À minha família, sobretudo, aos meus pais e irmão, pelo apoio em todos os momentos da minha vida, por aquelas palavras nos momentos de angústia e, também, nos momentos mais felizes. Eternamente agradecido.

# Uma abordagem à terminologia do domínio da sexologia: identidade de género

Carlos Miguel Fortunato de Oliveira

## Resumo

Reconhecendo o potencial da terminologia na representação e organização do conhecimento, a presente tese de mestrado servirá de base à elaboração de recursos terminológicos e/ou lexicográficos do domínio da sexologia para o público em geral, sendo um primeiro passo para um projeto futuro no âmbito da sexologia. Neste sentido, a proposta de desenho metodológico que desenvolvemos neste trabalho compreende 4 etapas: a primeira etapa, etapa exploratória que visa aprofundar e compreender o campo da sexologia. Pretende-se dar conta da emergência do campo da sexologia na sociedade atual através de uma perspetiva diacrónica da sexologia não só em Portugal, mas, também, na Europa. A etapa dois compreende a apresentação do nosso objeto de estudo. Neste sentido e porque não conseguiríamos abarcar todo o domínio da sexologia no presente trabalho, direcionamos a nossa atenção para um segmento deste domínio - a identidade de género. A escolha deste segmento foi opção nossa por acreditarmos que só a partir do conhecimento e estabilização do que é designado por “género” é que poderemos partir para a análise do domínio da sexologia. A etapa 3 visa a constituição de um *corpus*, constituído por textos de especialidade, que estará na base da análise linguística dos dados encontrados no *corpus*. Na etapa 4, focamos a nossa atenção para a análise de termos, identificados na etapa anterior, através dos contextos ricos em informação, otimizando a redação de definições em língua natural. Em suma, consideramos que a presente tese, por um lado, poderá contribuir para o desenvolvimento de recursos terminológicos/ lexicográficos no domínio da sexologia e, por outro lado, contribuir para o trabalho de investigação na redação de definições em língua natural dos conceitos relacionados com a sexologia, mais especificamente, através da análise dos contextos ricos em informação.

**PALAVRAS-CHAVE:** terminologia, contextos ricos em informação, definição, sexologia, identidade de género; recursos terminológicos.

# **An approach to the terminology of sexology domain: gender identity**

Carlos Miguel Fortunato de Oliveira

## **Abstract**

Bearing in mind the potential of terminology in representing and organizing knowledge, the current thesis will set the grounds to the elaboration of terminological and/or lexicographical resources in the domain of sexology for the public, being a first step towards a future project as far as sexology is concerned. Thus, the methodological draft proposal that we have developed in this paper is comprised of 4 steps: the first step, the exploratory step by which we want to deepen and better understand the area of sexology. One wants to cope with the growing attention sexology has conquered in society through a diachronic perspective not only in Portugal but also in Europe. Step number two is related to the presentation of our study object. Therefore, and because we could not embrace the full domain of sexology in this paper, we focused on single topic of sexology – gender identity. The choice of this topic was our own decision because we believe that we can only move on to the analysis of the domain of sexology after making clear and stable what one understands by “gender”. Step three aims at the corpus design, composed by texts written by experts in the area of sexology, from which we will start our linguistic analysis. In step four, we focus on the analysis of terms, which were identified in the previous step, through the knowledge-rich contexts, thus optimizing the process of writing definitions in natural language. In a nutshell, we consider that the current thesis may, on one hand, contribute to the development of terminological/ lexicographical resources in the area of sexology, and, on the other hand, contribute to the research work of writing definitions in natural language of concepts related to sexology, more specifically, through the analysis of knowledge-rich contexts.

**KEYWORDS:** terminology; knowledge- rich contexts; definition; sexology; gender identity; terminological resources;

## Índice

Resumo	v
Abstract	vi
Introdução	1
Parte I: Perceber a sexologia	
1. Sexologia: um domínio em ascensão na sociedade portuguesa	4
1.1. Sexologia em Portugal: breve histórico	8
1.2. Sexologia na Europa: breve histórico	11
2. Organismos de representação da sexologia	16
2.1. World Association for sexual Health (WAS)	16
2.2. European Federation of Sexology (EFS)	17
2.3. Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica (SPSC)	18
2.4. Identificação dos sítios oficiais de sociedades de sexologia na Europa	18
2.4.1. Critérios de qualidade para a análise dos sítios oficiais das sociedades e sexologia	19
2.4.2. Análise de alguns sítios oficiais de sociedades de sexologia na Europa	22
3. Sexologia: Identidade de género	28
3.1 Opção de trabalho: identidade de género	28
3.2 Identidade de género, identidade sexual, sexo biológico	29
Parte II: Terminologia	
4. <i>Corpus</i> : definição, constituição, organização e seleção do <i>corpus</i> de especialidade	33
4.1. Corpus	33
4.2. Corpus de especialidade	35
4.3. Constituição do corpus de Identidade de Género	37
4.4. Limpeza de textos	40
4.5. Tipologia de textos	41
4.6. Tratamento semiautomático do corpus Identidade de Género	43
5. Análise linguística de alguns dados recolhidos no corpus	48
5.1. “cisgénero”	50



5.2. “transgénero”	54
5.3. “ultra-género”	57
6. Análise dos contextos ricos em informação	59
6.1. “transgénero” – Análise dos contextos ricos em informação	59
6.2. “transgender” – Análise dos contextos ricos em informação	71
Considerações finais	76
Bibliografia	78
Anexos	81
Anexo 1	81
Anexo 2	83
Anexo 3	85

## Introdução

Tendo como pano de fundo a constante evolução não só da sociedade como, também, dos comportamentos humanos, propomo-nos abrir o campo da sexologia à terminologia para o levar para mais perto do público em geral, com vista a proporcionar uma comunicação eficiente contribuindo para a redução da ambiguidade.

O objetivo deste trabalho terá como base a tomada de consciência de que aquilo que se conhece da sexologia é que a sua terminologia não está devidamente estruturada, o que poderá ser um entrave à comunicação entre profissionais e público em geral.

A visibilidade que o domínio atualmente tem leva-nos a propor uma organização dos conceitos e dos termos. A confirmação desta necessidade é visível num livro de 2018 de Ana Macedo<sup>1</sup>, médica, no qual a autora apresenta um capítulo de 3 páginas dedicado à importância da terminologia. Apesar de ser ainda uma abordagem tímida à terminologia da área, é, sem dúvida, um passo fundamental para contribuir para a sua visibilidade e o reconhecimento que o uso correto da terminologia permite não só uma comunicação mais eficaz, como também o respeito para com o outro, “a compreensão da terminologia ajuda à sua correta utilização e a expressão de respeito para com as pessoas.” (Macedo, 2018,p.20)

Na Noruega e na Suécia<sup>2</sup> foram levados a cabo dois projetos que tiveram como objetivo pensar, discutir conceitos e criar termos relacionados com os Estudos de Género. Se, por um lado, o objetivo destes dois projetos era o de uma reflexão crítica sobre termos e conceitos relacionados com o género, por outro, ambos apresentaram metodologias de trabalho<sup>3</sup> diferentes que levaram a resultados diferentes: no caso da Noruega, o projeto teve como resultado uma lista *online* de termos e uma base de dados terminológica<sup>4</sup>. No caso da Suécia o resultado foi a publicação de um livro<sup>5</sup>. Com a conclusão dos dois projetos são dadas ao público em geral as ferramentas necessárias para que a comunicação seja bem-sucedida nas línguas nacionais.

A preocupação subjacente aos dois projetos levados a cabo na Noruega e na Suécia, tal como vimos anteriormente, permite-nos perceber que cada vez mais a preocupação em usar corretamente os termos é fundamental numa época em que a sexologia é um assunto menos tabu e que deixou de ser um assunto circunscrito a um domínio profissional.

---

<sup>1</sup> Ana Macedo, “Identidade de Género e Orientação Sexual na Prática Clínica”

<sup>2</sup> Ann Werner, Amund Rake Hoffart, Anna Lunberg & Jorunn Okland (2018) Constructing Terminology and Defining Concepts for Gender Studies in Norway and Sweden, NORA – Nordic Journal of Feminist and Gender Research, 26:2, 142-153

<sup>3</sup> Ver anexo 1

<sup>4</sup> <http://termwiki.sprakradet.no/wiki/Kategori:Kj%C3%B8nnsforskning>

<sup>5</sup> [http://www.genus.se/wp-content/uploads/En\\_introduktion\\_till\\_genusvetenskapliga\\_begrepp.pdf](http://www.genus.se/wp-content/uploads/En_introduktion_till_genusvetenskapliga_begrepp.pdf)

Neste âmbito, o que nos propomos é estudar um pequeno segmento da sexologia, a identidade de género e de entre esta, o transgenderismo<sup>6</sup>. Contamos com a ajuda de um especialista<sup>7</sup> para que nos seja dada ajuda na validação da informação de especialidade a tratar.

É nosso objetivo que este trabalho de investigação seja o princípio de uma proposta de base de dados da sexologia a propor à Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica para ser incluída no seu sítio e estar disponível ao grande público.

A presente tese encontra-se organizada em duas partes de acordo com a seguinte estrutura. A primeira parte é dedicada à sexologia e a segunda parte é dedicada a questões relacionadas com a terminologia.

A primeira parte organiza-se em três capítulos:

- No capítulo 1 começamos por analisar a evolução do domínio da sexologia em Portugal. Interessa-nos perceber em que medida o discurso da sexologia está presente na sociedade portuguesa. Se falar sobre questões de sexologia está circunscrito a uma classe profissional ou, se por outro lado, o público em geral começa a apropriar-se desse discurso. Ainda neste capítulo, fazemos uma breve incursão na história da sexologia, desde o seu início até à atualidade não só em Portugal, mas, também, na Europa, pois foi na Europa que a sexologia surgiu como disciplina, tendo influenciado as correntes de pensamento sobre sexologia em Portugal.
- O capítulo 2 é dedicado aos organismos de representação da sexologia. Queremos perceber como se organiza esta área e quais os organismos que a representam nacional e internacionalmente. Posteriormente, queremos identificar e analisar, através de critérios de qualidade, as páginas oficiais das sociedades de sexologia na Europa, focando a nossa atenção em potenciais recursos terminológicos da sexologia nas páginas oficiais.
- O capítulo 3 incide sobre a nossa opção de escolha de trabalho em sexologia, identificando um segmento desta área – a identidade de género, uma vez que na presente tese, não seria possível abarcar toda a área da sexologia. Acreditamos ser fundamental perceber o conceito de *género* para podermos avançar para os diferentes tipos de identidades de género.

Tendo identificado o que nos propomos trabalhar, na primeira parte, segue-se um estudo terminológico e linguístico do tema – a identidade de género.

A segunda parte organiza-se em três capítulos:

- No capítulo 4 focamo-nos na definição, constituição e organização de um *corpus* textual, constituído por um conjunto de textos redigido por

---

<sup>6</sup> Transgenderismo ou transgenerismo?

<sup>7</sup> Fernando Mesquita, psicólogo/ sexólogo e mestre em sexologia clínica. Autor de livros “SOS manipuladores” e “Aprender a Amar”, <https://www.fernandomesquita.net/cv>

especialistas. Este capítulo trata essencialmente do *corpus* que servirá de base à análise de dados, através da criação de uma metodologia de trabalho que aqui identificamos.

- O capítulo 5 é dedicado à análise linguística de alguns dos dados encontrados no nosso *corpus*. Direcionamos a nossa atenção para potenciais padrões morfossintáticos de um conjunto de termos que se relacionam com o tema – identidade de género – e descrevemo-los linguisticamente.
- No capítulo 6, centramos a atenção nos termos que identificamos no capítulo anterior, analisando-os através dos contextos ricos em informação. Optamos por trabalhar com os contextos porque eles servirão de ponto de partida para a redação de definições em língua natural e, também, porque a análise pelos contextos permitirá sistematizar as relações semânticas entre termos, através da apresentação de uma potencial rede lexical de “transgénero”.

## 1. Sexologia: um domínio em ascensão na sociedade portuguesa

O campo da sexologia tem tido uma crescente atenção na sociedade portuguesa que é evidente na atração ou curiosidade que o público em geral sente pelos temas da sexologia, procurando saber mais sobre o que lhe é intrínseco, a sua sexualidade<sup>8</sup>. Esta visibilidade cada vez maior na sociedade portuguesa é perceptível nos numerosos programas televisivos, radiofónicos, nas várias rubricas na imprensa escrita e *online* e pelo considerável aumento de produção literária sobre o tema da sexologia e da terapia sexual<sup>9</sup>.

Na verdade, podemos pensar nas mais variadas revistas portuguesas e observar que, na sua maior parte, existe um *consultório* consagrado à sexologia, cujo formato comum é responder aos leitores a questões relacionadas com a temática. É muito interessante verificar que algumas revistas procuram manter as rubricas sobre sexologia com uma regularidade semanal. É o caso das revistas *Ana*<sup>10</sup> e *Maria*<sup>11</sup>. Podemos, no entanto, identificar outras tantas revistas com rubricas sobre sexologia, como por exemplo, a revista semanal *Visão*<sup>12</sup> editada pela *Trust in News*, assim como as revistas mensais: *Happy Woman*<sup>13</sup>, editada por *Baleska Press*; *Saber Viver*<sup>14</sup>, edição da responsabilidade da *HOW - House Of Words*; *Men's Health*<sup>15</sup>, revista editada pela Global Media Group e *LuxWoman*<sup>16</sup> editada por *Masemba, Lda*.<sup>17</sup>

No plano televisivo, destacamos a rubrica, que decorreu até 2018, “Mesa de especialistas sobre Mitos & Verdades do Corpo Humano”, inserida no programa televisivo matinal *Você na TV*, do canal TVI, em que vários especialistas, incluindo

---

<sup>8</sup> 40% dos homens e mulheres portugueses têm problemas sexuais de acordo com dois estudos feitos por Pedro Nobre, atualmente Presidente da Associação Mundial de Saúde Sexual (WAS) e por Ana Gomes e Manuela Peixoto, investigadores do Sexlab, na Universidade do Porto. <https://www.publico.pt/2018/09/04/sociedade/noticia/quase-metade-dos-portugueses-tem-problemas-sexuais-1842934>

<sup>9</sup> Numa pesquisa *online*, as editoras mais populares apresentam livros relacionados com o tema de sexologia, espalhados por vários subtemas, mas sempre relacionados com Psicologia, Psiquiatria ou Saúde. No entanto, é a editora LIDEL que apresenta no seu catálogo *online*, um campo denominado como *Ciências da Saúde*, dividido por vários subcampos. Cada subcampo remete para um tema. A sexologia tem o seu próprio subcampo demarcado face a todos os outros subcampos. <https://www.lidel.pt/pt/>

<sup>10</sup> As revistas *Ana* e *Maria* são editadas pelo grupo empresarial português, Grupo Impala. <https://www.impala.pt/>

<sup>11</sup> No caso da revista *Maria*, o número de revistas em circulação i.e., o número de exemplares desta revista efetivamente vendido/ distribuído situa-se entre as 106 mil revistas e as 110 mil revistas, o que faz dela a 4ª maior revista em circulação em Portugal ([http://www.apct.pt/Analise\\_simples.php?idSegmento=&ano=2018&ordenacao=circulacao1Bi%20DESC](http://www.apct.pt/Analise_simples.php?idSegmento=&ano=2018&ordenacao=circulacao1Bi%20DESC))

<sup>12</sup> <http://visao.sapo.pt/informacao/permanente/2009-02-17-Ficha-Tecnica>

<sup>13</sup> [http://www.meiosepublicidade.pt/2006/03/\\_O\\_objetivo\\_liderar\\_o\\_segmen/](http://www.meiosepublicidade.pt/2006/03/_O_objetivo_liderar_o_segmen/)

<sup>14</sup> <https://www.saberviver.pt/>

<sup>15</sup> <https://menshealth.pt/estatuto-editorial/>

<sup>16</sup> <http://masemba.com/portfolio-item/luxwoman/>

<sup>17</sup> Destacamos estas revistas por serem aquelas em que existe uma colaboração ocasional com o especialista que nos vai ajudar com a presente tese, Dr. Fernando Mesquita.

um sexólogo, se reúnem para debater e responder a questões relacionadas com a área do saber de cada um dos especialistas<sup>18</sup>.

Na verdade, após pesquisa aos arquivos *online* do canal televisivo RTP1, verificamos que a partir de 1987 surgem as primeiras peças jornalísticas relacionadas com este tema, inseridas nos telejornais da época. Mas só em 1999 surge um programa semanal intitulado “Já que falamos de sexo”, apresentado por Francisco Allen Gomes, psiquiatra, cujo objetivo era o de debater os comportamentos sexuais e o papel da sexualidade na sociedade portuguesa.<sup>19</sup>

Também a indústria farmacêutica tem acompanhado a crescente atenção que a sexologia tem despertado na sociedade portuguesa, procurando conquistar o seu espaço dentro desta especialidade.

Em conversa que tivemos com o Dr. Fernando Mesquita<sup>20</sup>, fomos informados que a influência da indústria farmacêutica é seriamente sentida em finais dos anos mil novecentos com o lançamento do medicamento *Viagra* pelo laboratório *Pfizer*. Este medicamento veio revolucionar o campo da sexologia, permitindo novas terapêuticas para a disfunção erétil.

Silveira Nunes (2003), por sua vez, refere-se ao XV Congresso Mundial de Sexologia que se realizou em Paris, em 2001, de modo crítico face à relação que se tem vindo a estabelecer entre a indústria farmacêutica e a sexologia. Silveira Nunes não deixa de evidenciar a influência que esta indústria pretende conquistar junto dos profissionais:

“... a eficácia de algumas terapêuticas médicas fez entrar no campo, massivamente<sup>21</sup>, a indústria farmacêutica. Bastou ver a triste feira de múltiplos fármacos e dispositivos que as diversas firmas montaram para os congressistas (...) e o frenesim acumulativo dos brindes oferecidos pelos seus representantes às habituais hordas de técnicos patrocinados pelas mesmas – que só era costume ver-se nas reuniões de outras especialidades.”(Fonseca, Lígia; Soares, Catarina; Machado Vaz, 2003, p.11)

Atualmente, a influência da indústria farmacêutica e a sua presença nos vários congressos e conferências que se fazem um pouco por todo o mundo é uma constante, até porque muitas companhias farmacêuticas patrocinam estes congressos. Por exemplo, a *World Association of Sexual Health* (WAS), quando estava a organizar o 24<sup>o</sup> Congresso Da World Association of Sexual Health em

---

<sup>18</sup> Na rubrica “Mesa de especialistas sobre Mitos & Verdades do Corpo Humano”, os especialistas são Dr. Vara Luís, neurologista, Dr. Fernando Mesquita, psicólogo/ sexólogo, Dra. Iara Rodrigues, nutricionista, e o Dr. Armando Garcia, oftalmologista respondem a questões feitas pelo público.

<sup>19</sup> <https://arquivos.rtp.pt/programas/ja-que-falamos-em-sexo/page/1/#filters>

<sup>20</sup> Dr. Fernando Mesquita, psicólogo e sexólogo. Autor de livros e presença pontual em programas de televisão.

<sup>21</sup> Escrito desta maneira no original.

outubro de 2019, no México, procurava patrocinadores dentro da indústria farmacêutica:

“when you sponsor the WAS Congress, you reach more people than just those who attend. One of the many benefits of sponsorship is your brand's exposure to more than 60K experts within the field of sexual health (as your name and your website address will be included in WAS online Newsletters). The majority of brand exposure happens beforehand – secure your sponsorship early on. (...) **Get a Chance to Know Other Businesses** – you can form new business partnerships, meet business professionals in complimentary businesses with which you share the same target market but are not in competition. Our previous sponsors included companies such as Pfizer, Eli Lilly, Johnson & Johnson, Solvay, Coloplast and Taylor & Francis.”<sup>22</sup>

A presença da indústria farmacêutica em congressos é uma realidade em todo o mundo. Não só pelo desenvolvimento de medicamentos que permite novas terapêuticas no tratamento de problemas relacionados com a sexologia, mas, também, como foi evidenciado pela citação anterior, pela possibilidade de conquistar novos mercados de negócio ou criar parcerias de negócio. Em finais dos anos mil novecentos, a indústria farmacêutica revolucionou a área da sexologia. A partir deste momento, a sexologia tem sido um mercado lucrativo. A título de exemplo, o medicamento *Viagra*, em 2017, rendeu à farmacêutica Pfizer uma receita global de 1035 milhões de euros<sup>23</sup>.

Atualmente, os temas da sexualidade têm conquistado espaço na sociedade portuguesa. Por um lado, as pessoas procuram conhecer mais sobre sexualidade e, por outro lado, os diversos setores da sociedade portuguesa preocupam-se em dotar as pessoas com o conhecimento necessário para melhor compreenderem os temas da sexualidade.

É neste âmbito que o setor político tem promulgado várias leis no sentido de desenvolver uma política de inclusão<sup>24</sup>. As consultas de sexologia nos hospitais públicos têm vindo a aumentar. Em 1975, surgem as primeiras consultas de sexologia nos hospitais públicos portugueses em Coimbra, Lisboa e Porto e, atualmente, podemos encontrar consultas de sexologia distribuídas um pouco por todo o país, inclusive nas ilhas<sup>25</sup>. No campo da Educação, o governo português apresentou o decreto-lei 259/2000 que reconhece a escola como entidade competente para

---

<sup>22</sup> <https://www.was2019.org/>

<sup>23</sup> <https://www.dn.pt/vida-e-futuro/interior/viagra-chegou-ha-20-anos-mas-portugueses-ja-tem-outro-favorito-9847268.html>

<sup>24</sup> Portugal aprovou a nova lei sobre a identidade de género em Abril de 2018 e reapreciada em agosto de 2018 - Lei nº38/2018 (<https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/115933863/details/maximized> )

<sup>25</sup> <http://spsc.pt/index.php/consultas-publicas/>

desenvolver estratégias de promoção e educação para a Saúde, incluindo a educação sexual nos currículos dos ensinos básico e secundário. (Paulos & Valadas, 2015)

Também não podemos deixar de mencionar o caráter interdisciplinar da sexologia. A sexologia relaciona-se com outros campos de conhecimento por exemplo com a psicologia, medicina e a antropologia entre outros.

Em 1907, Iwan Bloch, no seu livro *The Sexual Life of Our Time in Relation to Modern Civilization*, apresenta pela primeira vez um novo conceito: «Sexualwissenschaft»<sup>26</sup>, (sexologia). Nesta altura, a sexologia tinha como preocupação central contrariar a forte patologização dos problemas do foro sexual que predominou até ao início do século XX. Até aí, os problemas relacionados com a sexualidade eram considerados como uma patologia ou uma perversão e, portanto, um problema médico. No entender de Iwan Bloch, problemas do foro sexual deveriam ser analisados tendo em conta todas as outras áreas do saber. A sexologia surge assim como “parte da ciência da humanidade geral, que é constituída pela união de todas as outras ciências – biologia geral, antropologia e etnologia, filosofia e psicologia, a história da literatura e toda a história da civilização.” (Fonseca, Soares, & Machado Vaz, 2003, p.17).

Esta interdisciplinaridade também explica o interesse que a área da sexologia tem despertado nos profissionais das diversas áreas de conhecimento.

De facto, num estudo de 2016 feito em Portugal intitulado “A construção da sexologia como profissão em Portugal”, Violeta Alarcão, Fernando Machado e Alain Giami concluíram que os participantes inquiridos, que trabalhavam em sexologia ou em áreas relacionadas com a sexologia, se denominavam sexólogos porque tinham tido alguma formação em sexologia ou em sexualidade humana, apesar de a sua formação académica de base ser em urologia, ginecologia, psiquiatria, psicologia, enfermagem, entre outras. Este estudo também veio indicar que estes profissionais reconheceram que beneficiariam em aprofundar o conhecimento em sexologia, a par das suas formações académicas de base. (Alarcão et al., 2016)

O caráter multi- e interdisciplinar da sexologia permite-nos olhar para o funcionamento sexual humano como um cruzamento de fatores dos diversos ramos do conhecimento e que se relacionam entre si, sejam eles fatores do foro sexual, fatores do foro da personalidade, sociais ou culturais. (Fonseca et al., 2003)

Por um lado, o interesse que o campo da sexologia tem despertado no público em geral e, por outro, a multi- e a interdisciplinaridade deste campo levam-nos a acreditar que tanto o público em geral como os profissionais médicos e não-médicos beneficiariam se a área da sexologia se apresentasse conceptualmente bem

---

<sup>26</sup> traduzido para português como sexologia e na Europa como sexology (en) ou sexologie (fr).



estruturada, contribuindo para uma comunicação clara, precisa e de reduzida ambiguidade entre profissionais e público em geral.

### 1.1. Sexologia em Portugal: breve histórico

A sexologia em Portugal é caracterizada por dois grandes marcos. Por um lado, pelos estudos de Egas Moniz (1901 – 1933) e, por outro, pelo aparecimento da Sociedade Portuguesa de Sexologia em 1985. (Pacheco, 2000; sítio da SPSC<sup>27</sup>).

Até 1926, Portugal estava atento ao que se ia fazendo noutros países, mas com uma forte componente ligada aos costumes do povo. Por exemplo, na segunda metade do século XX, surgem os bailes, vistos como locais de encontro, que são transversais a todas as classes sociais e onde “as jovens casadoiras ostentavam sex-appeal e *toilettes*, num rodopio de danças de romaria ou polkas de importação...” (Pacheco, 2000, p. 87)

Ainda nesta época, podemos encontrar as *soirées* dançantes destinadas a um público e ambiente mais eruditos, funcionando como locais de encontros amorosos e que já começavam a ter alguma visibilidade na imprensa nacional, tal como verificamos na crónica de 1886, anexo II, e que também pode ser consultado na hemeroteca digital.<sup>28</sup>

No final do século XIX, surge o animatógrafo que, além de ser uma prática de lazer, trazia para a cena uma maior liberdade e, portanto, um afastamento da vigilância familiar permitindo aos jovens “toda a sorte de pequenos e fortuitos contatos íntimos, bem como a troca direta de mensagens amorosas e apaixonadas. (Pacheco, 2000, p. 88)

No início do século XX, o vestuário feminino que antes era largo e comprido passa a ser substituído por saias curtas e justas; começa a ser habitual o uso de produtos de maquilhagem, bem como a depilação. É também neste século que se começa com as idas à praia: “em 1920, as mulheres já iam à praia tomar banho, descontraidamente, sem vislumbre de pudor.” (Pacheco, 2000, p. 89)

Portugal parecia estar a caminhar para uma evolução de costumes e avanço na área da sexologia, sinal normal dos tempos.

No entanto, em 1926, com a queda da I República e início do Estado Novo, há, na perspetiva de Pacheco (2000, p.126), um retrocesso de ideais. Pretende-se, com esta

---

<sup>27</sup> <http://spsc.pt/index.php/a-genese-da-spsc/>

<sup>28</sup> <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/objectivos.htm>

nova realidade portuguesa, um retorno ao ideal tradicionalista. Para Martins (1995), citado por Pacheco (2000, p. 126), o Estado Novo encarava

“o corpo, sobretudo o feminino,” como fonte de pecado e, portanto, era preciso que fosse tapado de modo a evitar o pecado. As danças importadas, como o foxtrot e o tango eram amplamente criticadas, pretendendo-se um revivalismo das danças portuguesas como o *vira*. Até mesmo, o papel da mulher na sociedade foi reduzido ao tipo da mulher “submissa, amorosa, fiel, dona de casa, de novo concentrada no espaço doméstico”. (Pacheco, 2000, p. 118)

Todavia, se por um lado, o início do século XX se caracterizou por ser marcadamente repressivo face ao sexo e até mesmo face ao papel da mulher na sociedade, por outro lado, academicamente, surge Egas Moniz que, com os seus estudos, nomeadamente, *A vida sexual I, fisiologia*, em 1901, e mais tarde *A vida sexual II, patologia* – este último que chega a atingir a 19ª edição, entre 1913 a 1933 – desempenharam um papel crucial no que mais tarde viria a ser a sexologia em Portugal

Como Correia (2010) defende, Egas Moniz ganhou ampla popularidade “pois quer a favor, quer contra, a sexualidade era encarada com um puritanismo e um evitamento que não poderia deixar de suscitar celeumas. Porém, a ousadia provou ser altamente compensadora. Egas Moniz passou a ser uma referência incontornável no âmbito das disfunções e doenças associadas à sexualidade.” (Correia, 2010, p. 67)

A obra de Egas Moniz, nomeadamente os dois volumes que mais tarde foram compilados num só volume, aborda questões várias sobre o sexo e a sexualidade, questões frequentemente consideradas muito sensíveis para a época. Foi considerado um *best-seller* talvez pelo facto de em Portugal este tipo de publicações ser ainda muito incipiente. De tal modo que o Estado Novo restringiu a sua circulação a uma venda só conseguida através de receita médica. (Correia, 2010, p. 273)

A relação entre o que se fazia em Portugal e na Europa, embora com alguma diferença temporal, é francamente visível com a obra de Egas Moniz. Uma vez que a obra *A vida sexual* é inspirada na obra de Krafft-Ebing, *Psychopathia Sexualis* de 1886, um marco na esfera da sexologia em toda a Europa.

No entanto, como diz Correia (2010, p. 273) “ao longo do século XX os pontos de vista sustentados por Egas Moniz foram obsolescendo. O próprio Krafft-Ebing, a que Egas Moniz recorre, alterará o seu ponto de vista relativamente a alguns comportamentos, orientações e opções, no que já não será acompanhado nem seguido pelo autor de *A Vida Sexual*.”

Nos finais da década de 60 do século XX, surge a Andrologia como disciplina autónoma, visando problemas de infertilidade e ambiguidade sexual. Em 1968, é

criada a Unidade de Andrologia no Hospital Santo António, no Porto. Em 1979, é constituída a Sociedade Portuguesa de Andrologia<sup>29</sup>.

A ginecologia desde o fim do século XIX era considerada como um ramo da cirurgia. Só em 1954 é criada a Sociedade Portuguesa de Obstetrícia e Ginecologia, combinando estas duas especialidades. Em 1975, surge a Sociedade Portuguesa de Ginecologia, distanciando-se da obstetrícia<sup>30</sup>.

E assim, estão lançados os alicerces para o aparecimento da Sociedade Portuguesa de Sexologia, em 1985.

No entanto, convém referir que já em 1975, são dadas as primeiras consultas de sexologia nos hospitais públicos em Coimbra, Lisboa e Porto. Os médicos psiquiatras responsáveis por estas consultas são Francisco Allen Gomes, Júlio Silveira Nunes, Afonso de Albuquerque e António Pacheco Palha que “trazem para o nosso país técnicas terapêuticas da sexualidade, nomeadamente as que são desenvolvidas nos anos 1960 e 1970, por William Masters e Virginia Johnson, nos EUA.”<sup>31</sup> Em 1977, é criada a consulta de terapia sexual no Hospital Júlio de Matos. Facilmente, podemos deduzir que o início do campo da sexologia é dominado por psiquiatras.

Em 1984, de modo a estabelecer uma comunicação eficaz entre os profissionais da área, é realizado o 1º Congresso Nacional de Sexologia, onde são convidados vários profissionais de variadíssimas áreas do conhecimento (médicos, psicoterapeutas, juristas, antropólogos, escritores, artistas, entre outros), deixando transparecer a transversalidade da sexualidade.

Em 1985, nasce a Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica que define como objetivo “promover a divulgação de conhecimentos científicos no campo da sexologia e o agrupamento dos técnicos que se ocupem dos problemas da sexologia clínica”.<sup>32</sup>

Em conversa que tivemos com o Dr. Fernando Mesquita, psicólogo/ sexólogo, foi afirmado que desde o aparecimento do Viagra (1998), as pessoas começaram a ver as dificuldades sexuais em geral e a disfunção erétil em particular como um problema com solução. Também ao longo dos anos, as mulheres têm considerado a sexualidade como parte integrante da sua vida. Mesquita menciona que, atualmente, no seu consultório, tem pacientes de várias idades, sendo a faixa etária mais representativa aquela que se situa entre os 35 e os 50 anos, homens e mulheres, independentemente da sua orientação sexual.

Atualmente, e ainda de acordo com o Dr. Fernando Mesquita, por um lado, a consciência por parte dos indivíduos de que as dificuldades sexuais podem ser

---

<sup>29</sup> <http://www.spandrologia.pt/?pid=39>

<sup>30</sup> <http://www.spginecologia.pt/sociedade/historia.html>

<sup>31</sup> <http://spsc.pt/index.php/a-genese-da-spsc/>

<sup>32</sup> <http://spsc.pt/index.php/a-genese-da-spsc/>

solucionáveis e, por outro, a maior liberdade das mulheres face à sua sexualidade leva a que as pessoas procurem mais facilmente ajuda de um terapeuta sexual, independentemente de a dificuldade estar em si ou no seu parceiro(a).

## 1.2. Sexologia na Europa e nos USA: breve histórico

Falar em sexologia em contexto europeu deverá passar necessariamente por Richard Von Krafft-Ebing, psiquiatra alemão, que, em 1886, apresenta o seu estudo sobre perversão, *Psychopathia Sexualis*. Neste estudo, Krafft-Ebing afirmava que a sexualidade, ao contrário do que se pensava, exercia uma forte influência sobre os sentimentos, pensamentos e comportamentos e que deveria ser estudada cientificamente. Apesar dos inúmeros estudos anteriores sobre comportamentos sexuais, o estudo de Krafft-Ebing é considerado o grande marco na área da sexologia<sup>33</sup>, pois este apresenta um levantamento sistemático e exaustivo das diversas formas de perturbação da vida sexual humana, permitindo olhar para este tipo de perturbações como transtornos médico-psiquiátricos.

Nesta perspetiva, surgem vários estudos:

- Continuam os estudos de Krafft-Ebing, 1840-1902, muito ligados ao comportamento sexual e às perversões sexuais;
- Havelock Ellis, 1859-1939, médico e psicólogo britânico que se preocupou em falar abertamente sobre práticas heterossexuais, mas também homossexuais, tentando, desta maneira, desmistificar o sexo;
- Magnus Hirschfield, 1868-1935, sexólogo alemão, descreveu e trabalhou com pessoas que ele descrevia como sendo transexuais;
- Iwan Block, 1872-1922, dermatologista alemão, considerado como tendo criado e vulgarizado o termo «sexologia», em 1907, com a publicação de *The Sexual Life of Our Time in Relation to Modern Civilization* e, também, considerado como um elemento fundamental para a formalização da disciplina de sexologia;
- Sigmund Freud, 1856-1939, neurologista austríaco, considerado o fundador da psicanálise e, consequentemente, da técnica psicanalítica: a livre associação<sup>34</sup>.

---

<sup>33</sup> Utilizamos o termo sexologia por comodidade discursiva apenas, uma vez que este termo só surge mais tarde.

<sup>34</sup> A técnica da livre associação consiste em que o paciente exprima todos os seus pensamentos, sem qualquer filtro, a partir da evocação de um determinado elemento, enquanto o terapeuta vai anotando o que lhe parecerá ser importante para a análise daquele paciente.

Estes especialistas são considerados os fundadores do “moderno entendimento científico da sexualidade”, pela análise sistemática dos problemas do foro da sexualidade que, durante o século XIX, começaram a ser encarados como patologias e/ ou perversões sexuais e, portanto, poderiam ser alvo de terapêuticas e serem tratadas. (Garton, 2009, p. 257)

Ainda durante o século XIX, para muitos estudiosos da sexualidade, a questão era saber até que ponto as perversões eram inatas ou adquiridas. Isto é, se as perversões sexuais eram hereditárias ou se eram o resultado “do meio, do desajustamento psicológico ou do trauma familiar e pessoal.” (Garton, 2009, p. 271)

Assim, as questões da sexualidade estavam divididas em dois grandes grupos: os que acreditavam que as perversões eram hereditárias, como era entendido por Krafft-Ebing e os defensores da psicoterapia que acreditavam que os problemas sexuais, as perversões, deveriam ser analisados à luz da psicologia, como era defendido por Carl Jung. (Garton, 2009, p. 271)

A partir do século XIX, surgem vários trabalhos e estudos de sociólogos, antropólogos, psicólogos, psicanalistas, entre outros, preocupados em estudar e melhor conhecer questões relacionadas com a sexualidade.

É importante mencionar o papel crucial que os pacientes desempenharam no desenvolvimento da sexologia. Inicialmente os pacientes participavam nos estudos através de entrevistas clínicas e de histórias de vida, isto é, registos biográficos. A partir de 1930, surgem os questionários e modalidades de trabalho de campo e no período de 1960 a 1970, surgem os métodos de observação e da experimentação em laboratório de modo a conseguir responder a questões do foro sexual. Atualmente, de acordo com (Paiva, 2008, p. 643), os profissionais da área da sexologia trabalham em modelos clínicos de intervenção.

De facto, os pacientes foram e continuam a ser peças chave no desenvolvimento da sexologia, permitindo que importantes estudos fossem realizados, como foi o caso do importante estudo de Krafft-Ebing, *Psychopathia Sexualis*.

Na verdade, toda a pesquisa de Krafft-Ebing teve como base milhares de casos de pacientes seus que o procuravam e que lhe permitiam consubstanciar os seus estudos. Isto possibilitou a Krafft-Ebing propor termos como “fetichismo, sadismo e masoquismo e popularizando outros como hermafroditismo sexual”. (Garton, 2009, p. 266)

Outra figura crucial no desenvolvimento da sexologia foi Sigmund Freud a quem devemos os conceitos de “linguagem do Inconsciente, ego, superego, repressão, projeção, fixação e complexo de Édipo”, o que veio a ser decisivo nas teorias modernas da sexualidade e desenvolvimento psicosexual, pelo seu interesse no

funcionamento da mente, concentrando a sua atenção no estudo do inconsciente. (Garton, 2009, p. 247, 282)

Na perspectiva de Freud, todos os indivíduos tinham instintos sexuais e questionava-se se os indivíduos conseguiriam dominar esses instintos. O instinto sexual, sendo uma constante na vida do indivíduo, era, segundo o autor, canalizado para outras atividades como a expressão artística, para o trabalho ou, nos piores casos, transformava-se em neuroses. Para este psicanalista, toda a vida sexual era encarada como o resultado de conflitos entre instintos e sociedade. Stephen Marcus, citado por Garton, considera que Freud estava na fronteira de dois grandes momentos da história da sexualidade. Um período pré-Freud em que a sexualidade deveria ser reprimida e um pós-Freud em que “foi possível perceber como era a sexualidade e que a repressão excessiva era prejudicial” (Garton, 2009, p. 283)

Nos anos 60 do século XX, assiste-se a uma viragem de perspectiva da sexologia, através das teorias interacionistas<sup>35</sup> da sociologia. Nesta linha de pensamento, encontramos sociólogos de renome como Peter Berger e Thomas Luckman que defendiam que “a sociedade constrói papéis sociais que as pessoas tendem a adotar como guiões para formas de interação com outros membros da comunidade.” (Garton, 2009, p. 25)

Mediante o estatuto social de cada indivíduo, assim, cada um desempenha determinados papéis. Por exemplo, o “pai” desempenha um papel social que lhe é conferido pelo que ele representa, ele assume um padrão de comportamento, determinado pela sua posição social. À “mulher-mãe”, que desempenha o papel social de mãe, é esperado que cuide e eduque os filhos. Como se a sociedade apresentasse um guião para cada pessoa face ao seu papel social.

Na verdade, a sociedade apresentava uma panóplia de guiões para a normalidade e anormalidade e estes guiões ou papéis variavam nas diferentes culturas. Nesta perspectiva, os papéis sexuais e as ideias de comportamento masculino e feminino assumem um interesse cada vez mais relevante, porque se começa a questionar se esses são respetivamente exclusivos da condição de ser homem e mulher e se os papéis sexuais são também exclusivos para homem e para mulher, tanto ao nível do trabalho (profissões distintas para homens e para mulheres) como a atitude expectável que tanto o homem como a mulher deverão desempenhar na sociedade. Como, por exemplo, se o indivíduo heterossexual se regesse por determinados padrões de comportamento porque pertence ao grupo de cariz heterossexual sendo, portanto, esperado que ele siga o que aquele grupo defende.

Como afirmam Basow (1992) e Burr (1998), citados por Oliveira e Amâncio (De Oliveira & Amâncio, 2002, p. 45):

---

<sup>35</sup> Este tipo de teorias defende que a aprendizagem do indivíduo, as suas características individuais e o modo como se comporta são conseguidos pela sua interação com o meio que o rodeia e com os outros na sociedade.

“O conceito de papel sexual tem sido frequentemente utilizado na psicologia social e na sociologia para caracterizar comportamentos e atitudes consonantes com o sexo do actor que os realiza, exprimindo assim uma dimensão normativa. (...) Para Vivian Burr (1998), o papel corresponde ao conjunto de comportamentos, deveres e expectativas, ligados a uma posição na hierarquia social. Assim, e aplicando esta definição aos papéis sexuais, estes corresponderão a esse conjunto de comportamentos, expectativas e deveres, aplicados à pertença de um determinado indivíduo a um determinado grupo de sexo.”(De Oliveira & Amâncio, 2002, p. 45)

Nos anos 60 e 70 do século XX, vários sociólogos, como Howard Becker, começaram a desenvolver teorias de rotulagem e do desvio<sup>36</sup>. Assim, os desvios sexuais eram vistos como um fenómeno social em vez de uma anomalia natural ou biológica. Para a socióloga Mary Macintosh (1968), o papel estigmatizado do homossexual era o resultado de processos sociais e culturais específicos, remetendo o papel *homossexual* para um facto social e não para uma condição biológica, médica ou psicológica, uma vez que em determinadas culturas aborígenes, a homossexualidade era aceite como papel social. (Garton, 2009, p. 26)

Em 1963, Margaret Mead, antropóloga norte-americana, apresenta estudos sobre as teorias da adolescência americana da época, tentando definir o “sexual” como social, isto é, “aquilo que era socialmente formado possa ser socialmente modificado” (Vale de Almeida *in* Fonseca, Lígia; Soares, Catarina; Machado Vaz, 2003, p. 62) O grande tributo de Mead foi mostrar que o género, no ocidente, não era o resultado “nem natural, nem cumulativo de uma evolução humana geral”. Mead demonstra que “as emoções sexuadas são construções sociais”, definidas mais pelos costumes, pelo social, do que pela natureza. Assim, Mead abre a porta para a diferença entre género e sexo. (Vale de Almeida *in* Fonseca, Lígia; Soares, Catarina; Machado Vaz, 2003, p. 62)

De facto, o que antes era considerado essencialmente masculino ou feminino não é mais do que o resultado de um condicionamento social. Como Mead defende, “já não é possível, à luz dos factos, considerar que traços como passividade ou agressividade sejam determinados pelo sexo do indivíduo.” (Vale de Almeida *in* Fonseca, Lígia; Soares, Catarina; Machado Vaz, 2003, p. 63)

A partir dos anos mil novecentos e 80 e, principalmente, com os trabalhos de Mead, começam a surgir vários estudos sobre a sexualidade em que o tópico é a diferença entre sexo e género. Também é por volta dos anos mil novecentos e 80 e 90 que assistimos a um debate entre duas grandes correntes da sexualidade; o

---

<sup>36</sup> O ponto-chave das teorias de rotulagem prende-se com o facto de que os indivíduos constroem a sua identidade através da percepção que a sociedade tem deles próprios. Um indivíduo que é rotulado socialmente, por exemplo, de criminoso tenderá a apresentar um comportamento característico com o mundo do crime.

*essencialismo* que prevaleceu durante o século XIX e o *construtivismo social* que surge no século XX, como crítica às ideias defendidas pela corrente essencialista.

Os essencialistas acreditavam na sexualidade enquanto afirmação de manifestações fixas e imutáveis. Estes pretendiam encontrar continuidade na sexualidade ao longo dos tempos e culturas. Como se a sexualidade fosse caracterizada por ser estável, sem variação e determinada por fatores biológicos e fisiológicos. Tudo o que fugisse da norma seria considerado como patológico ou fruto de uma socialização perversa. Para esta corrente, em todos os indivíduos há uma pré-disposição para serem heterossexuais. A diferenciação entre o comportamento do homem e o comportamento da mulher era atribuído ao fator genético, o homem nasce homem e comporta-se como todos os homens da sociedade, acontecendo o mesmo com a mulher. Qualquer comportamento que fugisse da normalidade enunciada seria patológico. (Solana, 2018, p.407-414)

Os construtivistas sociais defendiam a descontinuidade face ao passado. Por exemplo, os construtivistas defendiam que, até ao século XIX, conceitos como *homossexual* não existiam no passado e que as culturas sexuais estavam organizadas diferentemente dos tempos modernos ocidentais. A sexualidade é uma construção social, cultural, política e histórica do indivíduo, isto é, a identidade sexual de cada indivíduo é uma escolha ou uma opção, baseada na interação do indivíduo com todas as influências que o rodeiam. Como se o indivíduo estivesse preso num sistema social, cultural político e histórico do qual não pudesse ser retirado e estudado isoladamente.

Garton (2009, p. 47), citando Jeffrey Weeks, historiador e sociólogo, também, construtivista social, dizia “somos nós que fazemos a história sexual...podemos não a fazer em circunstâncias inteiramente escolhidas por nós, mas temos mais hipóteses de escolha do que muitas vezes acreditamos ter.”

Convém referir que estas duas correntes partilham alguns postulados. Ambas encaram os traços históricos, culturais e sociais como marcantes na sexualidade, mas o centro de atenção que cada uma dá à sexualidade é diferente: os essencialistas centram-se na biologia, na genética, enquanto os construtivistas se centram no fator social.

Por volta dos anos mil novecentos e 90 assistimos ao desenvolvimento das teorias de género motivadas pelas correntes feministas. De facto, os movimentos feministas interessaram-se e empenharam-se muito em trazer para a sociedade a reflexão sobre o sexo biológico e o género. (Garton, 2009, p. 56)

Este despertar da sexualidade enquanto alvo de estudo levou a que a investigação sobre o sexo se tenha tornado relevante na sociedade.



Dos vários estudos feitos ao longo do século XX, destacamos o estudo feito à população americana, por Alfred Kinsey (1948 e 1953). Apesar de este ter sido feito no final dos anos 30, o trabalho de Kinsey sobre os comportamentos sexuais abriu o estudo do sexo a uma disciplina científica<sup>37</sup>.

Para Kinsey, os conceitos de *homossexual*, *heterossexual* e *bissexual* eram insuficientes para ilustrar a orientação sexual/ comportamento sexual. Desta maneira, Kinsey apresenta uma escala de sete categorias variando do exclusivamente heterossexual ao exclusivamente homossexual com várias misturas dos extremos pelo meio<sup>38</sup>.

De facto, Kinsey com os seus estudos publicados em 1948, referente ao comportamento sexual do homem, e, em 1953, referente ao comportamento sexual feminino, marcou fortemente a revolução sexual dos anos mil novecentos e 60/70. Os seus estudos foram de tal ordem importantes que, atualmente são considerados como um dos maiores estudos do comportamento sexual humano.

O século XXI vem reforçar o papel sociocultural que atravessa a sexologia. Desta forma, Vale de Almeida defende que conceitos como identidade, comunidade e até política deverão continuar a ser objeto de estudo, muito também pelo desenvolvimento da teoria *queer*.<sup>39</sup>(Vale de Almeida in Fonseca, Lígia; Soares, Catarina; Machado Vaz, 2003, p. 72)

## **2. Organismos de Representação da Sexologia:**

### **2.1. World Association for Sexual Health (WAS)**

A *World Association for Sexual Health* (WAS) é considerada a maior organização internacional de saúde sexual cujo objetivo é o de promover “sexual health throughout human life spans all over the world by developing, promoting and supporting sexology and sexual rights for all”<sup>40</sup>

A WAS foi fundada em 1978, em Roma, com a designação de *World Association of Sexology*. No entanto, mais tarde, esta organização mudou o seu nome para *World Association of Sexual Health*. Esta nova designação pretende ser mais abrangente para incluir tudo o que possa afetar a saúde sexual dos indivíduos, sendo a sexologia

---

<sup>37</sup> Mencionamos este estudo por ser considerado o grande projeto sobre a sexualidade humana, não só pelo número de participantes e pelo diálogo feito com as outras áreas do conhecimento, mas, sobretudo, pela técnica usada nas entrevistas.

<sup>38</sup> <https://kinseyinstitute.org/research/publications/kinsey-scale.php>

<sup>39</sup> A teoria queer tem a sua base no movimento gay, mas, enquanto que aquele luta pela igualdade, a teoria que defende um posicionamento anti-normativo face à sexualidade.

<sup>40</sup> <https://www.was2019.org/>

apenas um segmento da vida sexual humana. Desta maneira, a WAS defende aspetos como a educação sexual, o avanço científico de estudos na área da sexologia. o trabalho a desenvolver pelos profissionais de sexologia de modo a restabelecer a saúde sexual dos indivíduos. a promoção de congressos sobre saúde sexual, entre outros.<sup>41</sup>

Quanto aos seus membros, a WAS tem representação nos cinco continentes:

- *Asia and Oceania Federation of Sexology (AOFS)*
- *European Federation of Sexology (EFS)*
- *Latin American Federation of Sexology and Sexual Education (FLASSES)*
- *North American Federation of Sexuality Organizations (NAFSO)*
- *African Federation for Sexual Health and Rights (AFSHR)*

Além destas federações de sexologia, a WAS conta também como seus membros mais de uma centena de organizações nacionais e internacionais de sexologia, bem como vários Institutos e Fundações.<sup>42</sup>

## **2.2. European Federation of Sexology (EFS)**

A European Federation of Sexology (EFS)<sup>43</sup> tem o seu início em 1988 e, a partir de 1991, apresenta-se como uma organização sem fins lucrativos, relacionada com a WAS, mas mantendo a sua independência jurídica e administrativa.

A EFS surge com o objetivo de coordenar as associações, sociedades e outros membros europeus cujo trabalho é realizado na área da sexologia. A EFS pretende ainda motivar o estudo, a coordenação e o ensino da sexologia através de, por exemplo, programas de formação profissional nesta área, bem como consciencializar os profissionais para os vários temas da sexualidade humana. A EFS tem ainda como preocupação encorajar a investigação através de projetos na Europa.

De facto, a EFS pretende ter uma presença ativa, através da realização de congressos e reuniões científicas no campo da sexologia em diversos países europeus, cooperando com todas as sociedades e grupos de sexologia tanto a nível regional como a nível internacional.

---

<sup>41</sup> Em Outubro de 2019, irá ter lugar o 24 Congresso da *World Association for Sexual Health (WAS)* no México.

<sup>42</sup> [http://worldsexology.org/membership\\_soc.asp](http://worldsexology.org/membership_soc.asp)

<sup>43</sup> <http://www.europealsexology.com/documents-for-downloads.htm>

## 2.3. Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica (SPSC)

Em 1984, é organizado em Portugal o primeiro congresso nacional de sexologia. O objetivo deste congresso era o de promover o diálogo e a coesão no campo da sexologia, em resposta à “dispersão” e “falta de comunicação” entre os profissionais dos diversos campos da sexologia, em Portugal.”<sup>44</sup> Na verdade, este congresso reuniu profissionais das mais variadas profissões desde médicos, psicoterapeutas, juristas, antropólogos, entre outros.

O 1º congresso nacional de sexologia está na génese da SPSC que surge um ano mais tarde, 1985, cujo objetivo é o de “promover a divulgação de conhecimentos científicos no campo da sexologia e o agrupamento dos técnicos que se ocupem dos problemas da sexologia clínica”.<sup>45</sup>

Em finais dos anos de mil novecentos e 80 até, sensivelmente 1995, a Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica, SPSC, desempenhou um papel muito importante, como grupo de pressão, junto da Ordem dos Médicos, Comissão Nacional de Ética para as Ciências da Vida e órgãos governativos de modo a legalizar a reconstrução sexual, no caso dos transexuais. O que veio a ser possível em 1997.

No início dos anos mil novecentos e 90, a SPSC filiou-se na European Federation of Sexology e na World Association for Sexual Health. Em 1997, inicia a publicação de uma revista semestral *Acta Portuguesa de Sexologia* que pretende divulgar o conhecimento que se vai tendo nesta área.

Desde então, a SPSC tem vindo a desempenhar um papel importante na área da sexologia entre profissionais e público em geral, tendo-se realizado em Portugal, em 2018, o 14º Congresso da European Federation of Sexology, sob a égide da SPSC.

## 2.4. Identificação dos sítios oficiais das Sociedades de Sexologia Europeias

Como já afirmámos no capítulo anterior, a *Federação Europeia de Sexologia* foi criada em 1991, com o objetivo de coordenar as associações europeias, sociedades e membros, cujo trabalho se insere na área da sexologia, encorajando o ensino da sexologia e dotando os profissionais de formação nesta área. De acordo com os seus estatutos, a Federação pretende encorajar pesquisas relacionadas com a sexologia na Europa e, também, encorajar e organizar reuniões científicas sobre esta área.

---

<sup>44</sup> <https://spsc.pt/index.php/genese-da-spsc/>

<sup>45</sup> <https://spsc.pt/index.php/genese-da-spsc/>

De entre os membros da *Federação Europeia de Sexologia* estão as sociedades de sexologia apelidadas de *society members*: “Society members are the sexological societies or the scientific associations connected with clinical sexology, sexuality education, training, research, and counseling in Europe.”<sup>46</sup>

Como podemos observar, a Federação tem afiliados um pouco por toda a Europa e, em alguns casos, os países, tais como Bélgica e França, apresentam, além da sociedade, várias associações relacionadas com a sexologia. É também importante mencionar que a Federação não fecha portas aos países não-europeus que queiram ser membros da Federação. Neste caso, todos os países que queiram fazer parte da Federação são identificados como *affiliate members*. (ver anexo III)

#### **2.4.1. Critérios de qualidade para a análise dos sítios oficiais**

No mundo atual, o acesso à informação é conseguido eficazmente através das ferramentas disponíveis *online*. O utilizador consegue num curto espaço de tempo aceder a uma multiplicidade de fontes de informação sem que, no entanto, lhe sejam dadas garantias de credibilidade e de qualidade. Assim, é crucial que o utilizador se muna, tanto quanto possível, de ferramentas ou critérios de avaliação de modo a ter confiança na informação pesquisada que lhe é apresentada nos diversos sítios na internet.

Referimo-nos ao acesso à informação *online*, uma vez que, se por um lado, a informação está muito próxima do utilizador, por outro, a quantidade de informação disponível é avultada. De acordo com Viola & Garbelini (2011, p.25), a internet tem sido diariamente alimentada por páginas, sítios com variadíssima informação de maneira “não-ordenada e não-planejada de páginas na web, com informação de todo o tipo e não necessariamente científica”.

Este crescente e contínuo fluxo de informação justifica, para Tomaél (2008), citada por Viola & Garbelini (2011), o necessário uso de filtros que permitem pesquisar e usar informação de qualidade, i.e., fazer uma gestão da informação pela qualidade. (Viola & Garbelini, 2011, p. 25)

De certo modo, é tentar evitar o que Scheeder (2005), citada por Costa (2004, p.3) chamou de *crise na qualidade de informação*, devendo ser implementados critérios de qualidade de modo a que a informação possa ser considerada credível. Por exemplo, para aquela autora, um dos critérios mais sobejamente trabalhados é o da

---

<sup>46</sup><http://www.europeansexology.com/files/Statutes%20signed.pdf>

“autoridade”. Assim, “é da responsabilidade do profissional da informação verificar/confirmar a credibilidade e veracidade de um recurso que se afirma oficial.” (Costa, 2004, p. 3)

Para o utilizador individual, esta quantidade de informação que a internet possibilita apresenta-se muito apetecível, bastando um “clique” para poder ter acesso a informações a que de outro modo seria difícil aceder. Durante as nossas pesquisas aos sítios, através das palavras-chave *sexologia*, *recurso terminológico*, *terminologia* deparámo-nos com muitas páginas que pouco tinham a ver com terminologia a não ser o uso do termo “terminologia”.

Sendo a área da sexologia um campo do conhecimento cada vez mais visível e com uma forte presença na *internet*, compreendemos que a terminologia terá de ser tratada de modo consciente e clara para que o utilizador que procure saber mais, não se sinta defraudado ou ainda mais confuso do que estava ao dar início à sua pesquisa.

De acordo com Tomaél et al (2004), citado por Viola e Garbelini (2011, p. 27), “a importância de se avaliar a informação disponível na internet é bastante significativa para quem a utiliza para a pesquisa e é de extrema relevância para enfatizar a inconstância da qualidade das informações encontradas.” Sendo assim, a avaliação da informação e dos recursos nos sites poderá ser entendida como um conjunto de técnicas ou estratégias através de critérios de qualidade que permitem ao utilizador tomar as decisões de modo seguro e confiável.

Chegado a este ponto, parece-nos relevante referir a norma ISO 9000/2005 (International Organization for Standardization, 2015). Neste documento encontramos três conceitos que importa reter. São eles *qualidade*, *requisito* e *característica* que se na norma são definidos como se segue:

- Qualidade – “grau de satisfação de requisito dado por um conjunto de características intrínsecas”
- Requisito – “necessidade ou expectativa expressa, geralmente implícita ou obrigatória”
- Característica – “elemento diferenciador”, podendo ser intrínseca ou atribuída”

O conceito de *qualidade* surge como um conceito operacional em que quanto maior for o cumprimento dos requisitos de um produto/serviço, maior será a satisfação do cliente/utilizador. Nesta perspetiva, o noção de cliente é um ponto fundamental, pois é para ele que é criado determinado produto/serviço de modo a colmatar as suas necessidades (Silva, 2014, p. 50, 51). Neste seguimento, tal como Silva afirma (2014, p.72), a norma ISO 9000 apresenta o conceito de *qualidade* como tendo uma dupla face. Está relacionado, por um lado, com a importância da satisfação do

cliente/utilizador e, por outro, com a melhoria da qualidade do produto/ serviço oferecido.

Tendo em consideração a *dupla face* da qualidade, compreendemos que, o conceito de qualidade deverá estar na base do que pretendemos com o presente trabalho, que é o de criar os alicerces para um projeto futuro que passará pela proposta de um modelo de base de dados sobre sexologia dirigida, por exemplo, à Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica que possa integrar no seu sítio, i.e., dotar este sítio de um recurso terminológico que permita o acesso ao utilizador e, assim, torna-lo idealmente fonte de referência.

Neste contexto, é fundamental que todo o sítio da SPSC corresponda a critérios de qualidade necessários que terão de ser transversais, evidenciando informação clara, precisa e coerente à qual o utilizador possa aceder com confiança, principalmente, no que diz respeito à explicitação de conceitos constituintes da sexologia.

Quanto aos critérios de qualidade para avaliar a informação, escolhemos alguns que Tomaél et al (2000, p. 6-7) trabalharam e que nos pareceram ser essenciais para a análise que propomos fazer às páginas oficiais de sexologia. De seguido, apresentamos uma tabela de critérios de qualidade, isto é, um conjunto de requisitos que, quando cumpridos, permitem que um serviço tenha qualidade:

<b>Critérios de Qualidade</b>	<b>Detalhes relevantes</b>
Informações de identificação	<ul style="list-style-type: none"><li>• Contactos da empresa</li><li>• Objetivos da fonte e público-alvo</li></ul>
Consistência das informações	<ul style="list-style-type: none"><li>• Relevância e fiabilidade da informação</li><li>• Autoria</li><li>• Coerência</li><li>• Atualização</li></ul>
<i>Links</i>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Internos e externos</li><li>• Complementação da informação no sítio</li><li>• Operacionalidade</li></ul>
Facilidade de uso	<ul style="list-style-type: none"><li>• Navegação na fonte</li><li>• Na ótica do utilizador, ser de fácil exploração</li><li>• Recursos utilizados para pesquisa (tesauros, listas, glossários, mapa do sítio ...)</li></ul>
Suporte ao utilizador	<ul style="list-style-type: none"><li>• Contacto com o fornecedor do serviço</li><li>• Interface de ajuda (help; FAQs)</li><li>• Interatividade</li></ul>

Tabela 1 – Critérios de qualidade, baseada em Tomaél (2000)

Se queremos compreender o modo como a informação sobre sexologia se apresenta nas páginas oficiais das sociedades de sexologia tanto em Portugal como na Europa, é importante que façamos esta análise tendo por base os critérios que acabámos de identificar. É nosso objetivo podermos afirmar que existe uma coerência

de tratamento da informação em cada uma das páginas consultadas, o que se traduzirá, consequentemente, numa fiabilidade e transparência da informação disponível.

## 2.4.2 Análise de alguns sítios oficiais

Iremos olhar para algumas páginas oficiais das sociedades de sexologia que fazem parte da *Federação Europeia de Sexologia*<sup>47</sup>. A escolha das sociedades que iremos analisar é aleatória. No entanto, entrámos em todos os sítios das sociedades de sexologia identificadas pela Federação. Verificámos que em algumas das páginas dessas sociedades existem problemas. Por exemplo, no caso da Estónia<sup>48</sup>, o endereço que deveria direcionar o utilizador para a sociedade de sexologia daquele país, não está ativo. Como verificamos na seguinte captura de imagem tirada a 25 de setembro de 2020:

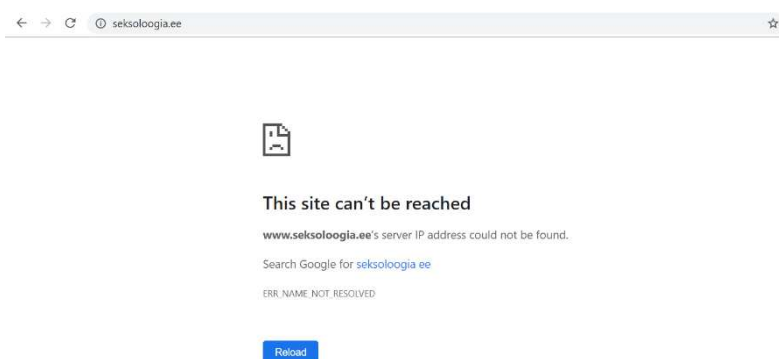


Figura 1: endereço eletrónico da sociedade de sexologia da Estónia

As pesquisas aos sítios das sociedades de sexologia israelita e grega levam-nos a um beco sem saída, pois remetendo para um conjunto de páginas que em nada se relacionam com as sociedades de sexologia daqueles países, como se pode verificar na captura de ecrã seguinte, acedido em 25 setembro de 2020<sup>49</sup>:

<sup>47</sup> Em anexo, estarão as hiperligações às páginas oficiais das sociedades de sexologia que fazem parte da Federação Europeia de Sexologia. (ver anexo I)

<sup>48</sup> <http://www.seksoloogia.ee/>

<sup>49</sup> A pesquisa foi feita tanto em português como em inglês.

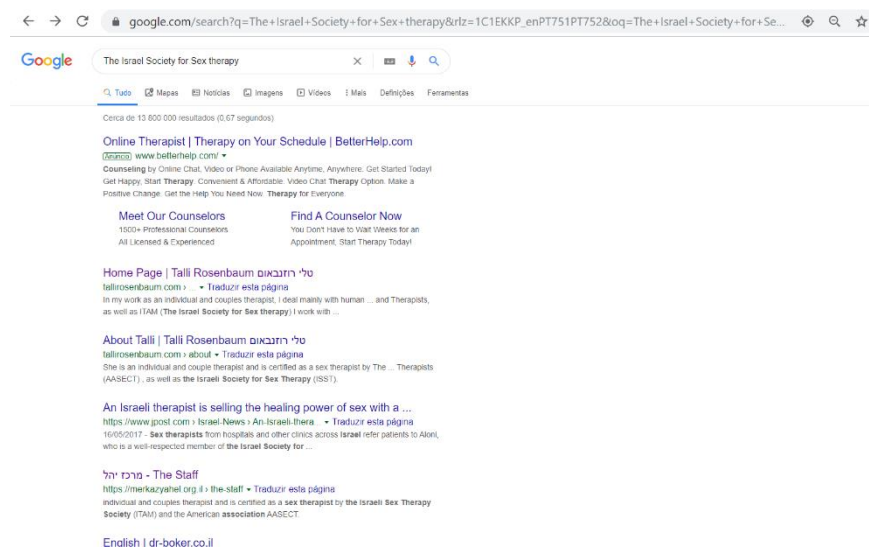


Figura 2: resultado da pesquisa feita por “sociedade de sexologia israelita”

Mas, começemos por analisar alguns casos, aplicando os critérios de qualidade que apresentámos anteriormente na Tabela 1.

- Critério de informações de identificação:

Para ilustrar este critério, iremos olhar para o sítio da sociedade de sexologia portuguesa. Começamos pelo URL<sup>50</sup> que no caso nacional é [spsc.pt](http://spsc.pt). Este URL corresponde a uma sigla composta pelas iniciais das palavras **S**ociedade **P**ortuguesa de **S**exologia **C**línica. Existe uma estreita relação entre o conteúdo do sítio e o seu URL, remetendo para a sociedade de sexologia. O nome dado à página é objetivo, evidenciado pelo logotipo da sociedade, normalmente por siglas e pelos símbolos masculino e feminino. Os contatos estão bem localizados. O objetivo está definido e demarcado na página.

<sup>50</sup> URL - Uniform Resource Locator. O URL é um endereço virtual que indica onde está o que o utilizador procura. Pode ser um arquivo, uma página, ou um endereço de um sítio.





A Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica é uma organização científica que se dedica desde 1985 (data da sua criação), à promoção e implementação da saúde e direitos sexuais em Portugal.

Atualmente, somos a única entidade no nosso país habilitada a acreditar terapeutas sexuais reconhecidos pela Associação Mundial de Saúde Sexual e pela Federação Europeia de Sexologia. Esta especialização, que combina três dimensões (teórica, prática e de investigação), é assegurada pela SPSC desde 1992.

Para além do curso de formação em terapia sexual, a SOCIEDADE oferece especializações em sexologia, abertas a profissionais de muitas áreas científicas e organiza workshops de curta duração.

Ao longo de mais de 30 anos, a SPSC promoveu o reconhecimento, a regulamentação e o enraizamento da sexologia no quadro da Medicina e da Psicologia, formou dezenas de profissionais, contribuiu para a implementação das melhores práticas clínicas em terapia sexual e apoiou a produção e divulgação do conhecimento científico em torno da sexualidade, tanto em encontros nacionais como internacionais. Francisco Allen Gomes, Júlio Silveira Nunes, Afonso de Albuquerque e António Pacheco Palha – psiquiatras pioneiros na criação de consultas de terapia sexual no nosso país, nos anos 1970 – desempenharam um papel fundamental na criação e desenvolvimento desta SOCIEDADE.

Figura 3: endereço eletrónico da sociedade de sexologia de Portugal

- Critério da consistência informações:

Também neste ponto, todos os sítios estão bem organizados. A autoria de cada sítio é identificada. Existem atualizações nos diversos sítios, embora, o sítio austríaco<sup>51</sup> em 2018 e 2019 não tenha apresentado quaisquer notícias sobre sexologia, voltando a publicar a partir de 15 de abril 2020, apresentando cursos atuais em sexologia. Endereço acedido a 25 setembro 2020\_



Figura 4: endereço eletrónico da sociedade de sexologia da Áustria

<sup>51</sup> <https://www.oegs.or.at/aktuelles>

Deste grupo de sítios que estamos a analisar, o caso francês<sup>52</sup> é o que parece apresentar-se ao utilizador com menos cuidado na informação e parece ser o mais desatualizado (acedido a 25 setembro 2020)

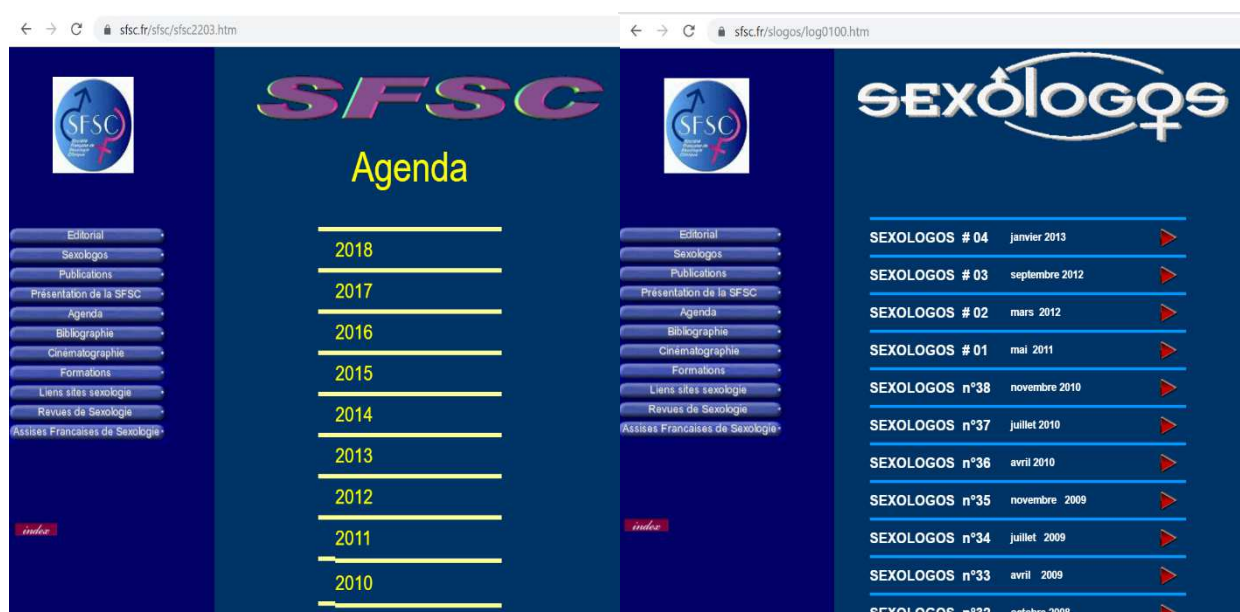


Figura 5: endereço eletrónico da sociedade de sexologia da França

Em contrapartida, os sítios das sociedades de sexologia alemã<sup>53</sup> e portuguesa<sup>54</sup> estão, a nosso ver, com informação clara e objetiva. Apresentamos a captura do caso alemão, acessado a 25 de setembro 2020

<sup>52</sup> <https://www.sfsc.fr/>

<sup>53</sup> <https://dgfs.info/>

<sup>54</sup> <https://spsc.pt/>

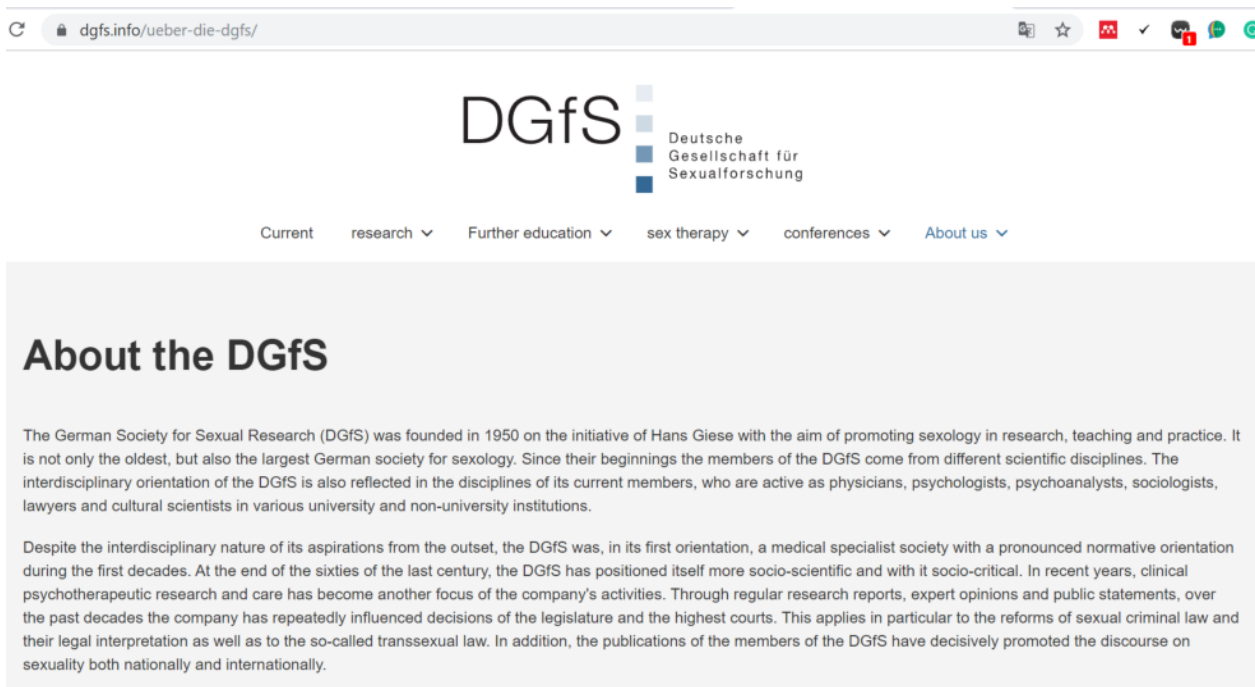


Figura 6: endereço eletrônico da sociedade de sexologia da Alemanha

De facto, são os casos da sociedade alemã e da portuguesa (ver figura 3) que melhor ilustram o que, em nosso entender, deve ser um sítio de referência.

Os sítios das sociedades de sexologia espanhola<sup>55</sup> e italiana<sup>56</sup> são diferentes dos outros, na medida em que são federações de sexologia que têm na sua composição as sociedades e associações de sexologia nacionais. Assim se explica que a *Federação Espanhola de Sociedades de Sexologia* seja membro da *Federação Europeia de Sexologia*.

- Critério de *links* e suporte ao utilizador:

Este critério é talvez o mais simples: ou funciona ou não funciona. No entanto, esta simplicidade é fundamental para não frustrar o utilizador nas suas pesquisas. Os *links* parecem estar a funcionar nos diversos sítios. Quanto ao suporte ao utilizador, todos eles apresentam a possibilidade de o utilizador poder entrar em contacto com os responsáveis do serviço por telefone ou email. No entanto, nenhum tem um menu de ajuda, nem de FAQs.

- Critério de facilidade de uso:

<sup>55</sup> <http://fess.org.es/>

<sup>56</sup> <http://www.fissonline.it/>

O utilizador, mesmo tendo um conhecimento básico do uso da internet, consegue navegar nos vários sítios que observámos com relativa facilidade.

Os sítios austríaco (figura 7) e português apresentam recursos de pesquisa, para pesquisa sobre um determinado termo ou notícia. No entanto, outros sítios, como o caso do alemão, têm um submenu com o nome de “atualidade”, “atual” ou “news” que nos dão informação sobre o que está atualmente a ser feito, embora alguns sítios não tenham essa informação atualizada como é o caso do sítio francês. Apresentamos de seguida o caso austríaco:

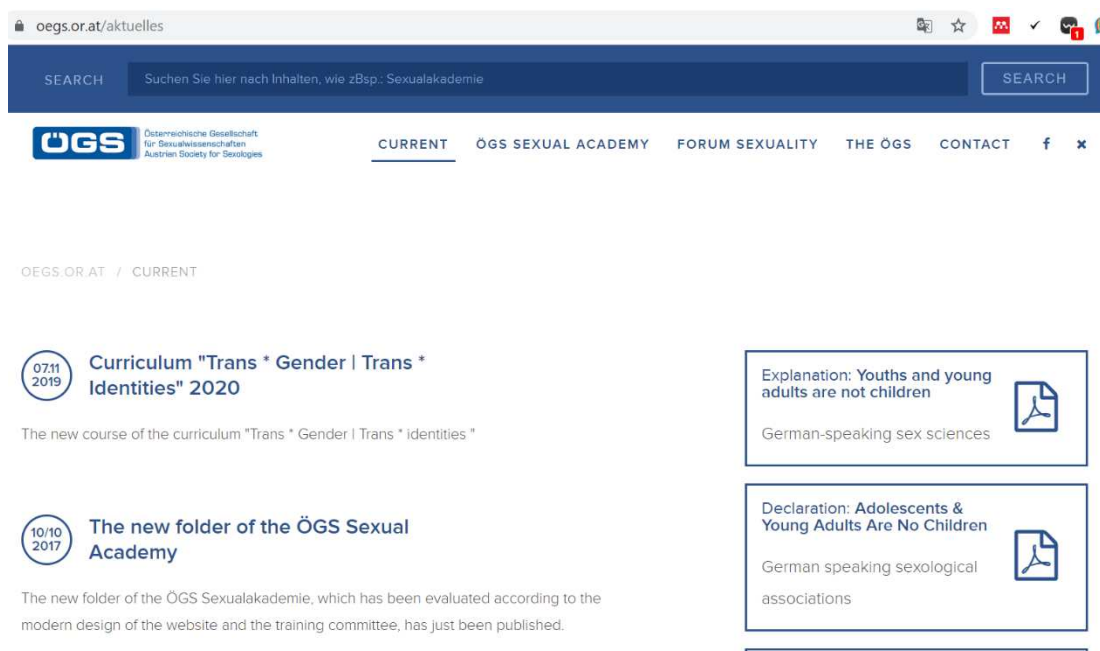


Figura 7: endereço eletrónico da sociedade de sexologia da Áustria

Os sítios austríaco, alemão e português são 3 exemplos da facilidade de uso e exploração de conteúdos. Estes sítios quase que convidam o utilizador a explorar cada uma das suas partes, não só pela sua estrutura simples e funcional, mas também pelo modo como a informação nos é apresentada – limpa, de cor uniforme e neutra, sem distrações.

Infelizmente, nenhum sítio que observámos apresenta um recurso terminológico da área, permitindo uma maior comunicação entre os atores envolvidos.

A surpresa chega-nos da Rússia em cujo sítio encontramos um *sex vocabulary*<sup>57</sup>. Longe de ser um recurso terminológico ou dicionarístico, este *sex vocabulary*, que também não segue a estrutura de um dicionário, evidencia a preocupação da *Sociedade de Sexologia Russa* em dar informações sobre termos e conceitos. Do

<sup>57</sup> <http://1.sexology.ru/en/o-nas-2/seks-slovar-2/>

ponto de vista terminológico, não conseguimos perceber se aquele dicionário permite realmente ajudar o utilizador, porque não conseguimos encontrar um fio condutor no dito produto, uma vez que a versão inglesa do próprio sítio não funciona. Apresentamos de seguida a captura de parte do *sex vocabulary* russo, acedido a 25 de setembro 2020

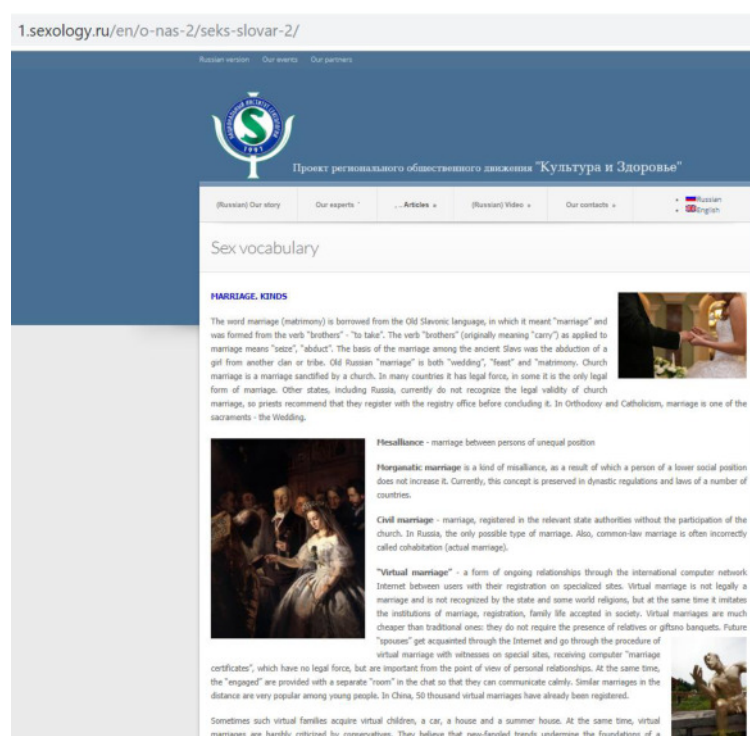


Figura 8: imagem do *sex vocabulary*

Se o que queremos apresentar é um sítio ao qual o utilizador possa recorrer para se informar sobre temas de sexologia, é fundamental que exista um recurso que vá ao encontro das expectativas do utilizador, isto é, encontrar respostas para aquilo que procura.

### 3. Sexologia: Identidade de Género

#### 3.1. Opção de trabalho: identidade de género

No presente trabalho optámos por trabalhar apenas um segmento da sexologia, a identidade de género. Esta opção prende-se com a reflexão que este segmento da sexologia tem despertado um pouco por toda a Europa e nos Estados-Unidos. Tem sido defendido que a identidade de género não deverá limitar-se à tradicional estrutura binária de género (masculino, feminino) mas deverá incluir um conjunto de realidades que se podem encaixar entre os polos masculino e o feminino. Macedo

(2008) defende que no meio dos polos masculino e feminino se encontra uma categoria de género identificada como *agénero*, que não se identifica nem com o género masculino nem com o feminino. (Macedo, 2018, p.45)

Em 2015, o Conselho Europeu emitiu a resolução 2048<sup>58</sup> onde é dito que cada pessoa deve ter o direito ao reconhecimento da sua identidade de género e o direito a ser tratada consoante a sua escolha. Esta resolução recomenda que cada país deverá considerar a inclusão de um terceiro género nos documentos de identificação de quem assim o desejar.

Na Austrália, a designação de género X é possível, desde 2013, para os adultos que não se identifiquem nem com o género masculino nem com o feminino.<sup>59</sup> Enquanto no Canadá, a referência ao género deixou de existir nos cartões de saúde e, desde 2017, que nas cartas de condução é possível escolher a designação X para se referir ao género. Também em 2017, nasceu o primeiro bebé cujo cartão de saúde o identificava com o género neutro, identificado pela letra U, de modo a que o bebé possa descobrir o seu género por si.<sup>60</sup>

Em Portugal, a classe política tem debatido e legislado sobre a temática da identidade de género. Em agosto de 2019, os secretários de Estado da Educação e da Cidadania e Igualdade assinaram um despacho que define as medidas concretas que visam aplicar nas escolas a lei da identidade de género aprovada em 2018<sup>61</sup>. No panorama nacional, o assunto relacionado com a identidade de género tem sido alvo de alguma reflexão e atenção na sociedade. Nas últimas eleições de 2019, alguns partidos políticos preocuparam-se em apresentar no seu caderno eleitoral medidas relacionadas com o género, uns partidos a favor, caso dos partidos PS<sup>62</sup> e Bloco<sup>63</sup>, outros, contra, caso do partido Chega<sup>64</sup>, sendo a discussão um facto. Por o debate ter chegado à sociedade civil, é que nos parece relevante identificar e definir os conceitos relacionados com a identidade de género para que a população possa entender o fenómeno e participar no debate público em consciência.

### 3.2. Identidade de género, identidade sexual, sexo biológico

Frequentemente, os conceitos de identidade de género, de identidade sexual e de sexo biológico são abusivamente considerados equivalentes. No entanto, se é verdade que para muitos homens e mulheres a determinação do sexo biológico é associado ao género, para tantos outros, esta associação não é assim tão linear. De

---

<sup>58</sup> <https://assembly.coe.int/nw/xml/XRef/Xref-XML2HTML-EN.asp?fileid=21736>

<sup>59</sup> <https://www.ag.gov.au/Publications/Pages/AustralianGovernmentGuidelinesontheRecognitionofSexandGender.aspx>

<sup>60</sup> <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-40480386>

<sup>61</sup> [https://dre.pt/home/-/dre/123962165/details/maximized?fbclid=IwAR1EuI7Xt\\_49Y0VzM83I5tDP8LovgiVq6AWwml5uTCshpVWVKIRQCI5lg](https://dre.pt/home/-/dre/123962165/details/maximized?fbclid=IwAR1EuI7Xt_49Y0VzM83I5tDP8LovgiVq6AWwml5uTCshpVWVKIRQCI5lg)

<sup>62</sup> <https://todosdecidem.ps.pt/desigualdades/>

<sup>63</sup> <https://programa2019.bloco.org/capitulo-4/13-direitos-fortes-contr-a-o-conservadorismo-e-o-preconceito/182-afirmar-direitos-contr-a-homofobia-e-a-transfobia.html>

<sup>64</sup> [https://partidochega.pt/wp-content/uploads/2019/09/PROGRAMA\\_POL%C3%8DTICO\\_2019\\_CHEGA-2.pdf](https://partidochega.pt/wp-content/uploads/2019/09/PROGRAMA_POL%C3%8DTICO_2019_CHEGA-2.pdf)

modo a desconstruir esta relação é fundamental distinguir estes três conceitos entre si.

Macedo (2018, p.43) afirma que o sexo é determinado antes do nascimento da pessoa ou no próprio nascimento resultado da observação dos órgãos sexuais externos feita pelo médico de especialidade. No entanto, também esta observação direta pode não ser totalmente verdadeira, uma vez que, durante o período de gestação, o feto sofre alterações cromossómicas, hormonais/ anatómicas que poderão afetar o seu desenvolvimento sexual e que não sejam visíveis no momento do nascimento (intersexual).

De facto, quando se fala em sexo, referimo-nos ao sexo biológico, anatómico. Esta atribuição do sexo biológico é feita naturalmente e, frequentemente, de modo bem definido, categorizando o indivíduo num eixo polarizado entre macho e fêmea. (Pereira, 2014)

Robert Stoller (1993, p.21) refere-se ao conceito de sexo como a “qualidade de ser homem e mulher”. Nesta definição, estão presentes características biológicas como por exemplo: cromossomas, genitais externos, características hormonais, características sexuais secundárias e cérebro.

A partir da segunda Guerra Mundial, e também devido aos movimentos feministas, principalmente na década de mil novecentos e 60, a distinção social entre homem e mulher começava a estar na agenda social, principalmente, nos movimentos feministas. A desigualdade entre homens e mulheres fazia-se sentir quando a mulher era vista como o sexo frágil e a quem lhe era vedado o acesso à sociedade profissional e política. (Spizzirri, Maria De Abreu, li, Helena, & Abdo, 2013, p.43)

Na década de mil novecentos e 70, *sexo* deixa de ser usado como bandeira pelos movimentos feministas e começa-se a dar atenção ao *género*, afirmando que as diferenças entre homem e mulher se baseavam não no sexo biológico, mas em fatores sociais e culturais. O género refere-se às práticas de feminilidade ou masculinidade nas relações sociais. (Spizzirri et al., 2013, p.43)<sup>65</sup>

A partir deste momento, passa a haver uma clara distinção entre *sexo* e *género*. Pereira (2014, p. 133) faz a distinção entre sexo e género, defendendo que por sexo se entendem os aspetos biológicos intrínsecos ao indivíduo e, por género, os aspetos psicológicos, sociais, culturais e até históricos.

Assim, a identidade de género, para Stoller (1993, p.28), é encarada como uma combinação de fatores de masculinidade e feminilidade que cada pessoa reúne em

---

<sup>65</sup> Curiosamente, a reflexão e a análise sobre questões relacionadas com o género em Portugal foram bastante tardias se compararmos com a realidade anglo-americana e francesa. Lígia Amâncio defende que identidade de género começa a ganhar visibilidade na década de 1980. (Amâncio, 1993)



si, mas, em formas e gradações diferentes. O indivíduo poderá apresentar psicologicamente características masculinas, mais masculinas, femininas, mais femininas ou tanto masculinas como femininas. O facto de o indivíduo ter sido identificado à nascença como homem não é condição necessária para ter comportamentos exclusivamente masculinos. (Stoller, 1993b; Walters, William; Ross, 1986)

Entenda-se por masculinidade ou por feminilidade uma qualidade que o indivíduo sente como uma ou outra, uma convicção ou

(...) mais precisamente, uma densa massa de convicções, uma soma algébrica de **se**, **mas** e **e** – não um fato incontroverso. Além do fundamento biológico, a pessoa obtém estas convicções a partir das atitudes dos pais (...) sendo estas atitudes mais ou menos semelhantes àquelas mantidas pela sociedade como um todo (...). (Stoller, 1993, p.28)

É importante dizer que, se por um lado, é verdade que a qualidade de ser homem pode combinar com a masculinidade e a qualidade de ser mulher pode combinar com a feminilidade, por outro lado, também o contrário poderá ser uma realidade. Ou seja, a qualidade de ser homem poderá combinar ou não com a masculinidade ou com a feminilidade ou com os dois, uma vez que a identidade de género é uma motivação psicológica. Sexo e género poderão não ter uma relação direta entre si.

Para Kim Case (2009, p. 117), psicóloga, citando Lorber (2007), socióloga, as características de masculinidade e feminilidade são, “social expectations about behaviours and roles for women and men that are constantly created and recreated out of human interaction [and] out of social life” De acordo com Pereira (2014, p.133), a identidade de género é não só o sexo biológico como também o resultado de uma construção social e cultural como macho ou fêmea ou outra coisa. Depreende-se que o género depende de dois grandes fatores:

- O fator comportamental – enquanto postura que cada indivíduo tem na sociedade e a sua interação com os outros;
- O fator vivencial – a consciência de si e do seu comportamento.

A sociedade apresenta um conjunto de características que pensa serem postulados do modo como um homem ou mulher se devem comportar em sociedade. (Case et al., 2009; Pereira, 2014). Na verdade, Scott, citado por Spizzirri, afirma que “o termo género coloca ênfase sobre todo o sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado por ele nem determina a sexualidade do indivíduo”. (Spizzirri et al., 2013)

Wentling (2008, p.50), sociólogo, defende que sexo e género são construções sociais. Esta posição baseia-se no caso de indivíduos intersexuais. Nestes casos, diz o autor, a reatribuição do sexo é feita pelos médicos de acordo com “fatores



anatômicos, mas também culturais e sociais”. Esta reatribuição do sexo é de tal modo socialmente construída que muitas organizações de indivíduos intersexuais defendem que devem ser eles a escolher o sexo com o qual querem viver, face ao sentimento de serem homem ou mulher e nunca uma escolha com base na educação.

Neste seguimento, Sitton (2000, p.2) diz que a necessidade de conceptualizar o indivíduo como detentor de um género é tão importante que, quando nasce um bebé, uma das primeiras perguntas é “É menino ou menina?”. E, se a resposta fosse “I don’t know.” ou “Let’s wait and see how the child identifies.”?

Se o sexo é identificado como sexo biológico e anatómico, a identidade sexual é “a vivência de aquilo que define biologicamente cada indivíduo sob o ponto de vista sexual.” (Pereira, 2014, p.133), isto é, o valor individual que caracteriza fisicamente cada pessoa sob o ponto de vista sexual, a percepção de cada indivíduo tem de si enquanto homem ou mulher. (Pereira, 2014, p.133)

Frequentemente, a identidade sexual está em consonância com a identidade de género, mas nem sempre esta relação é óbvia. Os indivíduos transexuais e intersexuais são os que mais desestabilizam esta relação, uma vez que, nestes casos, a identidade sexual não é idêntica à identidade de género. É o caso, por exemplo, dos travestis heterossexuais, dos travestis homossexuais (*drag queens*), dos travestis fetichistas e dos transexuais. (Pereira, 2014; Case, 2009; Hird, 2000)

Nesta perspetiva, Pereira (2014, p.135) diz que um indivíduo intersexual apresenta um problema de identidade sexual e um indivíduo transexual apresenta um problema de identidade de género.

Vejamos o exemplo que Pereira (2014, p.135-136) apresenta. Um homem sem qualquer anomalia genital (sexo biológico) vai reconhecer-se como macho (identidade sexual), sentir-se como menino/homem (identidade de género). No entanto, se houver alguma malformação no sexo biológico, por exemplo, caso de ambiguidade sexual, esse indivíduo vai sentir uma perturbação da sua identidade sexual, podendo manter a sua identidade de género intacta tal como os indivíduos a quem foi atribuído o mesmo sexo biológico.

A identidade sexual é frequentemente entendida como sendo caracterizada por duas componentes, a componente psicológica e a componente biológica. No entanto, diversos autores definem critérios diferentes para cada componente. (Shively & De Cecco, 1978, p.41-48; Walters, William; Ross, 1986, p.3-8)

Apresentamos de modo esquemático as duas componentes e critérios que definem cada componente:

Componente Psicológica		Componente Biológica	
<i>Identidade de Género</i>	Sentimento de ser macho/fêmea, independentemente do sexo biológico	<i>Genético</i>	Presença ou ausência de cromossoma Y
<i>Papel Social do Sexo</i>	Características culturalmente associadas à masculinidade ou feminilidade, associadas ao modo de apresentação do indivíduo na sociedade, ao comportamento e personalidade. Homens deverão apresentar-se e comportar-se de acordo com o que é expectável ser masculino e as mulheres de acordo com o expectável pelas normas culturais femininas	<i>Gonadal</i>	Estrutura histológica dos ovários ou testículos
<i>Papel Público do Sexo</i>	Vestir-se de acordo com o sexo oposto e tentar passar por membro do outro sexo	<i>Função Hormonal</i>	Hormonas: estrogénio (fêmea; androgénio: macho)
<i>Orientação Sexual</i>	Homossexual, heterossexual, assexual	<i>Morfologia Interna</i>	Presença ou ausência das Estruturas internas masculinas ou femininas
<i>Educação Sexual pelos Progenitores</i>	Ser educado para ser homem ou mulher)	<i>Genital</i>	Presença ou ausência da genitália masculina ou feminina
		<i>Morfologia Externa Genital</i>	
		<i>Caraterísticas Sexuais Secundárias</i>	Barba, pelo corporal

Tabela II baseada em Walter e Ross (1986)

A identidade sexual corresponde a um mesclado de fatores psicológicos e biológicos que estão na base da perceção que cada individuo tem de si enquanto homem ou mulher.

#### 4. *Corpus*: definição, constituição e organização

##### 4.1 *Corpus*: definição

A nossa opção do trabalho em terminologia assenta no tratamento e análise dos textos de especialidade. Na verdade, os textos representativos de um domínio contêm a terminologia desse domínio, sendo a constituição do *corpus* uma etapa inicial a considerar no trabalho terminológico. Assim, é importante encontrar uma definição de *corpus* que nos permita delinear critérios que possam fundamentar a constituição do *corpus* para o nosso projeto.

Para o efeito, recorremos a Berber-Sardinha (Sardinha, 2004, p. 19) que considera que, para construir um *corpus*, é necessário contemplar 4 pré-requisitos.

O primeiro pré-requisito prende-se com a composição do *corpus*. Para esta autor, o *corpus* deve ser constituído por textos autênticos, ou seja, textos que deverão ser produzidos em situação de comunicação espontânea e não deverão ser produzidos explicitamente para um determinado propósito. (ibidem, p.19)

O segundo pré-requisito é a autenticidade. Quanto a este pré-requisito, Berber-Sardinha defende que os dados linguísticos que compõem o *corpus* deverão ser produzidos por falantes nativos. De facto, se, por exemplo, optarmos por trabalhar determinado fenómeno linguístico na língua portuguesa, o *corpus* que servirá de apoio a essa análise deverá ser produzido por falantes nativos de língua portuguesa. Tognini-Bonelli (2001), quando, também, se refere a este pré-requisito, põe a tónica na genuinidade de todos os dados linguísticos que compõem o *corpus*, “All the material included in a *corpus*, whether spoken, written (...) is assumed to be taken from genuine communications of people going about their normal business”. (Tognini-Bonelli, 2001, p. 55)

O conteúdo dos textos que compõem o *corpus* é o terceiro pré-requisito. O conteúdo deverá assentar não só na autenticidade dos textos, mas também na elaboração de critérios externos que se prendem com o objetivo para o qual o *corpus* é criado. Alguns desses critérios deverão passar pela elaboração de uma tipologia de textos que deve ser a mais variada possível; pela decisão sobre a quantidade de textos que se pretende para cada tipo de género textual e que a seleção desses textos seja abrangente de modo a não comprometer os resultados. (Sardinha, 2004)

O último pré-requisito é o da representatividade. Na verdade, o *corpus* deverá ser o mais representativo possível e, assim, deverá ser o mais extenso possível de modo a que esse *corpus* represente o estado da língua num determinado momento dos falantes.

No entanto, para alguns académicos, a representatividade de um *corpus* é muito mais do que a sua extensão. McEnery & Wilson e outros (Mcenery, Xiao, & Tono, 2006) defendem que a representatividade do *corpus* é conseguida pela variedade dos textos que compõem o *corpus*. A recolha dos textos deverá ser feita a partir de fontes diversificadas, de diferentes géneros textuais e autores diversos de modo a que o *corpus* seja *maximally representative of the variety under examination*. (McEnery & Wilson, 2001, p. 30)

Ainda sobre a questão da representatividade, Biber (1993) afirma que

Representativeness refers to the extent to which a sample includes the full range of variability in a population. In corpus design, variability can be considered from situational and from linguistic perspectives, and both of these are important in determining representativeness. Thus a corpus design can be evaluated for the extent to which it includes: (1) the range of text types in a language, and (2) the range of linguistic distributions in a language. (ibidem, p.243)

Neste ponto, o autor chama a atenção para os conceitos de *population*<sup>66</sup>, de *situational perspectives* e de *linguistic perspectives* da população. Para este

---

<sup>66</sup> Biber diz que a representatividade de um *corpus* “refers to the extent to which a sample includes the full range of variability in a population.” Neste caso, é importante refletir que textos poderão ser representativos de população e que categorias textuais estão incluídas na população. (Biber, 1993, p. 243) Para McEnery, o conceito de *population* refere-se ao conjunto de todas as unidades de amostra. A unidade de amostra poderá ser um livro ou um jornal. (McEnery et al., 2006, p. 13)

académico, o tamanho do *corpus* deverá ser uma questão a considerar depois dos três aspetos acima referidos terem sido analisados. Só posteriormente se avançará para a recolha dos textos que irão compor o *corpus*. De facto, Biber considera que qualquer texto pode ser uma amostra, mas a sua representatividade poderá ser posta em causa se a população não for a mais variada possível. No nosso caso, temos em consideração textos provenientes de profissionais da área da saúde, da sexologia e de académicos representantes da área.

Quanto às questões relacionadas com as perspetivas *situacional e linguística* <sup>67</sup>, Biber (1993) menciona que um *corpus* deverá ser constituído por uma variedade de textos representativos de determinada população, o que irá motivar a criação de tipologias de textos que estão na base da criação de *corpus* - perspetiva situacional. Na perspetiva linguística, deveremos ter em conta a análise dos discursos nos diversos tipos de textos, isto é,

“linguistic representativeness depends on issues such as the number of words per text sample, the number of samples per 'text', and the number of texts per text type. So texts that share a number of linguistic features may be grouped into a text type, and other texts are excluded; they group themselves into other types, and the classification aims to bring out the maximum discrimination between types and the maximum similarity among members of the same type. (Biber, 1993, p. 243)

Terminamos este ponto com uma definição de *corpus* dada por Sanchez & Cantos (1995), citados por Berber-Sardinha (2004):

“Um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise”. (ibidem, p. 18)

A escolha desta citação teve em conta o facto daqueles autores identificarem alguns critérios que achamos fundamentais para uma definição de *corpus*.

## **4.2 CORPUS DE ESPECIALIDADE**

Partimos para este ponto com a definição de *corpus* com o qual terminámos o ponto anterior. Essa definição corresponde às nossas necessidades, uma vez que se subentende que os textos deverão ser autênticos e representativos, que o *corpus* deverá ter uma finalidade, um propósito, que o conteúdo do *corpus* deverá ser selecionado mediante critérios definidos.

---

<sup>67</sup> Estas duas perspetivas *situational e linguistic* de Biber são equivalentes respetivamente aos critérios externos e internos, defendidos por McEnery. (McEnery et al., 2006, p. 14)

Para Berber-Sardinha (2004, p. 28), os “*corpora* gerais<sup>68</sup>” poderão ser usados como fonte para um *corpus* de especialidade. Berber-Sardinha (ibidem, p. 28) segue o raciocínio dando o seguinte exemplo:

“O British National Corpus, por exemplo, possui uma quantidade grande de artigos de pesquisa e, portanto, o usuário pode extrair esses textos e criar um subcorpus especializado de artigos científicos. A vantagem de aproveitar os recursos de grandes corpora nesse sentido é, evidentemente, que o usuário não precisará de coletar um corpus novo. Além disso, no caso do BNC, o usuário já disporá de textos anotados e etiquetados gramaticalmente, o que lhe poupará tempo e recursos.” (ibidem, p.28)

No entanto, Berber-Sardinha afirma que, na maior parte dos casos, a constituição de um *corpus* de especialidade por investigadores individuais é mais direcionada e esclarecedora porque eles irão constituir o *corpus* tendo em conta a análise e descrição de determinada área do conhecimento, uma vez que os critérios situacionais e linguísticos são pensados em função de uma determinada população. Berber-Sardinha segue dizendo que “normalmente, corpora compilados em pequena escala por pesquisadores individuais acabam sendo mais representativos do que os respetivos subcorpora dos corpora gerais.” (ibidem, p.28)

Independentemente de o *corpus* de especialidade ser constituído a partir de *corpora* existentes ou criado de raiz por investigadores individuais, o facto é que na sua constituição estão textos são provenientes de situações de comunicação especializada entre especialistas de uma mesma área do conhecimento. É neste seguimento que entendemos que os textos produzidos por especialistas em sexologia constituirão o nosso corpus de especialidade.

Para Costa, “os discursos proferidos em situações de especialidade constituem *corpora* de especialidade” e são representativos se “o conjunto de enunciados de especialidade for representativo dos enunciados produzidos pela classe profissional em causa e se a quantidade de enunciados recolhida for significativa”. (Costa, 2001, p. 36)

Na afirmação de Costa (2001) levanta-se a questão da representatividade e quantidade de enunciados que constituem o *corpus*. Nesta questão, Marie-Claude L’Homme (L’Homme, 2004, p. 128) defende que “il n’existe pas de véritable consensus en ce qui concerne la taille idéale d’un corpus spécialisé.”

De facto, não existe um número específico de textos ou de ocorrências que deverá constituir um *corpus*. Sinclair, citado por Berber-Sardinha (Sardinha, 2004, p. 26), defende que o tamanho do *corpus* deverá ser proporcional à tecnologia da época, isto é, quanto mais desenvolvida a tecnologia for, maior deverá ser o *corpus*. No entanto, neste ponto, optamos por seguir a linha de raciocínio de Biber (1993) que defende que o tamanho do *corpus* não deverá ser o fator mais importante, mas a correta

---

<sup>68</sup> Entendemos *corpora* gerais por *corpora* de referência.

definição de população e a metodologia desenhada para atingir determinado objetivo. (Biber, 1993, p. 243)

No entanto, alguns académicos defendem números mínimos para a constituição de um *corpus*:

Tamanho em palavras	Classificação
Menos de 80 mil	Pequeno
80 a 250 mil	Pequeno-médio
250 mil a 1 milhão	Médio
1 milhão e 10 milhões	Médio-grande
10 milhões ou mais	Grande

Tabela III baseada em Berber-Sardinha, 2004

Tamanho em palavras	Classificação
1 milhão a 5 milhões	Pequeno
100 milhões de palavras	Médio
Até 450 milhões de palavras	Grande
Arquivos <sup>69</sup> textuais	Muito grandes (Google books)
Internet	Exponencial (bilhões de dados)

Tabela IV baseada em Biber, 2015

Por outro lado, a representatividade do *corpus* de especialidade depende do objetivo do trabalho em questão. (Biber, 1993; R. Costa, 2001; L'Homme, 2004; McEnery et al., 2006) No entanto, serão sempre imprescindíveis o cuidado e a exigência que devem acompanhar toda a recolha dos textos de especialidade. Deste modo, só assim se conseguirá garantir que os resultados que se esperam confirmar ou infirmar sejam fiáveis.

### 4.3 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* DE IDENTIDADE DE GÉNERO

Se para alguns académicos, o tamanho do *corpus* deverá ser um critério a considerar, para outros, tudo dependerá do objetivo para o qual o *corpus* é criado.

Nesta continuação, o nosso *corpus* é de especialidade porque pretende descrever e analisar os dados linguísticos com a finalidade de identificar termos e conceitos da área de especialidade em estudo, a sexologia. Este foi o primeiro passo. Identificar a área de especialidade em que queríamos trabalhar.

Posto isto, sendo a área da sexologia abrangente e transversal a muitas outras áreas do conhecimento, optámos por trabalhar, no presente projeto, apenas um segmento da sexologia, a identidade de género. A escolha por este tópico não é uma escolha inocente, mas uma opção que vai ao encontro da visibilidade que este tema tem conquistado na sociedade portuguesa.

<sup>69</sup> Seguimos a definição de Atkins para arquivo como sendo um repositório de textos que não têm qualquer ligação nem coordenação entre si, em formato digital. (ATKINS, 1992, p. 1)

A etapa seguinte teve o seu foco na pesquisa de fontes textuais escritas em português europeu, na internet<sup>70</sup>. O resultado foi manifestamente insuficiente. Demos conta de algumas páginas relativas a organizações LGBTQ<sup>71</sup> e de publicações, onde constam algumas notícias sobre este tópico, sendo fontes textuais que não pretendemos usar por não as considerarmos especializadas. Muitas dessas páginas remetem para publicações em jornais, revistas ou *posts* individuais. Perante o insuficiente número de fontes textuais especializadas em português europeu, optámos por alargar a nossa pesquisa ao português do Brasil.<sup>72</sup>

No que concerne a língua inglesa, também alargámos a nossa pesquisa ao inglês dos Estados-Unidos. Esta opção foi feita com base na pesquisa que fizemos ao termo “gender”<sup>73</sup> em inglês dos Estados-Unidos (AME) e inglês britânico (BRE). Para esta pesquisa, recorreremos ao *corpus*<sup>74</sup> online da Google Books Data tendo como intervalo cronológico 1990 a 2000. Para efetuar esta pesquisa, utilizámos a interface criada por Mark Davies<sup>75</sup> que nos permite aceder a 157 bilhões de formas para o inglês AME e a 34 bilhões de formas para o inglês UK. Esta interface é *alimentada* de forma continua.

Apresentamos de seguida os resultados das pesquisas efetuadas. A análise que fazemos dos resultados obtidos é meramente indicativo e quantitativo.

Na verdade, o que fizemos, foi pesquisar o termo “gender” no extenso número de publicações da *Google Books Data* para percebermos a visibilidade que o tópico *gender* tem tido nas sociedades americana e britânica face ao número de publicações relacionadas com “gender”. Os quadros 1 e 2 mostram as frequências do termo “gender”, entre 1990 e 2000<sup>76</sup>, na base de dados de livros da Google:

---

<sup>70</sup> A recolha de dados linguísticos na internet é uma realidade. (Biber, 2015; Mcenery, 2006; Sinclair, 2004) De facto, Biber (2015, p.11) encara a internet como um corpus barato e de fácil acesso.

<sup>71</sup> LGBTQ é a sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e Queer.

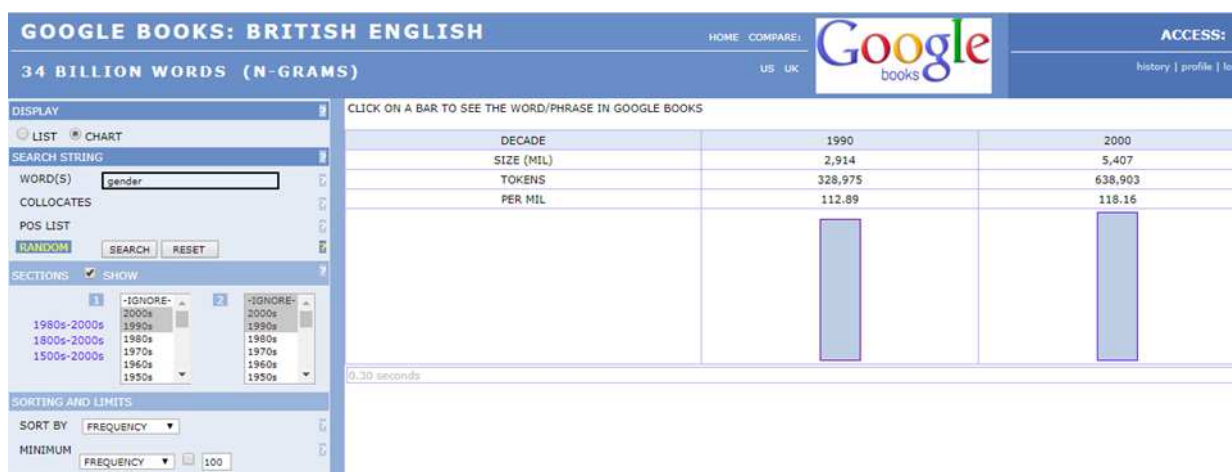
<sup>72</sup> Cientes das diferenças lexicais entre as duas línguas, optámos por recolher apenas textos académicos em português brasileiro.

<sup>73</sup> Escolhemos o termo *gender* porque o que queremos trabalhar é a identidade de género

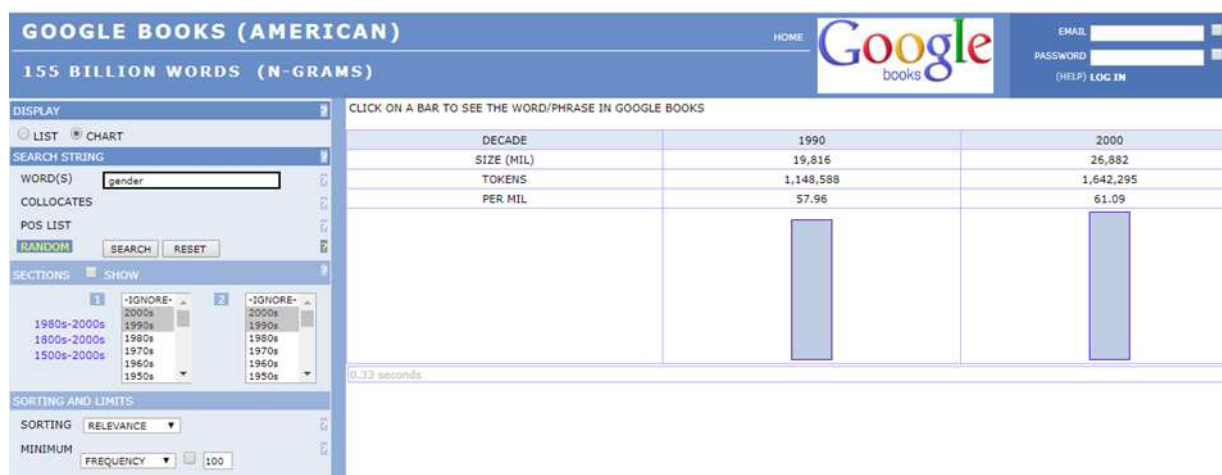
<sup>74</sup> <https://googlebooks.byu.edu/> - os autores falam em corpus, mas nas notas explicativas desta ferramenta o termo “corpus interface” é utilizado amiúde.

<sup>75</sup> <http://davies-linguistics.byu.edu/personal/>

<sup>76</sup> <https://books.google.com/ngrams/>



Quadro 1 - "gender" em inglês britânico



Quadro 2 "gender" em inglês norte-americano

Verificamos que os resultados obtidos para as duas variantes são diferentes, com maior preponderância para o inglês americano face ao número de livros cujo assunto se refere a "gender" e que constam na base de dados da Google. Em face destes resultados, optámos por trabalhar o inglês norte-americano devido à maior produção de livros de 1900 em diante.

Após reflexão sobre as fontes textuais escritas que pretendíamos usar, deparámo-nos com a necessidade de pensar na definição de *corpus* de modo a encontrarmos critérios de validação para a sua constituição.

Assim, optámos pela definição de Sanchez (1996, p.8-9), citado por Berber-Sardinha (Sardinha, 2004, p. 18), para quem um *corpus* é:



“Um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise.”

Para Sanchez, na constituição do corpus, deve-se ter em conta, os seguintes critérios:

Critérios:	Observações
Origem	textos de fontes especializadas, escritas por especialistas <sup>77</sup> para especialistas
Propósito	identificar a terminologia em uso nos textos para construção de uma base de dados
Conteúdo	textos escritos completos e gratuitos em português europeu, português brasileiro e inglês americano
Formatação	textos deverão estar em formato digital
Representatividade	privilegiar o qualitativo sobre o quantitativo.
Extensão	ter em conta a qualidade das fontes e não a quantidade.

Tabela V baseada em Sanchez, citado por Berber-Sardinha, 2004

Face ao que foi exposto, iremos trabalhar um *corpus* multilingue e comparativo. Entendemos por *corpus* comparativo aquele que, no mínimo, seja constituído por textos escritos em duas línguas, permitindo a comparação temática entre eles. Mitkov, citando McEnery, (Mitkov, 2004, p. 434) menciona que as fontes textuais recolhidas nos diferentes sistemas linguísticos, e que constituem os *corpora* comparativos, deverão ter os mesmos critérios de seleção e de representatividade.

#### 4.4 Limpeza dos textos

No ponto anterior, apresentámos os critérios que estão na base da constituição do nosso *corpus*. O resultado da aplicação destes critérios culmina num conjunto considerável de textos de especialidade, 49 fontes textuais, que precisa ser organizado de modo a que possa ser tratado. O primeiro ponto que considerámos foi a *limpeza* dos textos recolhidos.

Neste seguimento, usámos o programa *Notepad++*<sup>78</sup>, criado por Don Ho, para limparmos os textos. O *notepad++* é um programa gratuito que, após a sua instalação

<sup>77</sup> Iremos adotar a definição de especialista apresentada por Costa (2001, p. 57-60). Um especialista caracterizar-se-á pelo elevado conhecimento científico da sua área de especialidade e em virtude do seu conhecimento científico, pertencerá a uma comunidade científica, partilhando o seu conhecimento com os seus pares. É produtor e recetor de textos científicos, contribuindo para o desenvolvimento da sua área de especialidade.

<sup>78</sup> <https://notepad-plus-plus.org/>

no computador pessoal, permite manipular o texto e assim remover (limpar) tudo o que não é necessário para a análise dos textos.

A título de exemplo, iremos mencionar os passos que demos para proceder à limpeza de um texto:



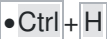
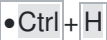
Passo	Descrição	Comando
1.	Abrir documento .txt no <i>notepad++</i>	----
2.	Selecionar o texto	
3.	Passar texto para letra minúscula	editar>converter letra para>minúscula
4.	Reduzir espaçamento entre palavras	TextFX > TextFX Edit > Trim Trailing Spaces
5.	Apagar linhas em branco	TextFX > TextFX Edit > Delete Blank Lines
6.	Apagar pontuação	 <ul style="list-style-type: none"> <li>• Encontrar o quê: \p{Punct}+</li> <li>• Substituir com: deixar em branco</li> <li>• Selecionar: Regular expression</li> </ul>
7.	Apagar números	 <ul style="list-style-type: none"> <li>• Encontrar o quê: [0-9]+</li> <li>• Substituir com: deixar em branco</li> <li>• Selecionar: Regular expression</li> </ul>
8.	Apagar símbolos	 <ul style="list-style-type: none"> <li>• Encontrar o quê: <i>[inserir o símbolo que se quer apagar]</i></li> <li>• Substituir com: deixar em branco</li> <li>• Selecionar: Regular expression</li> </ul>
9.	Remover o espaço no início e no fim da linha	Editar> Operações de linha> Remover o espaço no início e no fim da linha
Salvar documento em .txt		

Tabela VI com os procedimentos de limpeza de texto

Feita a limpeza dos textos, passamos à sua reorganização de acordo com os tipos a que pertencem, sendo o resultado obtido uma tipologia de textos.

#### 4.5 Tipologia de textos

A variedade dos textos que recolhemos e as suas diferentes situações de comunicação impõem a criação de uma tipologia de textos.

Nesta linha de pensamento, seguimos a definição de tipologia apresentada por Costa (Costa, 2001): “a classificação e a reunião de um conjunto de textos mantem entre si relações de semelhança ao nível das respetivas macro e/ou microestruturas”<sup>79</sup>,

<sup>79</sup> van Dijk entende por macroestrutura como a estrutura profunda, global de um texto que o identifica como um todo. A macroestrutura pode ser um sumário, um resumo de um texto. A microestrutura remete para a informação obtida no enunciado que no seu conjunto formarão a macro estrutura de um texto. (van Dijk, 1979, pp. 149–160)

sob uma mesma etiqueta, através da identificação de regularidades de uns conjuntos de textos, por oposição às regularidades de outros conjuntos.” (ibidem, p.78).

Assim, criamos a seguinte tipologia;

1. Livros publicados em inglês norte-americano e cujo acesso é gratuito na internet. Estes livros versam sobre a identidade de género;
2. Artigos relacionados com Direito, publicados em português europeu e em inglês dos Estados-Unidos. Os artigos foram recolhidos em sítios de especialidade, Comissão de Direitos Humanos, *Journal of Women and the Law*, *Duke University School of Law* e Diário da República Portuguesa eletrónico
3. Textos académicos publicados, teses, em faculdades portuguesas (ISCTE/ISPA) e brasileiras (UNICAMP)
4. Artigos e publicações científicas publicadas em português europeu, português do Brasil e inglês dos Estados-Unidos. A maior parte destes artigos foram descarregados em *.pdf* nos sítios SciELO<sup>80</sup>; Research Gate<sup>81</sup>; Academia<sup>82</sup>; Jstor<sup>83</sup>. Alguns outros artigos foram recolhidos em revistas de especialidade em formato eletrónico como por exemplo o *Journal of Lesbian and Gay Studies* ou a *Revista da Associação Portuguesa de Sociologia*.

Ficámos assim perante um total de 49 textos, cobrindo uma variedade de tipos textuais que estão elencados na seguinte tabela:

---

<sup>80</sup> <https://scielo.org/>

<sup>81</sup> <https://www.researchgate.net/>

<sup>82</sup> <https://www.academia.edu/>

<sup>83</sup> <https://www.jstor.org>

Tipos	Língua <sup>84</sup>	Ficheiro	Tipos	Língua	Ficheiro
1. Livros	inglês EUA	1.1_TransIden_2010	4.Artigos Científicos	inglês EUA	4.10_Rawson_etal_2014
		1.2_Transgen_2016			4.11_Namaste_2009
		1.3_Nonbi_2019			4.12_Jagose_etal_2004
		1.4_Media_2008			4.13_Gordin_2012
2. Texto Jurídico	português PT	2.1_Lei_2013			4.14_Wentling_2007
		2.2_Lei_2018			4.15_Davidson_2007
	inglês EUA	2.3_(Trans)for_2010			4.16_Fernandéz-Rouco_etal_2018
		2.4_Gender_2006			4.17_Flanders_etal_2013
		2.5_GenderID_2015			4.18_Cohen-Kettenis_2010
		2.6_(De)Constr_2000			4.19_Morgan_etal_2012
3. Texto Académico	português PT	3.1_Rodrigues_2010			4.20_Gardiner_2013
		3.2_Saleiro_2013			4.21_Case_2009
	português BR	3.3_Gonzaga_2001			4.22_Renn_2007
4.Artigos Científicos	português PT	4.1_Gama_2012			4.23_Lemma_2018
		4.2_Amâncio_1993			4.24_Nuttbrock_etal_2014
		4.3_Barroso_etal_2011			4.25_Kuper_etal_2014
		4.4_Paulos&Valadas_2015			4.26_Shively_et_al_2014
		4.5_Silva_etal_2009			4.27_Hird_2000
	português BR	4.6_Russo_etal_2009			4.28_Lombardi_2001
		4.7_Barros_2005			4.29_Schilt_etal_2009
		4.8_Anjos_2000			4.30_Hegland_etal_2002
		4.9_Rohden_etal_2010			4.31_Cook_et_al_2014
Número total de <i>word tokens</i> <sup>85</sup> - 4757990					4.32_Butler_1994
Número total de <i>word types</i> <sup>86</sup> PT- 53920					4.33_Beebe_etal_2012
Número total de <i>word types</i> BR- 15712					4.34_Dame_2014
Número total de <i>word types</i> NA- 91860					4.35_Rawson_2009
					4.36_Zucker_2017

Tabela VII - Tipologia de textos

#### 4.6 Tratamento semiautomático do *corpus* da Identidade de Género

A fase seguinte corresponde ao tratamento semiautomático do *corpus*. Para tal, utilizámos a ferramenta AntConc<sup>87</sup>. A escolha desta ferramenta teve por base três características:

<sup>84</sup> Iremos utilizar *português PT* para português europeu; *português BR* para português brasileiro; *inglês NA* para inglês norte-americano.

<sup>85</sup> Corresponde ao número total de palavras.

<sup>86</sup> Corresponde ao número total de palavras sem considerar as repetições.

<sup>87</sup> <http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/software.html>

- Gratuitidade da ferramenta;
- Compatibilidade com os diversos sistemas operativos (Windows; Mac e Linux);
- Facilidade no uso.

A ferramenta AntConc (ver nota 85) desenvolvida por Anthony Lawrence, permite analisar quantitativamente os textos. A partir desta análise podemos avançar para a análise de conteúdos, destacando a função *concordância*. Além de utilizarmos o programa *AntConc*, optámos por fazer uso de um outro programa gratuito, o *TermoStat Web*<sup>88</sup>, desenvolvido por Patrick Drouin<sup>89</sup>, que permite extrair candidatos a termo de um *corpus* selecionado, através de um método híbrido que consiste numa análise linguística para identificar tanto a categoria gramatical como a estrutura interna do candidato a termo e identificar a frequência dos candidatos a termo.

A utilização do programa TermoStat surgiu da necessidade que sentimos no trabalho de reforçar os resultados que encontrámos no AntConc. Explicaremos adiante o processo.

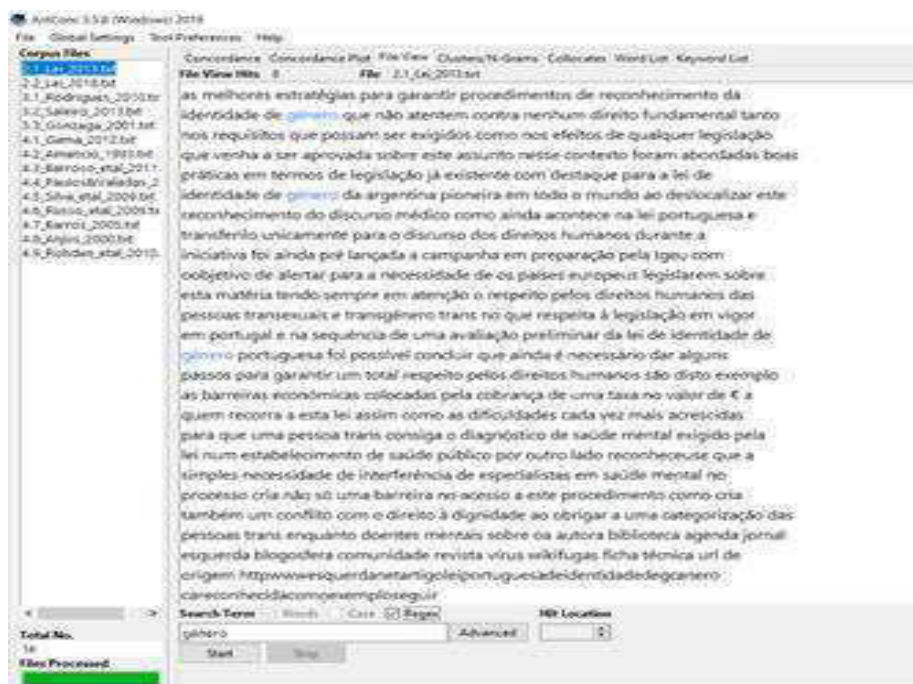
Posto isto, procedemos ao tratamento semiautomático do *corpus*. Começámos por fazer duas análises distintas para cada língua da produção dos textos. Uma primeira análise feita aos textos em língua portuguesa, Portugal e Brasil e uma segunda feita aos textos em língua inglesa, dos EUA. Restringimos a nossa análise ao termo “género” para o português de Portugal e Brasil e “gender” para o inglês.

Iniciámos a análise submetendo os textos em língua portuguesa, Portugal e Brasil, ao programa *AntConc*, verificando se todos os textos estavam carregados no programa. Recorremos para o efeito à função *File View*. Selecionámos cada texto, um por um, e podemos assim observar que todos os textos foram submetidos com sucesso. Segue um exemplo do *File View*:

---

<sup>88</sup> <http://termostat.ling.umontreal.ca/index.php>

<sup>89</sup> [https://linguistech.ca/TermoStat\\_E\\_TUTCERTT\\_I\\_PartI](https://linguistech.ca/TermoStat_E_TUTCERTT_I_PartI)



Quadro III – AntConc: File View na análise de textos em língua portuguesa

Após a verificação, procedemos à análise do termo “gênero” no grupo de textos em língua portuguesa. A análise foi feita através da função *concordance* que permite gerar linhas de concordância a partir de uma determinada forma polo. No nosso caso, a forma polo corresponde ao termo “gênero”. Pretendemos encontrar estruturas regulares, contendo na sua estrutura morfossintática o termo “gênero”. Para este efeito, a pesquisa foi feita através da seleção da opção *Regex* (expressões regulares) e pela seleção das opções que identificam as formas que se agrupam à esquerda ou à direita do termo pesquisado. Pretendemos encontrar estruturas regulares construídas com um máximo de 2 formas à esquerda e 3 formas à direita do termo “gênero”. Acreditamos que balizando o termo “gênero” a 2 formas à esquerda e 3 à direita conseguimos abarcar os termos complexos. Com este critério encontrámos um total de 3634 estruturas. Mostramos de seguida alguns exemplos dos resultados obtidos:





programas. Seguem as capturas de imagem da folha de Excel com o resultado obtido nos dois programas e, de seguida, a identificação das expressões repetidas nos dois programas:

B	C	D
antconc		termostat
gênero reconhecido		atribuição de gênero
gênero são		auto-identificação de gênero
gênero taça		auto-identificações de gênero
transgênero		auto-posicionamento de gênero
transgênero andrógino		binarismo de gênero
autoidentificações de gênero		capital de gênero
binarismo de gênero		categoria de gênero
categori de gênero		categoria de gênero convencional
categorizações de gênero		cisgênero
coisas do gênero		cisgênero
coloca no transgênero		concepção de gênero
conceito de gênero		conservadorismo de gênero
conflito de gênero		conta gênero
conservadorismo de gênero		contexto de trans-gênero
contrário do gênero		credibilidade de gênero
contrário do transgênero		diversidade de gênero
desigualdades de gênero		eixo de gênero
desigualdades de gênero		el gênero
desigualdades entre gêneros		el gênero desordenado
diferenç de gênero		esquema de gênero
diferenciações de gênero		esquema de gênero dominante
disparidades de gênero		essencialismo de gênero
diversidade de gênero		estereótipo de gênero
estereótipos de gênero		estética de gênero
estudo do gênero		estudo de gênero
estudo do transgênero		estudo de trans-gênero
estudos transgênero		experiência de gênero
estudos transgênero e		expressão de gênero
estudos transgênero vindos		expressão de gênero desejado
expressão de gênero		expressão de gênero masculino
expressões de gênero		expressão de gênero minoritário
expressões transgênero		expressão de gênero trans
expressões transgênero deixam		face a gênero
fenômenos transgênero		fluidez de gênero

Quadro VI – folha de Excel: comparação de resultados. As células a verde são as expressões repetidas



	Resultado				
1	ambiguidade de género	27 oscilação de género			
2	apresentação de género	28 papel de género			
3	atribuição de género	29 papel de género tradicional			
4	auto-identificação de género	30 performance de género			
5	auto-posicionamento de género	31 pertença de género			
6	binarismo de género	32 posicionamento de género			
7	categoria de género	33 problema de género			
8	categoria de género convencional	34 reatribuição de género			
9	cisgénero	35 reconhecimento de género			
10	concepção de género	36 regime de género			
11	credibilidade de género	37 regulação de género			
12	diversidade de género	38 saúde transgénero			
13	estereótipo de género	39 sentido de género			
14	estética de género	40 sistema de género			
15	expressão de género	41 sistema de género binário			
16	expressão de género masculino	42 sistema de género convencional			
17	expressão de género minoritário	43 situação de género			
18	expressão de género trans	44 sociologia trans género			
19	fluidez de género	45 teoria de género			
20	género	46 termo de género			
21	hibridez de género	47 trajetória de género			
22	identidade de género	48 trans- género			
23	igualdade de género	49 transgénero			
24	migração de género	50 transgressão de género			
25	modelo de género	51 transição de género			
26	ordem de género	52 ultra género			
		53 vivência de género			
	antconc	termostat	comparação	resultados	

Quadro VII – folha de Excel: resultados obtidos. As células a verde são as expressões repetidas

Os resultados obtidos através da comparação dos dois programas foram mostrados ao Dr. Fernando Mesquita que reforçou a nossa opção de iniciar a análise dos termos relacionados com o conceito <género>.

## 5. Análise linguística de alguns dados recolhidos no *corpus*

Dedicamos este capítulo à análise linguística dos candidatos a termos encontrados pela comparação de resultados obtidos nos dois programas, TermoStat<sup>90</sup> e AntConc<sup>91</sup>.

Na impossibilidade de analisar todos os dados recolhidos, iremos centrar a análise tendo em conta dois critérios. O primeiro critério gira à volta dos termos que de alguma forma se relacionam com o conceito de identidade de género. Com base na seleção obtida por via do primeiro critério, retivemos os termos que na sua formação contenham o forma género, quer ela seja classificada como um substantivo com autonomia dentro da língua, quer seja classificada como a base de um termo complexo ou que desempenhe a função de prefixóide ou de sufixóide.

<sup>90</sup> <http://termostat.ling.umontreal.ca/index.php>

<sup>91</sup> <http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/software.html>

Desta maneira, partindo dos resultados obtidos a partir do tratamento do *corpus*<sup>92</sup>, dos critérios que identificámos acima, obtivemos a seguinte lista:

Resultado	
1	cisgénero
2	género
3	identidade de género
4	transgénero
5	ultra-género

Quadro VIII – resultados obtidos com base nos critérios anteriormente identificados

Com base no quadro VIII, optámos por analisar as unidades “cisgénero”, “transgénero” e “ultra-género”. Observámos que a forma de base “género”, através do processo de derivação prefixal, permitiu a criação de outros termos como *cis+* género; *trans+* género e *ultra+* género. Estes termos seguem a estrutura derivacional através da adição de prefixos, nestes casos através da adição dos prefixos *cis-*, *trans-* e *ultra-*, como vemos no quadro seguinte:

Termo	Formação do termo		Sentido	
	Prefixo	Base	Sentido do prefixo <sup>93</sup>	Sentido da base <sup>94</sup>
cisgénero	cis-	género	<i>posição aquém</i>	<i>combinação de fatores de masculinidade e feminilidade que cada pessoa reúne em si, mas, em formas e gradações diferentes</i>
transgénero	trans-		<i>para além de, posição além de</i>	
ultra-género	ultra-		<i>além do limite</i>	

Quadro IX – identificação dos prefixos que originam outros termos a partir da forma de base género

A identificação destes três termos permite-nos fazer a análise para cada um deles separadamente. Celso Cunha e Lindley Cintra (1984) consideram que as formas “cis” e “trans” resultam de processo de truncação de uma unidade maior. Nos nossos exemplos, são essas unidades maiores “cisgénero” e “transgénero”. Como “cis” e “trans” podem ser usadas em discurso como unidades lexicais autónomas, os autores classificam-nas na ocorrência das suas extensões como sendo prefixóides, como

<sup>92</sup> Ver quadro VII.

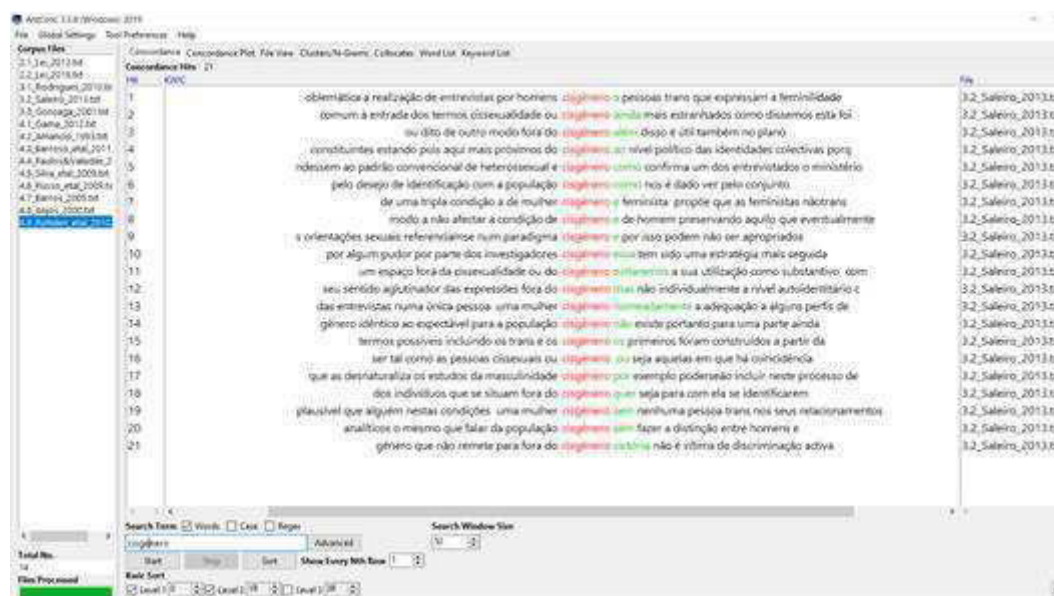
<sup>93</sup> Neste campo, baseámo-nos em Celso Cunha e Lindley Cintra. (Cunha & Cintra, 1995, pp. 87–88)

<sup>94</sup> Neste campo, baseamo-nos em Stoller. (Stoller, 1993a, p. 28)

podemos observar nos exemplos em seguida por nós analisados<sup>95</sup>. (Cunha & Cintra, 1995, p. 114)

## 5.1 “cisgénero”

Aquando do tratamento do *corpus*, tendo como ponto de partida o termo “género”, encontramos o termo “cisgénero”, com 21 ocorrências:

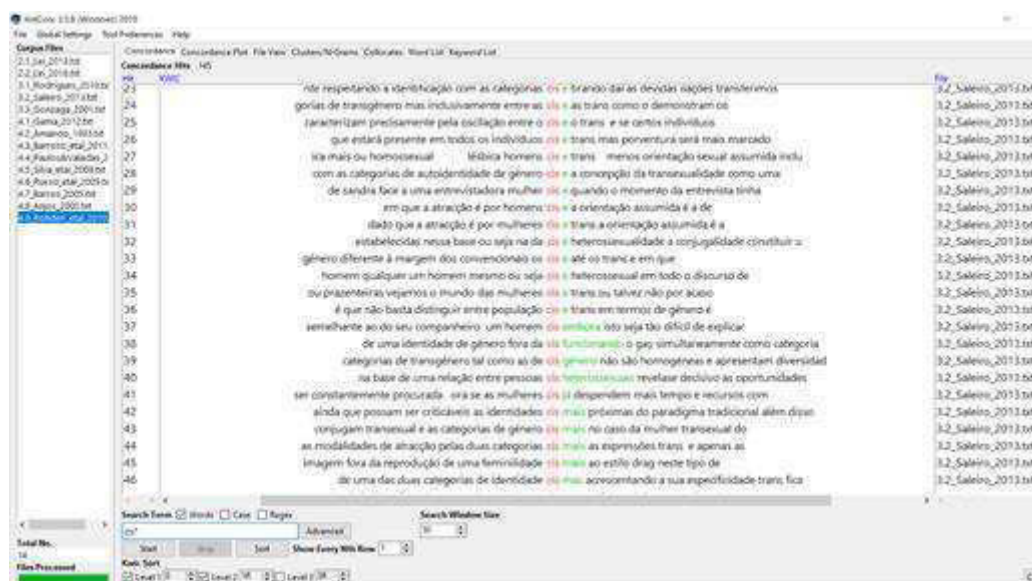


Quadro X – Concordância do termo “cisgénero” - AntConc

Sendo o termo “cisgénero” formado pela junção do prefixóide “cis-” à forma de base “género”, quisemos perceber se este prefixóide surge na formação de outros termos relacionados com o domínio da sexologia. Para esta análise, voltámos a utilizar AntConc, pesquisando pela forma *cis*<sup>96</sup>. Obtivemos o seguinte resultado:

<sup>95</sup> É importante mencionar por um lado que Celso Cunha e Lindley Cintra não fazem distinção entre prefixóides e pseudoprefixos e, por outro, que os prefixóides ou pseudoprefixos se distinguem dos prefixos, pois estes são “meras partículas, sem existência própria no idioma (como des- em desfazer...)”. (Cunha & Cintra, 1995, p. 86,114)

<sup>96</sup> A utilização do símbolo \* (*wildcard*) apenso à expressão que se pretende pesquisar permite-nos obter todas as formas que se iniciam pelo grupo de caracteres que antecede o \*.



Quadro XII – concordância da forma *cis\** no programa AntConc

Olhando para a concordância da forma “cis”, verificamos que esta corresponde à forma abreviada do termo “cisénero”. A redução sofrida na sua grafia não prejudica a compreensão do significado original. Assim, nos contextos por nós analisados, verificamos que “cis”<sup>97</sup>, assume a função de adjetivo em posição pós-nominal. Vejamos os seguintes exemplos obtidos no Antconc:

(1)

- a. ...não há o desejo de transferência para a categoria de **mulher cis** antes o de experienciar ser uma mulher... - *mulher cis* [N+adj] termo
- b. ...seu órgão sexual como semelhante ao do seu companheiro - um **homem cis**. Embora isto seja tão difícil de explicar... - *homem cis* [N+adj] termo
- c. ... do estudo agora empreendido é que não basta distinguir entre **população cis** e trans em termos de gênero... - *população cis* [N+adj] termo
- d. ...com o convencional, constituídos na base de uma relação entre **pessoas cis heterossexuais**, revela-se decisivo... - *pessoas cis heterossexuais* [[N+adj]+adj] termo<sup>98</sup>

<sup>97</sup> Celso Cunha e Lindley Cintra definem esta redução na grafia sem que haja prejuízo na compreensão de uma palavra como *Abreviação vocabular*. Estes autores dizem que é frequente acontecer em vocábulos longos e em compostos greco-latinos. Neste caso, a forma abreviada assume o sentido da palavra plena. (Cunha & Cintra, 1995, p. 116)

<sup>98</sup> Sobre este exemplo, verificamos que o adjetivo *heterossexuais*, no plural, tem escopo sobre todo o grupo *pessoas cis*, como atesta a concordância em número entre o adjetivo *heterossexuais* e o nome *pessoas*. Desta maneira, seria agramatical a estrutura *\*pessoas cis heterossexual*, por não se verificar a concordância em número entre adjetivo e nome. (Rio-Torto et al., 2016, p. 465)

Parece estarmos perante um caso de desgramaticalização<sup>99</sup>, no qual o prefixóide “cis-” muda de categoria e passa a unidade lexical autónoma, adquirindo significação, enriquecimento semântico, que lhe é dado pela forma de base “género”. Desta maneira, a unidade lexical autónoma “cis” refere-se a todos os indivíduos *cisgéneros*, desempenhando lexicalmente a função de hiperónimo,

Observamos este processo de desgramaticalização nos exemplos em (1). Em todos estes exemplos, a unidade lexical autónoma “cis”, resultante da abreviação vocabular de *cisgénero*, adquire significação que lhe foi dada pela forma maior “cisgénero”.

De facto, encontramos, no nosso *corpus*, tanto a forma “cisgénero” como a forma reduzida “cis”. Vejamos os seguintes exemplos, obtidos no AntConc, comparando com os exemplos em (1):

(2)

- a. ... das entrevistas numa única pessoa uma **mulher cisgénero** nomeadamente a adequação a alguns perfis de ...(ver exemplo 1a)
- b. ... problemática a realização de entrevistas por **homens cisgénero** a pessoas trans que expressam a feminilidade... (ver exemplo 1b)
- c. ... pelo desejo de identificação com a **população cisgénero** como nos é dado ver pelo conjunto... (ver exemplo 1c)

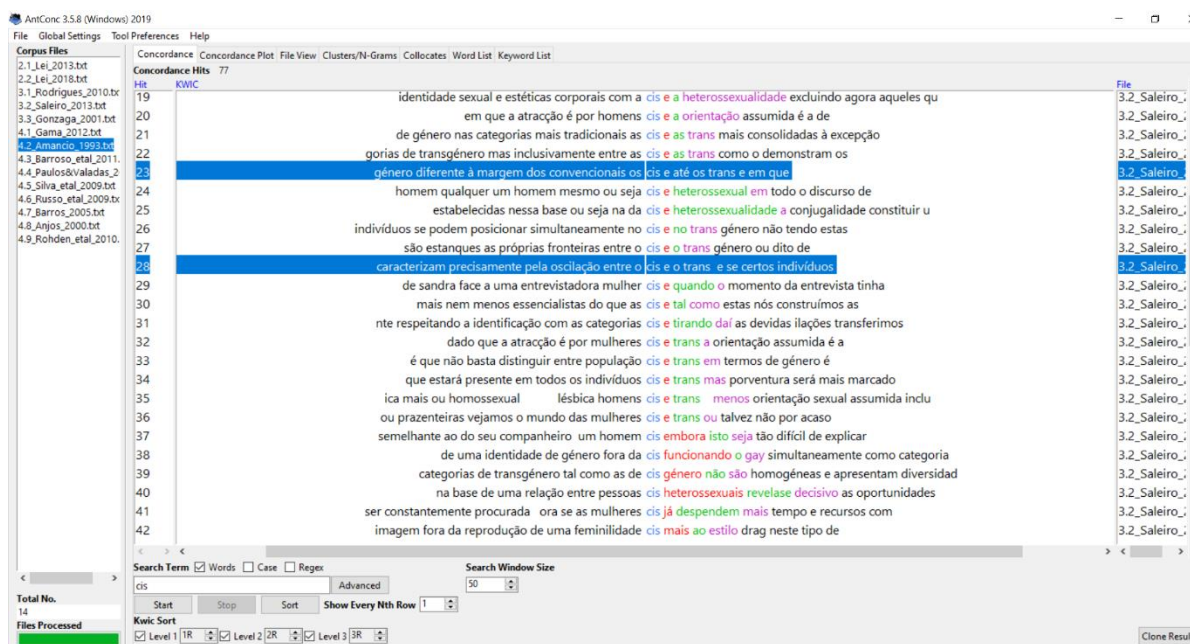
Concluímos, através da comparação dos exemplos em (1) com os exemplos em (2), que tanto a forma maior, “cisgénero”, como a forma reduzida, “cis”, coocorrem na língua sem prejuízo de sentido.

Para além da forma “cis” poder adquirir a função de adjetivo, verificámos que também se pode realizar como substantivo. Nestes casos, há uma recategorização<sup>100</sup> do adjetivo em substantivo, podendo “cis” ser usado para denotar a classe daqueles que pertencem ao grupo dos “cisgéneros”:

---

<sup>99</sup> O processo de desgramaticalização ocorre quando uma unidade multilexical de uma classe mais gramatical (ou funcional) passa para uma classe mais lexical (ou plena). (Paiva Raposo et al., 2013, p. 253)

<sup>100</sup> Paiva Raposo diz a este respeito que quando os adjetivos se recategorizam em substantivos, estes passam a denotar uma classe de entidades, principalmente a dos seres humanos. (Paiva Raposo et al., 2013, p. 1470)



Quadro XIII – concordância de “cis” no programa AntConc

No Quadro XIII, salientamos a azul, os exemplos em que “cis” é realizado como substantivo e que transcrevemos seguidamente:

(2)

a. *Cis* [N]

Expressão encontrada no AntConc	Exemplos encontrados no AntConc
cis [N]	<ul style="list-style-type: none"> <li>... oscilação entre o cis e o trans...</li> <li>... convencionais os cis e até os trans...</li> </ul>

Quadro XIV – identificação de *cis* no programa AntConc

Pelo que foi exposto, podemos identificar para o resultado da abreviação de *cisgénero* > *cis*, os seguintes padrões morfossintáticos:

- [N + adj] termo – [exemplos em 1a, 1b, 1c]
- [[N + adj]+adj] termo – [exemplo em 1d]
- [N] termo – [exemplo em 2ª]

Queremos perceber se estes padrões linguísticos se repetem no caso do termo “transgénero” que também encontrámos aquando da pesquisa a “género”.





[illegible]

Como podemos constatar a forma “trans” é bem mais produtiva que a forma “cis”. Por analogia, optámos, por de entre as unidades encontradas e representadas no Quadro XVI, analisar as formas “transgénero” e “trans”



Exemplos encontrados no AntConc	Padrão morfosintático
(a) <ul style="list-style-type: none"> <li>...é um facto consumado agora há aquelas <u>trans</u> que se operam e dizem...</li> <li>... medicalizada ao contrário do transgénero e do <u>trans</u> que partiram das próprias comunidades cremos que...</li> <li>..., no entanto a discussão cartesiana sobre se o <u>trans</u> respeita mais à identidade de género ou...</li> </ul>	[N] termo
(b) <ul style="list-style-type: none"> <li>... uma secção específica em defesa da <u>comunidade trans</u> no manifesto da marcha de lisboa nesta...</li> <li>...arriscar a primeira entrevista com um <u>homem trans</u> para daí tirar ilações acerca da potencial...</li> <li>...se se trata de homens ou <u>mulheres trans</u> mas mesmo esta ainda insuficiente julgamos assim...</li> </ul>	[N +Adj] termo
(c) <ul style="list-style-type: none"> <li>...a realidade portuguesa nomeadamente as <u>imigrantes trans brasileiras</u> inquiridas no conde apesar de não...</li> </ul>	[[N+Adj]+Adj] termo <sup>101</sup>

Quadro XVII – identificação de padrões morfosintáticos formados por “trans”

No Quadro XVII, identificámos “trans” como adjetivo, caso dos exemplos em (b), (c). De facto, “trans”, tal como “cis”, funciona como modificador do nome. Veja-se o seguinte exemplo retirado do quadro:

“...uma secção específica em defesa da comunidade [N] trans [adj] no manifesto da marcha de lisboa nesta...”

Neste exemplo, verificamos que o adjetivo “trans” modifica o nome “comunidade”, apresentando uma leitura restritiva do nome. No nosso caso, de entre as várias possibilidades de comunidades, referimo-nos apenas ao conjunto de pessoas que possuem a característica expressa pelo adjetivo “trans”.

Observamos que tanto em “cisgénero” como em “transgénero” os padrões morfosintáticos das unidades lexicais se repetem, não se verificando nenhuma diferença comportamental entre elas. Podemos concluir que tanto a forma “cisgénero” como a forma “transgénero” assumem o mesmo comportamento morfosintático:

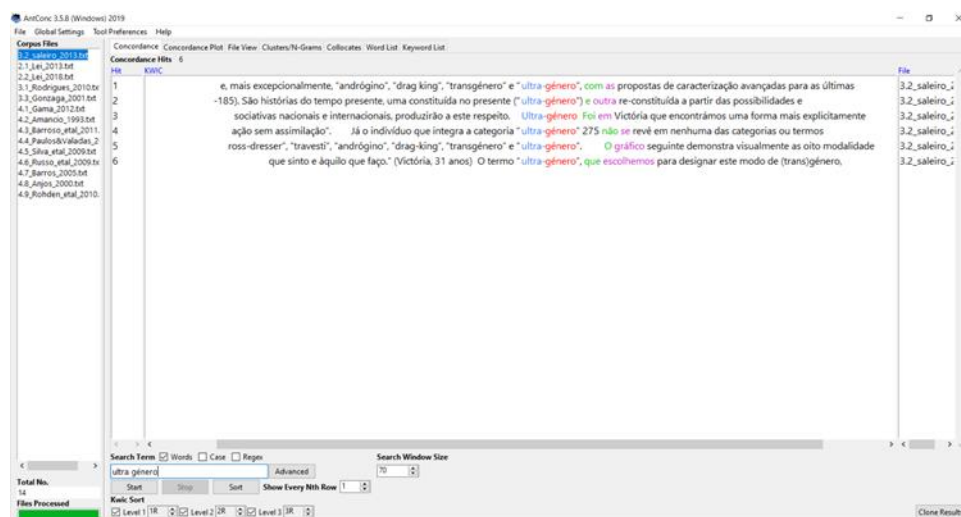
<sup>101</sup> Sobre este exemplo, ver nota de rodapé 86. Desta maneira, concluímos que o comportamento sintático-morfológico de *trans* segue os mesmo padrão de “cis”.

assumem ambas a função de nome e de adjetivo, em diversos contextos lexicais, a saber, a posição do adjetivo face ao nome e a abreviação lexical.

### 5.3 “ultra-género”

No caso do termo “ultra-género”, é importante referir que, no conjunto dos 14 textos em língua portuguesa que constituem o *corpus* de análise, o termo “ultra-género” foi apenas encontrado em língua portuguesa de Portugal numa única fonte, numa tese de doutoramento na especialidade de identidade de género. (Saleiro, 2013)<sup>102</sup>.

Seguimos as mesmas linhas de análise de “cisgénero” e “transgénero” para analisar o termo “ultra-género”. Nesta perspetiva, apresentamos de seguida a concordância de “ultra-género”:



Quadro XVIII – concordância da forma *ultra-género* obtida com o programa AntConc

Como verificamos no Quadro XVIII, o número de ocorrências de “ultra-género” é de 6 ocorrências. O número reduzido deve-se ao facto deste termo ter sido encontrado numa única fonte.

Tal como verificámos para “cisgénero” e “transgénero”, o termo “ultra-género” é também formado pela junção do prefixóide “ultra-” à forma de base “género”.

Também verificámos alguma semelhança quanto aos comportamentos morfossintáticos das unidades lexicais em que ocorrem a forma “ultra-género”, quando comparados com os que encontrámos para as formas “cisgénero” e “transgénero”. De facto, “ultra-género” realiza-se como nome, mas, também como

<sup>102</sup> Nesta tese de doutoramento, o termo “*ultra-género*” surge sempre grafado com hífen. Manteremos a grafia da autora neste trabalho.

adjetivo em posição pós-nominal, uma ocorrência apenas. Destacamos as 6 ocorrências encontradas deste termo:

Exemplos encontrados no AntConc	Padrão morfossintático
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. ...mais excepcionalmente, “andrógino”, “drag king”, “transgénero” e <b>“ultra-género”</b>, com as propostas de caracterização avançadas para as últimas...</li> <li>2. ...São histórias do tempo presente, uma constituída no presente (<b>“ultra-género”</b>) e outra re-constituída a partir das possibilidades e...</li> <li>3. <b>Ultra-género</b> - Foi em Victória que encontrámos uma forma mais explicitamente...</li> <li>4. ...“travesti”, “andrógino”, “drag-king”, “transgénero” e <b>“ultra-género”</b>. O gráfico seguinte demonstra visualmente as oito modalidades...</li> <li>5. ...O termo <b>“ultra-género”</b>, que escolhemos para designar este modo de (trans)género...</li> </ol>	[N] termo
<ol style="list-style-type: none"> <li>6. ... Já o indivíduo que integra a categoria <b>“ultra-género”</b> não se revê em nenhuma das categorias ou termos...</li> </ol>	[N +Adj] termo

Quadro XIX – identificação das unidades lexicais formadas com “ultra-género”

Em todos estes casos, o termo “ultra-género” é usado no *corpus* de análise entre aspas, reforçando a ideia de ser um neologismo terminológico<sup>103</sup>, exceto no exemplo 3 em que não são usadas aspas, provavelmente, por ter sido usado como título de um subcapítulo no documento original.

Por outro lado, contrariamente ao que encontrámos para os termos “cisgénero” e “transgénero”, em que identificámos um processo de abreviação vocabular daqueles termos para, respetivamente, os prefixóides “cis-” e “trans-”, o termo “ultra-género” mantém-se invariável na sua grafia, não se encontrando nenhuma ocorrência de uma forma reduzida de “ultra-género”.

A validação do termo “ultra-género” será, futuramente, esclarecida pelos especialistas, uma vez que se torna relevante saber qual o estatuto do termo “ultra-género”. Terá sido o termo criado pela autora com o propósito de designar uma realidade no contexto da sua tese doutoramento<sup>104</sup> e, nesse caso, poderá ser classificada como um neologismo terminológico de autor, ou se, efetivamente, o termo é, atualmente, aceite e usado pela comunidade científica, sendo um termo em uso entre os membros da comunidade de especialistas.

<sup>103</sup> De acordo com Celso Cunha e Lindley Cintra, o uso de aspas pretende “fazer sobressair termos ou expressões, geralmente não peculiares à linguagem normal de quem escreve (estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, vulgarismo, etc.” (Cunha & Cintra, 1995, p. 658)

<sup>104</sup> A autora utiliza o termo “ultra-género” para se referir ao indivíduo que não se revê em nenhuma das categorias ou termos em uso. (Saleiro, 2013, p. 212)

## 6. Análise dos contextos ricos em informação

### 6.1 “transgénero”: análise dos contextos ricos em informação

Este ponto pretende apresentar a análise dos contextos ricos em informação em que ocorre o termo “transgénero”. Assim sendo, após a análise linguística feita no capítulo anterior e identificados os padrões morfossintáticos dos termos, procedemos ao levantamento da informação contextual encontrada no *corpus* para o termo “transgénero”.

É importante referir que optámos por trabalhar com *knowledge-rich contexts*<sup>105</sup>, que de acordo com Meyer (2001) se entende como:

“context indicating at least one item of domain knowledge that could be useful for conceptual analysis. In other words, the context should indicate at least one conceptual characteristic, whether it be an attribute or a relation”.(Meyer, 2001, p. 281)

Entendemos que o uso de contextos selecionados a partir do *corpus* irá ajudar na elaboração de definições, a partir da identificação das relações lexicais entre termos, e informações sobre as características do termo.

De facto, partindo da análise dos contextos ricos em informação poderemos identificar contextos definitórios<sup>106</sup> e explicativos<sup>107</sup> que o terminólogo poderá usar para a elaboração de definições, “piecing together elements of vários KRCs [knowledge rich contexts]”. (Meyer, 2001, p. 282)

Numa primeira etapa, como já abordámos no capítulo V, recorreremos ao programa AntConc para tratamento do *corpus*, sendo o objetivo identificar os termos e respetivos padrões morfossintáticos, através da análise das concordâncias.

O passo seguinte levou-nos a fazer o levantamento dos contextos ricos em informação. O levantamento desta informação e subsequente análise permitir-nos-ão preparar e organizar a informação para futuramente elaborar as definições dos conceitos designados pelos termos em análise.

---

<sup>105</sup> Contextos ricos em informação (tradução nossa).

<sup>106</sup> Meyer defende que os contextos definitórios seguem a estrutura de *definição* aristotélica. A definição é conseguida pela fórmula *genus* e *differentia*, sendo o primeiro um elemento identificador genérico e o segundo o que caracteriza um elemento dentro do genérico – *defining knowledge-rich contexts*. (Meyer, 2001, p. 283)

<sup>107</sup> Os contextos explicativos, *explanatory knowledge-rich contexts*, caracterizam-se pela ausência do elemento genérico. Estes contextos apresentam apenas o termo a definir e as características que o distinguem de outros termos. (Ibidem, p. 287).

Nesta perspetiva, começámos por identificar de forma exaustiva os contextos em que o termo “transgénero” ocorre e que apresente informação lexical a partir da qual se possa inferir características do conceito designado pelo termo.

Transferimos os contextos para uma folha Excel, identificando, também, os códigos dos textos de onde a informação se encontrava. Desta maneira, conseguimos obter todos os contextos para o termo “transgénero”, tanto em língua portuguesa, Portugal e Brasil, como em língua inglesa. Mostramos, de seguida, um exemplo de alguns contextos encontrados para o termo “transgénero”:

A	B	C	D	E	F
TEXTO	FONTE			TEXTO	FONTE
TRANSGENER				transgénero	3,2
Transwomen are people who were assigned male at birth but identify as female. 5Transmen are people who were assigned fe male at birth but identify as male.				transgénero enquanto categoria de autoidentidade	
	4,14				3,2
transgender is intended to be an umbrella	4,15			transgénero nas sociedades ocidentais é a própria demonstração da distinção entre sexo identidade	3,2
category that includes all sex and gendervariant people				a desidentificação com o corpo é um dos traços distintivos desta categoria de transgénero como a própria definição pelo corpo errado evidencia é assim comum entre os entrevistados embora assumindo diferentes intensidades e formas a narrativa de desconforto relativamente ao corpo que se acentua na adolescência quando os marcadores de género se começam a vincar na adolescência a consciência do corpo acaba por nos aparecer em frente aos olhos não é claro que há também um processo de fuga uma certa fuga para a fantasia que depois choca com a realidade não só em termos de evolução do próprio corpo	3,2
participating in a program with a transgender or gender non-conforming person. such objections are not a lawful reason to deny access to that transgender or gender non-conforming individual.	GID2015			embora o travesti seja uma forma de transgénero tradicional da sociedade portuguesa porventura a mais tradicional actualmente nos espaços trans	3,2
additional research exploration namely the stability of a transgender or nonbinary gender identity it is unclear for example what percentage of adolescents or adults who selfidentify as transgender or some other gendervariant identity status eg genderqueer	4,36			a expressão de transgénero que denominámos de drag king porque aqui ao contrário do caso que acabámos de ver a expressão da masculinidade aparece circunscrita aos momentos de performance artística	3,2
nearly every interview activists reported that transgender is an umbrella term suggesting as i stated previously that it is inclusive of varying lists of identities even though most were quite vague about their definitions of the category transgender	4,15			s pessoas trans tentam conformar o seu corpo às estéticas corporais socialmente vigentes para o género que desejam expressar	3,2

Quadro XX– contextos para o termo “transgénero”.

Após a identificação dos contextos, e eliminada toda a informação repetida, transferimos esses contextos para um documento Word, de modo a melhor trabalhar a informação. Apresentamos de seguida o quadro XXI com alguns contextos ricos em informação para o termo “transgénero”:

contextos ricos em informação	
1	"...reconhecimento da possibilidade de um certo grau de fluidez das identidades que estará presente em todos os indivíduos cis e trans mas porventura será mais marcado em certas formas de <b>transgénero</b> .... "
2	"... <b>transgénero</b> nas sociedades ocidentais é a própria demonstração da distinção entre sexo, identidade de género e estética corporal..."
3	"... <b>transgénero</b> é um termo chapéu de chuva usado para definir uma comunidade política e social o qual é inclusivo para as pessoas transexuais, as pessoas <b>transgénero</b> , crossdressers, transvestites e outros grupos de pessoas variantes de género tal como drag queens e kings, lésbicas sapatonas (butch lesbians) no original e mulheres masculinizadas ou passing..."
4	"... <b>transgénero</b> tem também sido usado para referir todas as pessoas que expressam o género de modos tradicionalmente não associados ao seu sexo..."
5	"...embora o número de pessoas <b>transgénero</b> seja reduzido deve ser sublinhado que a comunidade <b>transgénero</b> é muito diversa muitos quadros legais apenas parecem referir-se às pessoas transexuais deixando de fora uma parte significativa da comunidade..."
6	"...transgender warriors, Feinberg que fica na história por ser precursora da utilização de <b>transgénero</b> como termo agregador confessa que a palavra trans tem vindo a ser crescentemente utilizada pela comunidade de género como um termo que une toda a coligação. se o termo gozasse já de reconhecimento popular eu teria intitulado este livro de trans warriors..."
7	"... embora o travesti seja uma forma de <b>transgénero</b> tradicional na sociedade portuguesa porventura a mais tradicional actualmente nos espaços trans..."
8	"...identidade Travesti enquadra-se na categoria mais lata do transgender ou <b>transgénero</b> . Utilizamos o termo <b>transgénero</b> para nos referirmos a pessoas que de alguma forma transgridem normas sociais de género..."
9	"... a versão anos (...) utiliza o termo <b>transgénero</b> num sentido aglutinador que diferentemente de transexual pode englobar uma diversidade de identidades..."
10	"...mais político e politizado de união e de criação de uma comunidade o termo <b>transgénero</b> reúne todas as expressões de género fora do sistema dicotómico dos dois sexos, géneros em..."
11	".... o termo <b>transgénero</b> é utilizado para se referir às pessoas que assumem papéis de género convencionalmente associados aos desempenhados pelas pessoas do sexo oposto ao que lhes foi atribuído mas que não tencionam submeter-se a intervenções cirúrgicas ou passar por uma transição física..."

Quadro XXI—contextos para o termo “transgénero”

O foco é a análise dos contextos identificados para o termo “transgénero” apresentados no quadro XXI para encontrar marcadores lexicais<sup>108</sup> e assim compreender como se comporta linguisticamente o termo em contexto e verificar que tipo de relações lexicais se estabelecem entre os termos (hiperónimos e hipónimos), que características conceptuais podemos inferir através da análise dos contextos em que ele ocorre.

Nesta linha de pensamento, começamos por apresentar o que Meyer chamou de *defining knowledge-rich contexts*<sup>109</sup>. Como já tivemos oportunidade de referir, os

<sup>108</sup> Como iremos ver mais adiante, entendemos por *marcadores* lexicais as estruturas lexicais que expressam relações lexicais.

<sup>109</sup> Contextos definitórios. (tradução nossa)

contextos definitórios obedecem à estrutura de definição clássica aristotélica, representada pela forma  $X=Y+\text{caraterísticas diferenciadoras}$ . O X representa o termo a ser analisado, o Y o elemento genérico, o = a relação lexical que se estabelece entre eles. (Meyer, 2001, p. 283)

Observando o quadro XXI, identificamos alguns contextos definitórios, nomeadamente, os contextos 3, 7 e 8.

Vejamos o contexto 3, no qual assinalámos o termo a castanho; o marcador lexical a verde e os candidatos a hipónimo a vermelho:

"...**transgénero** é um termo chapéu de chuva usado para definir uma comunidade política e social o qual é inclusivo para as **peessoas transexuais, as pessoas transgénero, crossdressers, transvestites** e outros grupos de pessoas variantes de género tal como **drag queens** e **kings, lésbicas sapatonas (butch lesbians)** no original e **mulheres masculinizadas** ou passing..." – contexto 3

Aqui temos vários tipos de informação. Por um lado, consideramos estar perante uma definição explicativa, na media em que nos é dada um possível definição do que significa "transgénero". Começa por nos dizer que "transgénero" é um "termo chapéu" ou seja, um hiperónimo, que se define por ser uma "comunidade política e social", comunidade essa que inclui "um tipo de" (que corresponde a uma *type-of relation*) de pessoas que passa a enumeração. Cada um dos elementos que enumera são tipos de pessoas que têm a característica de pertencer ao grupo dos transgéneros, logo correspondem a hipónimos. Interessante é verificar que o contexto definitório está próximo de uma definição estipulativa, porque enumera o tipo de pessoas que pertencem à comunidade transgénero. Por outro lado, podemos ainda deduzir que "transgénero" será uma redução linguística "de comunidade transgénero".

O termo "transgénero" apresenta uma ambiguidade: tanto se pode referir a uma pessoa, como à comunidade a que pertence um pessoa transgénero que por sua vez poderá ter características expressas por todos os hipónimos enumerados no contexto 3.

Os contextos 7 e 8 também são exemplos de contextos definitórios:

"... embora o **travesti** seja uma forma de **transgénero** tradicional na sociedade portuguesa porventura a mais tradicional actualmente nos espaços trans..." – contexto 7

"...identidade **Travesti** **enquadra-se** na categoria mais lata do transgender ou **transgénero**. Utilizamos o termo transgénero para nos referirmos a pessoas que de alguma forma transgridem normas sociais de - contexto 8..."

Mais uma vez, tal como nos contextos anteriores, esta definição não responde à questão o que é um “travesti”, mas apresenta uma categorização: “uma forma de transgénero” ou “enquadra-se na categoria de transgénero”. Quem não sabe o que é um travesti, continua sem saber.

As estruturas lexicais que expressam as relações lexicais nos contextos que acabámos de identificar são marcadores lexicais e seguem a estrutura de *verbo ser + artigo* ou *verbo simples*. Estas estruturas lexicais têm função diferente entre si:

Número de contexto	Contextos	Marcadores lexicais que expressam relações lexicais
3	"...transgénero <u>é um</u> termo chapéu de chuva usado para definir uma comunidade política e social o qual ..."	<i>é um</i>
7	"... embora o travesti <u>seja uma</u> forma de transgénero tradicional na sociedade portuguesa..."	<i>seja uma</i>
8	"...identidade Travesti <u>enquadra-se</u> na categoria mais lata do transgender ou transgénero. ..."	<i>enquadra-se</i>

Quadro XXII– marcadores lexicais que expressam relações lexicais

No contexto 3 e 7, “é um” e “seja uma” estabelece um relação de hiperonímia-hiponímia, no contexto 7 “enquadra-se” dá conta de uma relação de inclusão.

Todos os outros contextos foram identificados como *explanatory knowledge-rich contexts*<sup>110</sup>, porque não apresentam, na sua estrutura, o elemento genérico, o hiperónimo. Iremos ver que, nestes contextos, são identificados o termo a definir e algumas características que ajudam na explicitação desse termo. (Meyer, 2001, p. 287)

De seguida apresentamos somente os contextos explicativos de “transgénero”, quadro XXIII, identificando o termo a castanho e as características do termo a negrito:

contexto-rico em informação	
1	"...reconhecimento da possibilidade de um certo <b>grau de fluidez das identidades</b> que estará presente em todos os indivíduos cis e trans mas porventura será mais marcado em certas formas de <b>transgénero</b> .... "
2	"... <b>transgénero</b> nas sociedades ocidentais é a própria demonstração da <b>distinção entre sexo, identidade de género e estética corporal</b> ..."
4	"... <b>transgénero</b> tem também sido usado para referir todas as <b>pessoas que expressam o género de modos tradicionalmente não associados ao seu sexo</b> ..."
5	"...embora o número de pessoas <b>transgénero</b> seja reduzido deve ser sublinhado que a <b>comunidade transgénero é muito diversa</b> muitos quadros legais apenas parecem referir-se às pessoas transexuais deixando de fora uma parte significativa da comunidade..."

<sup>110</sup>Contextos explicativos (tradução nossa)



6	" ...transgender warriors, Feinberg que fica na história por ser precursora da utilização de <b>transgénero</b> como <b>termo agregador</b> confessa que a palavra trans tem vindo a ser crescentemente utilizada pela comunidade de género como um termo <b>que une toda a coligação</b> . se o termo gozasse já de reconhecimento popular eu teria intitulado este livro de trans warriors..."
9	"... a versão anos (...) utiliza o termo <b>transgénero</b> num <b>sentido aglutinador</b> que diferentemente de transexual <b>pode englobar uma diversidade de identidades...</b> "
10	"...mais político e politizado de união e de criação de uma comunidade o termo <b>transgénero</b> reúne <b>todas as expressões de género fora do sistema dicotómico dos dois sexos, géneros</b> em..."
11	".... o termo <b>transgénero</b> é utilizado para se referir às <b>pessoas que assumem papéis de género convencionalmente associados aos desempenhados pelas pessoas do sexo oposto</b> ao que lhes foi atribuído mas que <b>não tencionam submeter-se a intervenções cirúrgicas ou passar por uma transição física...</b> "

Quadro XXIII – contextos explicativos para o termo transgénero

Meyer (2001, p.288) apresenta algumas reflexões que poderão ajudar a compreender a ausência do elemento genérico nos contextos identificados no quadro XXIII. Destacamos duas dessas reflexões que podem justificar a ausência do elemento genérico nos contextos explicativos no nosso trabalho:

- O elemento genérico poderá ter sido previamente evidenciado noutro contexto;
- O termo que designa no conceito que se pretende definir é de tal maneira conhecido do leitor que é suposto o seu hiperónimo ser intuitivamente inferido.

A ausência do elemento genérico nos contextos explicativos no nosso trabalho poderá ser explicado pelo facto de ele poder ter sido previamente identificado no contexto. Neste caso, como exemplo, destacamos o contexto 1 do quadro XXIII, identificando a castanho, o termo e a negrito, as características:

"...reconhecimento da possibilidade de um certo **grau de fluidez das identidades** que estará presente em todos os indivíduos cis e trans mas porventura será mais marcado em certas formas de **transgénero**.... "

No contexto explicativo que acabámos de transcrever, o elemento genérico não está lexicalmente realizado. No entanto, ele é previamente identificado e explícito no documento original<sup>111</sup> e que transcrevemos, identificando a azul, o elemento genérico:

"...utilizaremos "transgénero" no seu sentido amplo, como termo aglutinador das várias **identidades e expressões de género**, para nos referirmos..."

De facto, a identificação prévia do elemento genérico aos contextos explicativos parece-nos ser muito frequente no nosso trabalho e, assim, como diz Pearson (1998),

<sup>111</sup> 3.2\_Saleiro\_2013 (texto do nosso corpus)

os contextos explicativos poderão ser, por vezes, extensões dos contextos definitórios.(Pearson, 1998, p. 162)

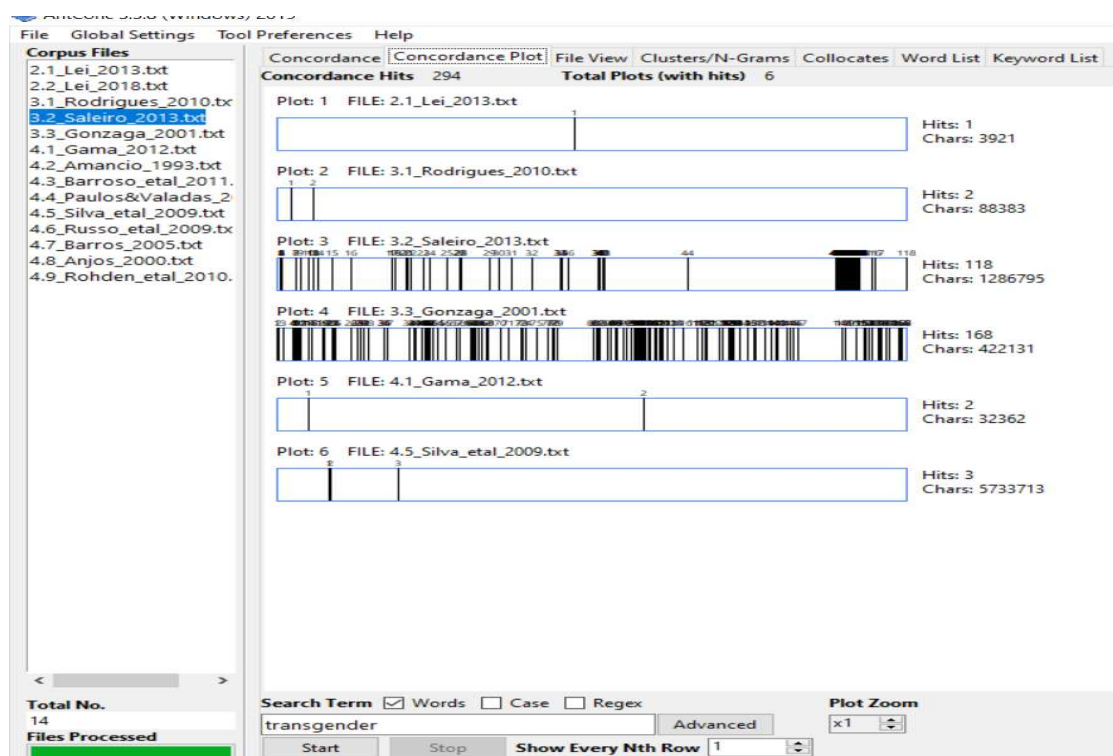
Por outro lado, a segunda reflexão que identificámos anteriormente - *o termo que se pretende definir é de tal maneira conhecido do leitor que o seu hiperónimo é intuitivamente inferido* - poderá também explicar a ausência do elemento genérico nos contextos explicativos.

Na verdade, a quantidade de informação a que os falantes conseguem ter acesso, seja por via da *internet*, da rádio, da televisão ou da imprensa escrita, permite-lhes perceber que *transgénero* é um tipo de identidade de género ou que está relacionado com género, o que vai ao encontro do que Meyer defende para o caso da ausência do elemento hiperonímico nos contextos explicativos – o elemento hipéronímico é *intuitivamente conhecido*.

Antes de concluirmos a análise ao termo “transgénero”, queremos destacar o contexto 8, no qual são identificadas as formas “transgender” e “transgénero”, combinadas pelo marcador *ou*, permitindo inferir estarmos perante duas formas equivalentes. Transcrevemos de seguida o contexto, identificando o marcador a verde:

- “...identidade travesti enquadra-se na categoria mais lata do transgender **ou** transgénero. Utilizamos o termo transgénero para nos referirmos a pessoas que de alguma forma transgridem normas sociais de género...” – contexto 8

Sobre estas duas formas, verificámos que o termo “transgénero” foi encontrado em diversas fontes do nosso *corpus* para o português europeu e português do Brasil, enquanto que o anglicismo “transgender” teve maior número de frequência em fontes do nosso *corpus* em português do Brasil. De seguida, mostramos o *concordance plot*, tirado do *AntConc*:



Quadro XXIV– concordance plot referente ao termo “transgender”

O concordance plot apresentado no quadro XXIV, permite-nos observar que o anglicismo *transgender* tem maior frequência na fonte 3.3. Gonzaga\_2001.txt, em português do Brasil. Nesta fonte, não encontramos a forma “transgénero”.

Sistematizamos o uso de “transgender” na seguinte tabela:

Código da fonte	Idioma	uso da forma “transgender”
2.1_Lei_2013.txt	Português europeu	<i>Transgender</i> usado para mencionar organização europeia
3.1_Rodrigues_2010.txt	Português europeu	<i>Transgender</i> usado com equivalente a <i>transgénero</i>
3.2_Saleiro_2013.txt	Português europeu	<i>Transgender</i> usado como citação, endereço na internet e numa entrevista por um falante de português do brasil
3.3_Gonzaga_2001.txt	Português brasileiro	<i>Transgender</i> como forma corrente do léxico do falante (outras formas são encontradas como transgenderista)
4.1_Gama_2012.txt	Português europeu	<i>Transgender</i> usado para mencionar organização europeia
4.5_Silva_etal_2009.txt	Português europeu	<i>Transgender</i> usado para mencionar organização europeia e como equivalente de <i>transgénero</i>

Quadro XXV– uso da forma “transgender” em diversas fontes do nosso corpus

Podemos observar que este potencial caso de equivalência semântico-lexical entre o português europeu e o português do Brasil pode ser observado apenas em alguns documentos do nosso corpus. Do ponto de vista terminológico, não conseguimos apurar se *transgender* e *transgénero* são na verdade equivalentes, embora possamos pensar que sejam variantes que ocorrem no português do Brasil. Esta afirmação terá de ser confirmada em corpora maiores.

Tendo feita a análise ao termo “transgénero”, quisemos perceber se encontraríamos os mesmos resultados para o termo “trans”, uma vez que a análise morfossintática que fizemos no capítulo 6 permitiu-nos concluir que “trans” é a forma abreviada de “transgénero” e que as duas formas coocorrem na língua.

Destacamos o quadro XXVI que contém os contextos para o termo “trans”:

contexto rico em informação	
1	“...pessoa <b>trans</b> expressão de género <b>trans</b> comunidade <b>trans</b> etc é que em termos práticos ele é necessário porque quando estamos posicionados na problemática da identidade de género temos que ter um termo que designe todos aqueles que não se enquadram no sistema dos dois sexos, géneros únicos e convergentes...”
2	“...reconhecimento da possibilidade de um certo grau de fluidez das identidades que estará presente em todos os indivíduos cis e <b>trans</b> mas porventura será mais marcado em certas formas de transgénero.... ”
3	“... é igualmente necessário identificar a categoria ou expressão de transgénero de que se trata ao nível mínimo se se trata de homens ou mulheres <b>trans</b> mas mesmo esta ainda insuficiente julgamos assim que é útil continuar o exercício de afinação dos indicadores que permitam traduzir essas diferenças...”
4	" ...alguns outros passos nesse sentido como o movimento já com alguns sucessos a favor da despatologização das identidades de género <b>trans</b> como a pioneira lei de identidade de género na argentina as recomendações a nível europeu para que as pessoas <b>trans</b> sejam incluídas nos documentos legislativos..."
5	"...as pessoas <b>trans</b> tentam conformar o seu corpo às estéticas corporais socialmente vigentes para o género que desejam expressar..."
6	"... económicos acresce que algumas identidades de género <b>trans</b> não enquadradas na transexual e cobertas pelo transgénero podem recorrer a transformações corporais encarnadas que chegam mesmo a incluir as cirúrgicas ainda que não geralmente ..."
7	“[transgénero]... ou seja em termos das identidades colectivas aquele é o termo genérico privilegiadamente utilizado para abarcar toda a população <b>trans</b> aliás sobretudo no contexto linguístico...”
8	“... mesmo impossibilidade da aceitação da sua família e de prossecução da sua profissão enquanto mulher <b>trans</b> de enveredar pelo caminho do trabalho sexual...”
9	“... contacto directo que estas proporcionavam fez arriscar a primeira entrevista com um homem <b>trans</b> para daí tirar ilações acerca da potencial interferência na informação...”
10	" ...transgender warriors, Feinberg que fica na história por ser perscrutadora da utilização de transgénero como termo agregador confessa que a palavra <b>trans</b> tem vindo a ser crescentemente utilizada pela comunidade de género como um termo que une toda a coligação. se o termo gozasse já de reconhecimento popular eu teria intitulado este livro de trans warriors..."
11	“... mesmo ultrapassada as categorias de identidade de género <b>trans</b> que emergiram no discurso dos sujeitos as que reconhecem para si...”

Quadro XXVI – contextos para o termo “trans”

A leitura que fizemos aos contextos do quadro XXVI permitiu-nos concluir que estes contextos apresentam um número muito reduzido de marcadores lexicais, quando comparados com os contextos do quadro XXI, referentes ao termo “transgénero”.

De facto, no quadro XXVI, apenas identificámos dois marcadores lexicais nos seguintes contextos, identificados a verde:

- “...pessoa trans expressão de género trans comunidade trans etc é que em termos práticos ele é necessário porque quando estamos posicionados na problemática da identidade de género temos que ter um termo que **designa** todos aqueles que não se enquadram no sistema dos dois sexos, géneros únicos e convergentes...” - contexto 1
- “ ...transgender warriors, Feinberg que fica na história por ser precursora da utilização de transgénero como termo agregador confessa que a palavra trans **tem vindo a** ser crescentemente utilizada pela comunidade de género como um termo que une toda a coligação. se o termo gozasse já de reconhecimento popular eu teria intitulado este livro de trans warriors...” – contexto 10

A ausência deste tipo de marcadores, talvez, possa ser explicada pelo facto de, nestes contextos, não existir uma estrutura de definição clássica<sup>112</sup> de “trans”, mas, somente, a apresentação de características deste termo. Na verdade, em todos estes contextos, o termo é identificado, mas o elemento genérico não está lexicalmente realizado. Apresentamos de seguida o quadro XXVII, no qual identificamos o termo a castanho e as características desse termo a negrito:

contexto rico em informação	
1	“...pessoa <b>trans</b> expressão de género <b>trans</b> comunidade <b>trans</b> etc é que em termos práticos ele é necessário porque quando estamos posicionados na problemática da identidade de género temos que ter um termo que <b>designa todos aqueles que não se enquadram no sistema dos dois sexos, géneros únicos e convergentes...</b> ”
2	“...reconhecimento da possibilidade de um certo <b>grau de fluidez das identidades</b> que estará presente em todos os indivíduos cis e <b>trans</b> mas porventura será mais marcado em certas formas de transgénero.... ”
3	“...as pessoas <b>trans</b> tentam <b>conformar o seu corpo às estéticas corporais socialmente vigentes para o género que desejam expressar...</b> ”
4	“... económicos acresce que algumas identidades de género <b>trans</b> não enquadradas na transexual e cobertas pelo transgénero <b>podem recorrer a transformações corporais encarnadas que chegam mesmo a incluir as cirúrgicas</b> ainda que não geralmente ...”
5	“ ...transgender warriors, Feinberg que fica na história por ser precursora da utilização de transgénero como termo agregador confessa que a palavra <b>trans tem vindo a ser crescentemente utilizada pela comunidade de género</b> como um termo que une toda a coligação. se o termo gozasse já de reconhecimento popular eu teria intitulado este livro de trans warriors...”
6	“[transgénero]... ou seja em termos das <b>identidades colectivas</b> aquele é o termo genérico privilegiadamente utilizado para abarcar toda a população <b>trans</b> aliás sobretudo no contexto linguístico...”

<sup>112</sup> A estrutura de definição clássica é representada pela forma X=Y+ características diferenciadoras. O X representa o termo a ser analisado, o Y o elemento genérico, o = a relação lexical que se estabelece entre eles. (Meyer, 2001, p. 283)

Por outro lado, a estrutura morfossintática do termo “trans”, [N+Adj] term, tal como vimos no ponto 6.2, em que “trans” desempenha a função de [Adj] em posição pós-nominal, poderá ser indicador de casos de hiponímia do termo “trans”. Vejamos os seguintes contextos:

- “...reconhecimento da possibilidade de um certo grau de fluidez das identidades que estará presente em todos os indivíduos[N] cis[Adj] e trans[Adj] mas porventura será mais marcado em certas formas de transgénero.... ” – contexto 2
- “...as pessoas[N] trans[Adj] tentam conformar o seu corpo às estéticas corporais socialmente vigentes para o género que desejam expressar...” – contexto 3

Os contextos 2 e 3 identificam, respetivamente, do ponto de vista do discurso, “indivíduos cis” e “trans” e “pessoas trans”. Poderemos inferir, à semelhança de “indivíduos cis” e “trans” e de “pessoas trans”, que se possa falar em “pessoas cis”. Assim, nos contextos que iremos destacar de seguida, “mulher trans” e “homem trans” poderão ser casos de hiponímia de “trans”, pois serão tipos de pessoas que reúnem determinadas características para pertencerem ao grupo de “indivíduos trans” e, portanto, hipónimos de “trans”. Destacamos os contextos identificando a vermelho potenciais casos de hiponímia:

- “... mesmo impossibilidade da aceitação da sua família e de prossecução da sua profissão enquanto **mulher[n] trans[adj]** de enveredar pelo caminho do trabalho sexual...”
- “... contacto directo que estas proporcionavam fez arriscar a primeira entrevista com um **homem[n] trans[adj]** para daí tirar ilações acerca da potencial interferência na informação...”

Ainda sobre o quadro XXVII, se observarmos o contexto 5, verificamos que o termo “trans” é também identificado como um termo genérico bem como algumas características deste termo. Transcrevemos o contexto 5, identificando o termo a castanho; as características a negrito e a verde o marcador lexical:

- “ ...transgender warriors [nome de um livro], Feinberg [autora que escreveu aquele livro] que fica na história por ser precursora da utilização de transgénero como termo agregador confessa que a palavra **trans tem vindo a ser crescentemente utilizada pela comunidade de género como um termo que une toda a coligação**. se o termo gozasse já de reconhecimento popular eu teria intitulado este livro de trans warriors...” - contexto 5

O contexto que acabámos de transcrever, permite-nos ainda concluir que, apesar de termos observado, no capítulo 6, que a estrutura morfossintática de “trans” resulta da abreviação de “transgénero”, parece que, atualmente, o valor semântico de “trans” se afasta ou ultrapassa o de “transgénero”, permitindo concluir estarmos perante um caso de uma variante terminológica coocorrente<sup>113</sup> de “transgénero”.

Por outro lado, os contextos 4 e 6 evidenciam o uso do termo “trans” não como um termo hiperonímico, mas como hiponímico. De seguida, destacamos o contexto 4, identificando a azul o hiperónimo, a vermelho o hipónimo e a verde o marcador lexical:

- “... económicos acresce que algumas **identidades de género trans** não enquadradas na transexual e **cobertas pelo transgénero** podem recorrer a transformações corporais encarnadas que chegam mesmo a incluir as cirúrgicas ainda que não geralmente ...” – contexto 4

No contexto 4, “transgénero” surge como hiperónimo de “trans”. Este contexto evidencia que existem várias identidades de género trans e que estas várias identidades são incluídas pelo hiperónimo “transgénero”. Portanto, as várias identidades de “género trans” que, neste contexto, não são enumeradas, têm a característica de pertencerem ao grupo “transgénero”.

No contexto 6, “transgénero” é o hiperónimo de “trans” evidenciado pelo marcador lexical *utilizado para*. Também aqui, no contexto 6, o sentido de “trans” é abrangido pelo sentido de “transgénero” sendo “transgénero” um elemento genérico, logo, sendo um hiperónimo. De seguida, destacamos o contexto 6, identificando a azul o elemento genérico, a vermelho o elemento específico e a verde o marcador lexical:

- “[transgénero]... ou seja em termos das identidades colectivas **aquele é o termo genérico** privilegiadamente **utilizado para** abarcar **toda a população trans** aliás sobretudo no contexto linguístico...” – contexto 6

Concluimos com os seguintes pontos:

- A análise aos contextos veio-nos mostrar que o termo “trans” é utilizado em alguns contextos ora como hiperónimo ora como hipónimo de “transgénero”
- Verificámos também que a análise aos contextos do termo “transgénero”, quadro XXI, evidenciou que “transgénero” surge como hiperónimo e “trans” como potencial hipónimo de “transgénero”.

---

<sup>113</sup> As variantes terminológicas coocorrentes são aquelas em que os termos coocorrem entre si. Estas variantes podem ser de dois tipos: As variantes são usadas de modo alternado e complementar na língua. Os termos “trans” e “transgénero” são alternadamente usados na língua. Um segundo tipo, o termo coocorrente “trans” vai conquistando estabilidade socio-discursiva em detrimento de “transgénero”. (Maia, 2010, p. 27)



- Constatámos também, pela análise ao contexto 5 que “transgénero” e “trans” poderão ser um caso de uma variante terminológica coocorrente.
- O quadro XXV, suscitou a dúvida se “transgénero” e “transgender” poderiam ser equivalentes semântico-lexicais entre o português europeu e o português do Brasil?

Para clarificar e poder confirmar os pontos que acabámos de evidenciar, é fundamental o envolvimento dos especialistas para permitir a desambiguação entre termos. É forçoso perguntar aos especialistas se estamos perante dois termos que designam o mesmo conceito ou, se, por outro lado, estamos perante dois termos em que um perdeu valor semântico em detrimento do outro.

## 6.2 “transgender”: análise dos contextos ricos em informação

A ambiguidade entre os termos “transgénero” e “trans” levou-nos a questionar se os resultados que encontrámos na língua portuguesa, também seriam encontrados na língua inglesa.

Nesta linha de pensamento, procedemos à análise de alguns contextos que seleccionámos no *corpus* em língua inglesa. De seguida, destacamos o quadro XXVIII:

contexto rico em informação	
1	“...kate bornstein have suggested that the category <b>transgender</b> is inclusive of all people actively transgressing and transcending the gender binary...”
2	“...the term <b>transgender</b> can be used as a generic term to denote the whole field of gender identity transgressions known as trans theorising and that it can also be associated specifically with a postmodern queer position that is opposed to stable identities...”
3	“... the term <b>transgender</b> covers a wide range of categories including cross dressers, intersexuals and transsexuals. the transgender umbrella term includes several categories of individuals who violate culturally dictated gender norms...”
4	“... <b>transgender</b> is intended to be an umbrella category that includes all sex and gender variant people. nearly every interview activists reported that <b>transgender</b> is an umbrella term suggesting... it is inclusive of varying lists of identities even though most were quite vague about their definitions of the category <b>transgender</b> ...”
5	“... <b>transgender</b> is an umbrella term that describes many people who transcend "normative" embodiments of masculine and feminine, including transsexuals, crossdressers, drag queens and kings, genderqueers, and other gender variant people...”
6	“...trans is used in this report to include transsexual and <b>transgender</b> . transsexual is a medical term used to refer to a person who identifies as a gender which is different from that which they were assigned at birth. ... <b>transgender</b> is a more colloquial term used to describe a person who feels that the gender assigned to them at birth is not a correct or complete description of what they feel. transgender can be used to describe a wide range of gender expressions...”



7	"... someone who identifies their gender as androgynous, gender queer, non- binary, gender non-conforming, mtf (male to female), or ftm (female to male) may also consider themselves to be <b>transgender</b> ..."
---	---

Quadro XXVIII – contextos para o termo “transgender”

Observando o quadro XXVIII, identificámos o termo “transgender” a castanho e podemos verificar que, em alguns contextos, é seguida a estrutura clássica de definição<sup>114</sup>, na qual são identificados o termo; o elemento hiperonímico e algumas características que distinguem o termo de outros termos. De seguida, destacamos os contextos que seguem a estrutura clássica de definição, identificando o termo a castanho, o hiperónimo a azul e as características a negrito:

contexto rico em informação	
1	"...the term <b>transgender</b> can be used as a <b>generic term</b> to denote the <b>whole field of gender identity transgressions</b> known as trans theorising and that it can also be <b>associated specifically with a postmodern queer position that is opposed to stable identities...</b> "
2	"... <b>transgender</b> is intended to be an <b>umbrella category</b> that includes all <b>sex and gender variant people</b> . nearly every interview activists reported that <b>transgender</b> is an <b>umbrella term</b> suggesting... it is <b>inclusive of varying lists of identities</b> even though most were quite vague about their definitions of the category <b>transgender...</b> "
3	"... <b>transgender</b> is an <b>umbrella term</b> that describes many <b>people who transcend "normative" embodiments of masculine and feminine</b> , including <b>transsexuals, crossdressers, drag queens and kings, genderqueers</b> , and other gender variant people..."

Quadro XXIX– contextos para o termo “transgender que seguem a estrutura clássica de definição

A título de exemplo, destacamos os contextos 2 e 3 onde podemos observar a estrutura clássica de definição. Evidenciamos a castanho o termo; a azul, o hiperónimo; a negrito, as características; a vermelho, potenciais hipónimos e o marcador lexical, a verde:

- "... **transgender is intended to** be an **umbrella category** that includes all sex and gender variant people. nearly every interview activists reported that transgender is an umbrella term suggesting... it is inclusive of **varying lists of identities** even though most were quite vague about their definitions of the category transgender..." – contexto 2

"... **transgender is an umbrella term** that **describes many people who transcend "normative" embodiments of masculine and feminine**, including **transsexuals, crossdressers, drag queens and kings, genderqueers**, and other gender variant people..."- contexto 3

Nos contextos que acabámos de transcrever, é-nos dada uma possível definição de “transgender”. De facto, os dois contextos identificam o termo “transgender” como um “termo chapéu” portanto hiperónimo de diversas identidades, “varying lists of

<sup>114</sup> A estrutura de definição clássica é representada pela forma X=Y+ características diferenciadoras. O X representa o termo a ser analisado, o Y o elemento genérico, o = a relação lexical que se estabelece entre eles. (Meyer, 2001, p. 283)

identities”, que são enumeradas no contexto 3, logo hipónimos de “transgender” porque têm a característica de pertencerem ao grupo dos “transgender”.

De facto, tanto para a língua inglesa o termo “transgender” e para a língua portuguesa “transgénero” são termos hiperónimos por serem tipos de pessoas que partilham entre si a característica de pertencerem ao grupo dos “transgender” (inglês) e “transgénero” (português). As pessoas que pertencem ao grupo dos “transgéneros” são depois designados nos vários contextos, tal como vimos anteriormente.

Os outros contextos do quadro XXVIII não apresentam uma estrutura de definição clássica, pois o elemento genérico/ hiperónimo não está lexicalmente realizado. De seguida, apresentamos os contextos, onde identificamos o termo a castanho e as características a negrito e constatamos a ausência do hiperónimo:

contexto rico em informação	
1	“...kate bornstein have suggested that the category <b>transgender</b> is <b>inclusive of all people actively transgressing and transcending the gender binary...</b> ”
2	“... the term <b>transgender</b> covers a wide range of categories including cross dressers, intersexuals and transsexuals. the transgender umbrella term includes <b>several categories of individuals who violate culturally dictated gender norms...</b> ”
3	“...trans is used in this report to include transsexual and <b>transgender</b> . transsexual is a medical term used to refer to a person who identifies as a gender which is different from that which they were assigned at birth. ... <b>transgender</b> is a more colloquial term used to describe a person who feels that the gender assigned to them at birth is not a correct or complete description of what they feel. transgender can be used to describe a wide range of gender expressions...”
4	“... someone who identifies their gender as androgynous, gender queer, non- binary, gender non-conforming, mtf (male to female), or ftm (female to male) may also consider themselves to be <b>transgender...</b> ”

Quadro XXX– contextos para o termo “transgender” que não seguem a estrutura clássica de definição

A título de exemplo, destacamos os contextos 2 e 4, nos quais o hiperónimo não está lexicalmente realizado, procedendo-se a uma identificação do termo seguido de uma enumeração de tipos de pessoas que têm a característica de pertencerem ao grupo dos “transgender”, portanto, lexicalmente são considerados hipónimos.

Ainda relativamente ao contexto 4, reforçamos a ideia da ausência de hiperónimo. O contexto 4 não apresenta uma definição de “transgender”, mas apenas uma enumeração de vários tipos de pessoas que se caracterizam por pertencerem a este grupo, logo hipónimos de “transgender”. Destacamos de seguida os contextos, evidenciando a vermelho os potenciais hipónimos de “transgender”:

- “... the term transgender covers a wide range of categories including **cross dressers, intersexuals and transsexuals**. the transgender umbrella term includes several categories of individuals who violate culturally dictated gender norms...” – contexto 2

- “... someone who identifies their gender as **androgynous, gender queer, non- binary, gender non-conforming, mtf (male to female), or ftm (female to male)** may also consider themselves to be transgender...” – contexto 4

Em todos estes contextos, “transgender” surge como hiperónimo de um conjunto de identidades, tal como verificámos nos contextos para português (cf. quadro XXI)

O passo seguinte foi perceber se o termo “trans” traria a mesma ambiguidade que verificámos nos contextos em português (cf. quadro XXVI).

Deste modo, fizemos o levantamento dos contextos de “trans” em inglês que destacamos de seguida onde o termo “trans” surge a negrito:

contexto rico em informação	
1	"...use the term <b>trans</b> to refer to any individual who identifies with a gender other than that assigned at birth this may mean someone assigned the male gender at birth identifying as female or vice versa or identifying with neither or both of the commonly accepted binary gender categories..."
2	"... although she is technically a transsexual, she does not use this term she reported that she identifies herself only as transgender or <b>trans</b> because she does not want people to think that she cares more ..."
3	"... do not define these terms but serve anyone who wants to self identify as <b>trans</b> or transgender however they define it..."
4	"... <b>trans</b> is used in this report to include transsexual and transgender. ... transgender is a more colloquial term used to describe a person who feels that the gender assigned to them at birth is not a correct or complete description of what they feel. transgender can be used to describe a wide range of gender expressions..."
5	"... gender pluralisms those working under the <b>trans</b> umbrella are seeking a world in which we have the luxury of disagreeing about gender without worrying about..."

Quadro XXXI – contextos para o termo “trans”

No quadro XXXI, observamos que, em alguns contextos, o termo “trans” surge como elemento genérico de “transgender”. Destacamos o contexto 4, no qual “transgender” é um potencial hipónimo de “trans” expresso pelo marcador lexical *is used to*.

- "...**trans is used** in this report **to** include **transsexual and transgender**. ... transgender is a more colloquial term used to describe a person who feels that the gender assigned to them at birth is not a correct or complete description of what they feel. transgender can be used to describe a wide range of gender expressions..."- contexto 4

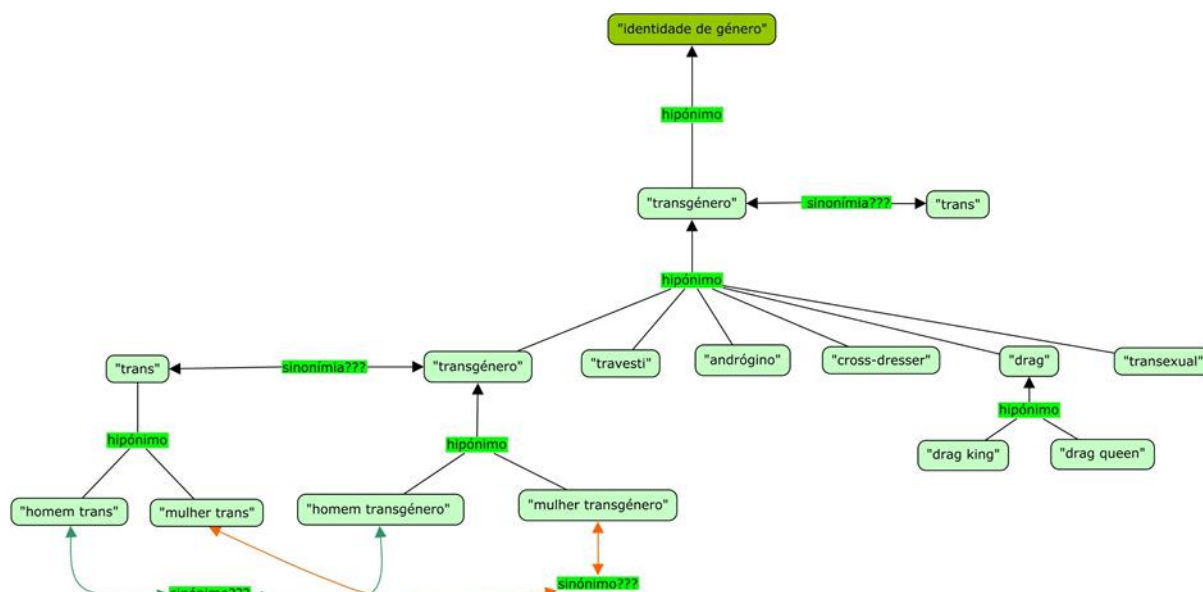
Por outro lado, os contextos 2 e 3 apresentam informação semântica que, através do marcador lexical *ou* que permite inferir estarmos perante uma variante terminológica. Destacamos os contextos, identificando o marcador lexical a verde:

- “... although she is technically a transsexual, she does not use this term she reported that she identifies herself only as transgender **or** trans because she does not want people to think that she cares more ...” – contexto 2
- “... do not define these terms but serve anyone who wants to self identify as trans **or** transgender however they define it...” – contexto 3

De facto, estes contextos permitem-nos inferir estarmos perante uma variante terminológica. Na verdade, estes contextos evidenciam que tanto “transgender” como “trans” são usados como categoria de identificação de um conjunto de pessoas, portanto, hiperónimos. Constatamos ainda que nos mesmos contextos não existe diferença de sentido entre os dois termos, isto é, o indivíduo poderá identificar-se tanto como “transgender” como “trans”, sem prejuízo de sentido.

Mencionamos ainda que os resultados que encontrámos em inglês são muito semelhantes aos que verificámos para o português. Na verdade, encontramos evidência de que o termo “transgender” é usado como hiperónimo, mas, em alguns contextos, surge também como hipónimo de “trans”. Por outro lado, encontrámos evidência de um caso de variação terminológica, tal como verificámos para o português. A semelhança de resultados tanto em português como em inglês permite-nos afirmar que a ambiguidade do termo “transgender” está presente nas duas línguas, porventura, também, em outras línguas, e que a análise linguística e conceptual do termo poderá trazer estabilidade ao seu sentido.

A análise que acabámos de fazer aos contextos ricos em informação para o termo “transgénero”, combinada com a análise que fizemos aos padrões morfossintáticos no capítulo 6, permitiu-nos sistematizar a rede lexical de “transgénero” no seguinte quadro, recorrendo ao Cmap tools:



Quadro XXIV– rede lexical do termo “transgénero”<sup>115</sup>

A análise que fizemos para os termos “transgénero” e “trans”, através dos contextos ricos em informação, é fundamental para entendermos os termos na sua dimensão linguística. Optámos por uma análise semasiológica porque os textos foram a fonte para partirmos para as análises dos termos. Por outro lado, os contextos ricos em informação poderão ser pontos de partida para a elaboração de definições sempre apoiadas no trabalho conjunto entre terminólogo e especialista. De facto, o acesso aos textos escritos por especialistas é atualmente de fácil acesso, recorrendo ao uso da *internet*, mas esta facilidade de acesso à produção escrita não poderá dispensar a colaboração dos especialistas e a validação dos resultados por eles.

## Considerações Finais

Chegados ao fim do presente trabalho, verificámos que, partindo de uma abordagem semasiológica aos textos, é possível recolher a informação necessária para a identificação e seleção termos encontrados, assim como das relações léxico-semânticas que os unem. Esta análise permite-nos identificar as características necessárias dos conceitos expressos verbalmente e a partir dele propor: (i) organização do conhecimento; (ii) definições dos conceitos. Temos assim caminho aberto para apresentar os resultados obtidos aos especialistas do domínio e assim

<sup>115</sup> É importante mencionar que a rede lexical de “transgénero” não foi sujeita a validação pelos especialistas. Esta rede lexical foi elaborada apenas com base nos contextos ricos em informação e na análise aos padrões morfossintáticos que elaborámos no capítulo 6.

propor uma metodologia de trabalhar para a construção de uma base de dados terminológica.

Na primeira parte da presente tese, optámos por analisar o domínio da sexologia. Quisemos perceber o quão acessível o conhecimento deste domínio se apresentava ao público em geral, através de várias pesquisas em sítios da internet. Encontrámos muita informação, mas de modo desorganizado e, frequentemente, confusa sem que houvesse uma linha de orientação evidente no que era apresentado ao utilizador.

Após uma pesquisa *online* sobre possíveis estudos e/ou trabalhos de terminologia relacionados com a sexologia ou recursos terminológicos aplicados à sexologia em português de Portugal, concluímos que o que encontrámos foi pouco produtivo. De facto, o que conseguimos apurar na pesquisa foram sítios que apresentam listagens de palavras ou termos<sup>116</sup> sem que seja dada qualquer linha de orientação ao utilizador.

Quanto aos possíveis recursos terminológicos aplicados à sexologia, o resultado da pesquisa foi ainda mais dececionante, pois não encontrámos nenhum na pesquisa por nós efetuada.

Também analisámos o sítio da Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica, a SPSC<sup>117</sup>, e encontrámos o registo de alguns termos relacionados com a sexologia – como por exemplo “transgénero” – em que a informação apresentada é apenas referente a notícias de vária ordem estando a informação dispersa.

Perante este *estado de arte* da sexologia, debruçámo-nos sobre conceitos da identidade de género e no que acreditamos ser essencial para dar início a um estudo terminológico desta área – definir o conceito de “género”.

A partir do entendimento do que é o *género*, avançámos para a análise linguística e terminológica dos termos “transgénero” e “transgender” recorrendo aos contextos ricos em informação, que mostraram ser um aliado fundamental para identificar conceitos e partir para a redação de potenciais definições em língua natural.

Entendemos ser este o caminho para, futuramente, representar e organizar o conhecimento da sexologia.

Desta maneira, acreditamos ser necessário propor uma base de dados da sexologia de modo a conseguir responder às necessidades terminológicas não só das classes profissionais, mas, também, do público em geral.

---

<sup>116</sup> Por exemplo: <http://www.elalmanaque.com/sexualidad/diccio/dic-a.htm>

<sup>117</sup> <http://spsc.pt/>

## Bibliografia

- Alarcão, V., Machado, F. L., & Giami, A. (2016). A construção da sexologia como profissão em Portugal: composição de um grupo profissional e tipos de sexólogos. *Ciência e Saúde Colectiva*, 21(2), 629–640. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015212.11112015>
- Atkins, S., Clear, J., & Ostler, N. (1992). Corpus design criteria. *Literary and Linguistic Computing*, 7(1), 1–16. <https://doi.org/10.1093/lc/7.1.1>
- Biber, D. (1993). Representativeness in corpus design. *Literary and Linguistic Computing*, 8(4), 243–257. <https://doi.org/10.1093/lc/8.4.243>
- Bourigault, D., Jacquemin, C., & L'Homme, M. (2001). Recent Advances in Computational Terminology. *Journal of Chemical Information and Modeling*, 53(9), 1689–1699. <https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>
- Case, K. A., Stewart, B., & Tittsworth, J. (2009). Transgender across the Curriculum: A Psychology for Inclusion. *Teaching of Psychology*, 36(2), 117–121. <https://doi.org/10.1080/00986280902739446>
- Correia, M. da E. S. (2010). *Egas Moniz: Representação, Saber e Poder*. Faculdade de Letras, [Tese de Doutoramento – Universidade de Coimbra]. Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra.
- Costa, C. (2007). Critérios Para a Avaliação Da Qualidade Dos Recursos E Da Informação Disponível Na Internet. *WWW/ Internet 2007*, Actas Da Conferência IADIS Ibero-Americana
- Costa, R. (2001). *Pressupostos Teóricos e Metodológicos para a Extração Automática de Unidades Terminológicas Multilexémicas*, [Tese de Doutoramento – Universidade NOVA de Lisboa]. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade NOVA de Lisboa. 16-102.
- Costa, R., Silva, R., Barros, S., & Soares, A. L. (2012). Mediation strategies between terminologists and experts. *Proceedings of GLAT 2012 - Terminologies: Textes, Discours et Accès Aux Savoirs Spécialisés*, 1, 297–308.
- Cunha, C., & Cintra, L. (1995). *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (11th ed.). Lisboa. Edições João Sá da Costa, lda. 85-116; 247-276.
- De Oliveira, J. M., & Amâncio, L. (2002). Liberdades condicionais: O conceito de papel sexual revisitado. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 40(1956), 45–61.
- Fonseca, Lígia; Soares, Catarina; Machado Vaz, J. (2003). *A Sexologia - perspectiva multidisciplinar I*. Coimbra. Editora Quarteto. 15-31; 359-420.



- Fonseca, L., Soares, C., & Machado Vaz, J. (2003). *A Sexologia - perspectiva multidisciplinar II*. Coimbra. Editora Quarteto. 11-73.
- Garton, S. (2009). *História da Sexualidade*. Lisboa. Editorial Estampa
- Hird, M. J. (2000). Gender's nature: Intersexuality, transsexualism and the 'sex'/gender binary. *Feminist Theory*, 1(3), 347–364. <https://doi.org/10.1177/146470010000100305>
- Hurley, P. J., & Watson, L. (2018). *LOGIC* (13th ed.). Boston. Cengage Learning. 98-100.
- International Organization for Standardization. (2015). Norma NP EN ISO 9000:2015. *Instituto Português Da Qualidade*, 58.
- L'Homme, M.-C. (2004). La terminologie : principes et techniques. In *La terminologie : principes et techniques*. Les Presses de l'Université de Montreal. 52-140.
- Macedo, A. (2018). *Identidade de Género e Orientação Sexual na Prática Clínica*. Lisboa. Edições Sílabo, lda. 19-71.
- McEnery, T., & Wilson, A. (2001). *Corpus linguistics, An Introduction*. Edinburgh. Edinburgh University Press. 1-75.
- McEnery, T., Xiao, R., & Tono, Y. (2006). *Corpus-based Language Studies: An Advanced Resource Book*. London. Published Routledge. 13-21. <http://www.lancaster.ac.uk/fass/projects/corpus/ZJU/xCBLS/chapters/A02.pdf>
- Mitkov, R. (2004). *The Oxford Handbook of Computational Linguistics 2nd edition*. Oxford. Oxford University Press. 448-464.
- Pacheco, J. (2000). *O Sexo por Cá*. Lisboa. Livros Horizonte. 9-47; 71-93.
- Paiva Raposo, E. B., Bacelar do Nascimento, M. F., Mota, M. A. C., Segura, L., & Mendes, A. (2013). *Gramática do Português I*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. 192-285.
- Paiva, V. (2008). Dossiê: Psicologia e Sexualidade no Século XXI. *Psicologia Em Estudo*, 13(4), 641–651.
- Paulos, L., & Valadas, S. T. (2015). Avaliação da implementação da Educação Sexual em contexto escolar, na região do Algarve – A perspetiva de atores educativos responsáveis pela Educação para a Saúde/Educação Sexual. *Revista Portuguesa de Educação*, 28(2), 155. <https://doi.org/10.21814/rpe.7736>
- Pearson, J. (1998). *Terms in context I*. Amsterdam/ Philadelphia. John Benjamins B.V. 41-189.



- Pereira, N. M. (2014). *Sexologia Médica*. Lisboa. Editora Lidel. 133-177.
- Rio-Torto, G., Rodrigues, A. S., Pereira, I., Pereira, R., & Ribeiro, S. (2016). *Gramática derivacional do Português*. in *Gramática derivacional do Português*. Coimbra. Imprensa da Universidade de Coimbra. 102-105. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-0864-8>
- Saleiro, S. (2013). *Trans Géneros: Uma abordagem sociológica da diversidade de género*. [Tese de Doutoramento – Instituto Universitário de Lisboa]. ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/7848>
- Sardinha, T. B. (2004). *Linguística de Corpus*. São Paulo. Editora Manole Ltda. 1-45
- Shively, M. G., & De Cecco, J. P. (1978). Components of Sexual Identity. *Journal of Homosexuality*, 3(1), 41–48. [https://doi.org/10.1300/J082v03n01\\_04](https://doi.org/10.1300/J082v03n01_04)
- Silva, R. A. (2014). *Gestão de Terminologia pela Qualidade - Processos de validação* [Tese de Doutoramento - Universidade NOVA de Lisboa]. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade NOVA de Lisboa. 11-84.
- Sitton, J. A. (2000). Introduction to the Symposium, (De)Constructing Sex: Transgenderism, Intersexuality, Gender Identity and the Law. *Journal of Women and the Law & Mary J. Women & L*, 7(1). <http://scholarship.law.wm.edu/wmjowl>
- Solana, M. (2018). The Debate on the Origins of Male Homosexuality. A Revision of the Distinction between Essencialism and Constructionism in the History of Sexuality. *Tópicos, Revista de Filosofía*, 54. 395–427.
- Spizzirri, G., Maria De Abreu, C., li, P., Helena, C., & Abdo, N. (2013). O termo gênero e suas contextualizações. *Diagn Tratamento* 19(1). 42-44.
- Stoller, R. J. (1993). *Masculinidade e Feminilidade. Apresentações do Género*. Porto Alegre. Artes Médicas. 27-112.
- Viola, H. H. G., & Garbelini, M. da F. (2011). *Fontes de Informação na Internet: avaliação do site da Nutrição em Foco*. [Tese de Bacharel - Universidade Federal de Goiás]. Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia – Universidade Federal de Goiás. 13-43.
- Walters, William; Ross, M. (1986). *Transsexualism and Sex Reassignment*. London. Oxford university Press. 1-52.
- Wentling, T., Schilt, K., Windsor, E. J., & Lucal, B. (2008). Teaching Transgender. *Teaching Sociology*, 36(1), 49–57. <http://www.jstor.org/stable/20058627>

## ANEXO I

Ainda referente a estes dois projetos, é importante mencionar que ambos foram propostos por académicos das áreas de Estudos do Género e apoiados por organizações governamentais: o Language Council of Norway (Noruega) e o National Secretariat for Gender Research (Suécia)

O projeto norueguês consistiu na criação de um grupo de trabalho constituído por representantes das principais comunidades nacionais dos Estudos do Género, por académicos de diversas disciplinas das áreas das Humanidades e Ciências Sociais e, também, por, de acordo com os autores, “specialists in analysing words, language, and concepts, and specialists in criticizing and redefining terms in every new confrontation with their empirical materials.” (Werner et al., 2018, p. 142)

O grupo de trabalho teve como missão seleccionar termos relacionados com a área dos Estudos do Género e decidir sobre a definição dos termos de modo que

“By providing short definitions and comments that are agreed upon by representatives of the main Gender Studies environments in Norway, we hoped that we could provide students with an important tool, and also create some “lowest common denominator” definitions that researchers could agree upon across theoretical and methodological differences.” (Werner et al., 2018, p. 143)

O projeto norueguês foi desenvolvido entre 2015 e 2017 e a base de dados lançada em novembro de 2017.

O projeto da Suécia começou a ser desenhado quando Anna Lundberg e Ann Werner, editoras, colocaram 2 perguntas a vários académicos espalhados por quase todas as universidades suecas: “What words and concepts do you think are important in Gender Studies today?” e “Who can write about them?” (Werner et al., 2018, p. 144)

Posteriormente, as mesmas perguntas foram colocadas aos representantes do *Secretariat (Genuslistan)*. Anna Lundberg e Ann Werner receberam centenas de palavras que agruparam em 13 áreas de interesse, por exemplo “*Sex and gender, femininity, and masculinity*”, “*Family, work, and care*”, entre outras.

Para cada área de interesse, e por sugestão de vários académicos de diferentes universidades e do *National Secretariat for Gender Research*, Anna Lundberg e Ann Werner seleccionaram várias personalidades que, pelo seu conhecimento especializado de determinada área, poderiam participar no projeto. Desta maneira, foi pedido aos autores, convidados por Anna Lundberg e Ann Werner, que escrevessem breves textos sobre conceitos relacionados com o género e identificados na sua área de interesse que “would include discussions, definitions, and the situated-ness of the concepts and words central to that área”. (Werner et al., 2018, p. 144)

Anna Lundberg e Ann Werner desenvolveram este projeto entre 2012 e 2016 e pretendiam “discuss, challenge, explain, and deconstruct the concepts that are central to Gender Studies in Sweden today.” através de um livro acessível ao público em geral.(Werner et al., 2018, p. 144)

fugiam espavoridas, escondendo-se nas suas tocas cobertas de limos de uma tonalidade de esmeralda fosca, enquanto a maré ia subindo pouco a pouco, imprimindo na areia o contorno indefinido da vaga, esparguendo-se pelas enseadas dos rochedos, pondo pequenas lagrimas de espuma nas extremidades entrecortadas das algas. Ao longe, os barcos vogavam na tranquilidade do mar, abrindo as suas velas assembradas e largas, que se resortavam na limpidez formosíssima do Azul, como azas de grandes aves aquáticas. Ella, então, descia até à areia húmida, bordada de conchas, tacteando com os pés descalços, rosados como os de uma criança, a frescura da água que subia, e quando, afinal, a vaga se dobrava sobre si mesma, arrastando do intimo do mar um rugido cavo e profundo como o rugido de um tigre, desdobrando a sua crista estranqueada e fluctuante que o vento espalhava pelo ar n'uma poeira finíssima d'agua, abandonava-se-lhe no dorso encapetado e forte, e a vaga transformava-se n'um pequenino berço de espuma, ao contacto dos seus braços ads, deliciosamente bem feitos.

Estão, arrebatada pela ressaca, atraindo-a para o largo, e envolvida na água límpida como crystal diluido, afastava-se de terra cada vez mais, internando-se pela immensidade do oceano, nadando suavemente, languidamente, em ondulações graciosíssimas de aerola.

Depois, passada meia hora, quando a frescura da água era substituída pela prostração indisciplinável do humo, ella dirigia-se para terra, nadando com a mesma graça, e, quando chegava à praia, como era encantador ver surgir do seio das ondas aquella mulher deliciosa, com os cabellos torcidos e presos sobre a nuca, e o corpo revelado por um fado escorrendo agua!

As outras,—as invejas,—commentavam-n'a, censuravam-n'a, diziam que era um artefacto imperdoavel uma rapariga tão nova afastar-se assim da terra, porque era arriscar a vida, porque lhe podiam faltar as forças, e, depois, seria talvez bem difficil chegar ao largo ainda a tempo da a salvar. Mas, a despeito de todos os commentarios e de todas as censuras, aquella criança, que eu tanto amava, repelia esta scena todos os dias em que o mar se negado se movia quasi que imperceptivelmente aos alagos mores da brisa.

Era um dia formosissimo de agosto:—recordo-me como se fôr hoje!—O sol inundava a Natureza, batendo de chapa, nas barracas de lona branca espalhadas caprichosamente pela praia (1) ar, quente, tornava indistinctos os contornos das montanhas mais proximas, envolvendo-as na bruma indolente do calor. O mar, de uma immobildade pasmosa, retratava nas suas aguas azuladas e tranquillas os mastros dos navios e as velas dos botes, lambolando-se sem vento, ao som cadenciado dos remos e do cantarolar monótono dos barqueiros.

Ella saiu, então, da sua barraca, e foi, segundo o costume, sentar-se na ponta de uma rocha pouco elevada, olhando para o mar; depois, passados uns dez minutos, ergueu-se, arregaçou as mangas do seu bello fado de banho, e, elevando os braços unidos acima da cabeça, mergulhou.

Muito ao largo, as gaivotas e os alcátrizes, adreando em torno de uma forma negra, quasi immovel, soltavam longos pioes, approximando-se em enormes circulos concentricos, que umas vezes se apertavam com rapidos, outras vezes se alargavam pelo infinito. Era um ramo d'algas marinhas que o mar desprendera dos rochedos, o que fluctuava, a mercê da corrente, provocando esse enorme bater d'azas, enquanto, pela superficie do mar, aquelle corpo escultural e divino boiava, serenamente, como uma fúlia de rosa na tranquillidade de um tanque.

Da praia, seguimos-a com a vista: ella continuava, como sempre, afastando-se da terra; de repente, não sei porque,—talvez por curiosidade,—dirigiu-se para o sitio onde as gaivotas, desceadas, convergiam as seus vãos irrequietos e estontadores.

Que te direi, meu amigo?—D'ahi a pouco as algas cobriam-n'a toda: ligavam-lhe os braços, entrecavam-se-lhe as pernas, enredavam-se-lhe nos cabelos, enroscavam-se-lhe à cintura, e, apertando nos seus nós corroidos e indolentes aquelle corpo de fado, arrastavam-n'a immovel, mas completamente viva, para as immensas profundidades do abismo! Ah! meu caro amigo, tu não podes fazer idéa da dor enorme que eu senti n'aquella occasião: As algas roubavam-me o meu primeiro amor!

Decorreram alguns dias.

Certa manhã, tudo eu passear pela praia, encontrei, sobre os rochedos, o corpo da minha noiva: Fria e inanimada, as vagas restituam-n'a à terra, collocando-a sobre os recifes como sobre um divan, enquanto os cabellos compridissimos e soltos, espalhados pelos rochedos e emaranhados com as algas, lhe envolviam o corpo todo no véu castissimo da morte.

E aqui tens tu, meu bom amigo, como, na minha alma sequiosa de affectos, nasceu e morreu a estrella fulgurante do meu primeiro amor.

.....

.....

.....

Amanhecia: Uma claridade rosea cobria-se pelo horizonte

matizando os vidros da janella com pequeninas gotas de orvalho. Pelas encostas, cobertas de relva, os camponeses, de enxada ao hombro, desciam, alegremente, para o trabalho. Ao longe, via-se o mar na sua immobildade de capello, reflectido sobre as aguas azuis purissimas do céu. A essa hora de um indizível encanto, era bem provavel que as algas, ao sentirem castigar por sobre ellas as formas húmidas e asquerosas dos caranguejos e das santolas, chorassem, espalhadas pelas infructuosidades das rochas, o eterno remorso do seu negro defecto....

Lisboa, 1886.

EÇA DE ALMEIDA.

## OS EXCENTRICOS DO MEU TEMPO

A D. Claudia

Foi por muito tempo a alegria da rapaziada, e o desespero das mães de familia. Haverá trinta annos, Lisboa era a mais taciturna das capitães da Europa. Orgava em semestralia pelas terras de provincia, as mais desfavorabilizadas de divertimentos. A não ser o theatro de S. Carlos, em chegando a noite, cada um escalecava para seu lado, salvo se a patriarchal manilha vinha em auxilio da familia, nos tempos aureos em que uma nota de moeda se trocava por menos de metade do seu valor, e os officiaes do exercito vestiam o casaco militar, com enfiado e calça de côr, e passeavam pelas ruas da cidade de chapen alto na rabeça! Se eu o não puzesse aqui em letra redonda, talvez a posteridade não acreditasse que este era o figurino dos herões do Minidello em tempo de paz, depois da invenção de uma coiza, chamada a terceira secção, em que se morria de fome.

N'este meio, sorna e polbreito, a casa da D. Claudia era um achado para quem não queria metter-se na cama logo ao amittcer, e sonhar que o globo desandava no seu eixo, tão impressionado se dentára com a pasmaceira do dia.

A D. Claudia era uma creatura que passava dos quarenta annos, casada com o sr. Brito, uma especie do marido de Madame Roland, no exteriormente, se entende, por que enquanto ao mais era um pacotio, que se dava ares de ter vontade propria, e era apenas um pau mandado da senhora sua mulher.

Os dois conjuges moravam n'um segundo andar ao Rocio, e davam umas partidas tumultuosas, alegres, que os donos da casa pretendiam que fossem serias, mas que vieram a terminar com os seus laivos do orgia.

Era a casa da D. Claudia que Domingos Ardiasen levava sem covilha a officialidade das esquadras ingiezas surtas no Tejo, e que se tocavam ao piano todos os fados em voga, e todas as canções fulgantes das bordas, desde

A mulher do sarchista

E' uma costa mulher

.....

até as coplas libertinas do:

Estando o molico

Sentado no berrão,

.....

que muitas das visitas da D. Claudia repetiam em côr, com grave escandalo das mães d'algumas meninas, que sorriam a escapa das iras do Brito, e dos tregetos da D. Claudia, que, sentada à mesa onde se jogava o moné, exigia do banqueiro o pagamento de uma parada que não fizera.

O processo da apresentação em casa da D. Claudia era dos mais simples. Um magote de rapazes, o numero não importava, ajustava-se para ir à noite a casa do sr. Brito. Um d'elles subia a escada e apresentava-se a si mesmo, dando-se por conhecido d'algum outro frequentador, com bons creditos na familia. Muitos depois descia, e voltava trazendo mais dois outros amigos, e assim se enchiam as salas da D. Claudia, a aprasamento do marido, que passava imponente pelas salas, apurando e sollemn, não dando, os fingido não dar pela pouca seriedade com que os seus suppositos convidados dançavam, ou pelos dialogos desenhados que se cruzavam aos ouvidos da esposa.

Se eu desse aqui a lista dos deputados, dos ministros, dos homens de letras, ainda vivos, que frequentaram a casa da D. Claudia, haviam-me dizer que era mentira, como se entre os vinte e os sessenta annos não medeasse um abismo; como se a carta de conselho não fosse uma especie de erudição d'bito das alegrias da mocidade.

Ignori sempre o interesse que tinha a D. Claudia em dar partidas, e o Brito em ser responsavel pelas demasias das que se aventuravam a metter dois passos de cancon na pantada gravidade de uma contradição ingieza.

A companhia gymnastica e equestre do Avillon veio fazer uma concorrência terrível ás partidas da D. Claudia. A plasticidade da Poletti, e as habilidades do cavallo Phenix, adestrado a trabalhar em liberdade, foram o prenuncio da decadência das *soirées* em que tantos romances se enredaram, sem que nenhum d'elles tivesse o seu desenlace natural... na igreja.

Quando o Brito se viu sem partida, ficou como o peixe fora d'agua. De magro passou a esqueleto, de cortesão que era tornou-se macabro e sombrio. A D. Claudia nunca ninguém mais lhe pôs os olhos em cima. Costumada ás fúrias que a enrijavam, a pacator da vida domestica havia por força dar cabo d'ella.

O que faziam em casa aquellas duas alminhas nas longas noites do inverno, sem ouvirem chocalhar no piano trechos do *Better of the Devil*, parodiado como então andava na bocca dos gaiteiros?

O Brito ainda de vez em quando apparecia á janella a tomar o fresco. A D. Claudia, essa teve a dignidade do infortunio... deixando-se rebentar entre quatro paredes, sem dar o seu braço a torcer, como uma mulher forte que era.

Neste paiz, em que são raros os pedidos de privilegio de invenção, a D. Claudia, por deficiência de conselhos idoneos, deixou de figurar na magra lista dos que inventam alguma coisa útil. Tocar, jogar, valsar, amar, tudo deitasse de ténha, e sob a direcção de uma firma de responsabilidade limitada, não me parece invento indigno de incomodar a burocracia, não obter o invejado diploma que eleva o requerente ás alturas de um cidadão excepcional entre os demais cidadãos.

A D. Claudia, que ignorava as leis porque se regem as sociedades anonymas, nunca pediu nada para si nem para o marido, e por isso, a não ser eu, a posteridade ignoraria a sua existência.

### Luiz Forjaz

Um nervoso. D'ahi a popularidade de que foi alvo nos seus tempos de rapaz. Era natural de S. Miguel, e apparentado com muitas das principaes familias da ilha. Escrivera ao serviço da Junta do Porto, e quando o protocollo de Gramido pôs termo á lucta civil, veio para a capital e vivia da mesada que lhe dava o irmão mais velho—o morgado.

De grande coração e minguada intelligencia, prompto em se irritar, mas benevoloso e bom, passados os primeiros impulsos de genio, a sua corda sensual eram as toiradas, só, exclusivamente as toiradas.

De uma força physica que augmentava com as contrariedades, era na praça do campo de Santa Anna, e no grupo dos homens de forcado, que Luiz Forjaz ceifava os loiros que a noite deponha aos pés das camoras suas predilectas.

Era um espectáculo commovente ver-o diante de um touro pallido e firme, esquecido da morte, esperava o touro com a indifferença heróica dos gladiadores romanos, provocando os adversarios para a lucta; e se a fôrça, com a impassibilidade do despreso, não corria sobre elle, incendiavam-se-lhe os olhos, batia as palmas, mordía-se, arremessava-lhe o gôrro, cobria-a de improperios, e só descançava quando lhe cahia entre as armas, arrojando mas sereno, esbarapado mas triumphador.

Nas lides taumomachicas ha, como na medicina, especialistas. Se uma são peritos nas pegas de coradilha, outros, os de mais polse, avantajam-se em fazer o touro; finalmente, os que tem as cidades por indigenas de um verdadeiro forcado, é frente a frente, de cara, que provocam o animal, o vencem, o subjugam.

Em se tratando de apunhar um touro á unha, Luiz Forjaz, partidario da arte livre, não tinha escolha, nem reconhecia tradições. Se o touro era claro, legal, Luiz Forjaz correspondia-lhe com desassombro, info-lhe ao encontro e pegando-lhe de cara. Se, pelo contrario, o touro era desconfiado e matreiro, se fazia das provocações directas, se repontava, insidiava e covarde, esquivando-se ao duello, era de cernilha que Luiz Forjaz se apossava d'elle, e mais era chegar a doitar-lhe a unha, que não mais o largava, sem que as chucras viessem libertal-o, chamadas a terreno pelo seu estridente do clarim, porta-voz das ordens do intelligente da corrida.

Um masso de charutos atirado á arena por mão feminina, ou um punhado de rebuçados d'ovos, eram para o intrepido lidador galardão mais do que bastante das suas temeridades taumomachicas.

Luiz Forjaz era, além de toireiro, um amador apaixonado de musica. Se lhe desconhecias os segredos como critico, remantava-se pelo coração ás mais elevadas concepções da arte musical. Sentado na extrema de um dos bancos das ultimas fileiras da plateia geral de S. Carlos, era com umas palmas que só elle e o D. Alvaro sabiam dar, que acordavam os demais espectadores para as grandes evações que animavam a sympathica Sannazaro, ou estimulavam os krios do espantoso Benaventano.

Quando chegaram as guerras do Alcorim e da Mangerena, entre partidarios da Fleury e da Lixerux, o palmador emerito, que só por si atrahia o thistro em os seus applausos, ficou-se no partido da Lixerux, retirando tida a ciosque que obedecia ás indicações do Saint-Lern, o insigne e creographe compoisor do Sal-

larile e das Flores eximadas, o admirador, se não escravo, das formas opulentas da Fleury.

Extremamente desconfiado, Luiz Forjaz, quer pateando, quer applaudindo os artistas, não perdia de vista os seus visinhos das cadeiras proximas, e ao mais leve sorriso de qualquer d'elles inventava-se para pedir explicações, que lhe eram dadas com a espontaneidade da innocencia, acalmando-lhe momentaneamente os nervos irritados.

L. A. PALMEIRIN.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### VISTA DO CONVENTO DE TROITKOI, NA RUSSIA

O convento de Troitkoi ou da Trinitade, situado a 36 kilometros de Moscow, foi fundado em 1330, por S. Sergio. E' um dos conventos mais ricos da Russia, onde elles se contam as comenhas, e occorrem alli, todos os annos, numerosos bandos de peregrinos.

Troitkoi é cercado d'altas e solidas muralhas, de 4 kilometros de circunferencia.

Na egreja do convento admiram-se riquissimos thesouros.

### PONTE DE FERRO DE «D. LUIZ I.» ENTRE O PORTO E VILLA NOVA DE GAYA

A nossa gravura representa esta magnifica ponte metallica, inaugurada solemnemente em 31 d'outubro proximo passado, e construida pela empresa *Société Anonyme de Construction et des Ateliers*, de Willebroeck, sob a direcção do engenheiro Maury.

A ponte tem dois taboleiros metallicos, sobrepostos, sustidos por um arco de 172,30 metros d'abertura. A sua maior altura, sobre os pontos d'apoio, é de 52,50 metros.

O taboleiro superior mede 352 metros de comprimento, e a sua parte central descança directamente sobre o grande arco e sobre duas columnas de ferro annexas ao mesmo. O pavimento central d'este taboleiro mede uma largura de 5,20 metros, e cada um dos passeios lateraes tem 1,25 de largura.

O taboleiro inferior está sujeito ao arco por quatro suspensões de ferro, e mede uma extensão de 174 metros, por 8 de largura, dos quaes correspondem 6 ao pavimento do centro e um a cada passeio lateral.

O peso total da parte metallica ascende a 3.300 toneladas.

### RUINAS

Representa a nossa gravura um palacio arruinado da Allemanha, onde são ainda numerosos os monumentos de architectura militar da idade media, que nos recordam a epocha do feudalismo, mais brutal e feraz n'aquelle paiz do que em muitos outros da Europa, entre os quaes foi, sem duvida, Portugal o reino em que o seu nefasto poder não teve nunca uma sombra sequer d'aquelle que chegou a attingar na Allemanha, França, etc.

Ha ruinas respeitaveis pelas suas gloriosas tradições, como as ha extirpadas pelas memorias de factos ignominiosos que a ellas andam ligadas. Umas e outras, porém, são reliquias do passado sob o ponto de vista da historia da arte.

### O CONVENTO DE SANTO ANTONIO, EM KIEV

Kiev e Novogorod são as cidades mais antigas da Russia, as mais poeticas e adoradas do imperio. A primeira é a columna da fé, e a segunda o esteio do poder imperial.

Kiev não faz parte da Russia propriamente dita, e mais de um historiador a considera como cidade polaca. A sua população é rutheniana. A raça é polaca, os costumes são polacos. E todavia, é ali que se encontra o berço d'uma Igreja que fez á sua imagem toda a vida politica, social e domestica da Russia.

Kiev é a cidade das legendas, dos factos memoraveis: ella viu Santo André, pregando o zelo religioso de Santa Olga, a convenção de S. Vladimir, o assalto dos Mongols, a conquista polaca, a victoria definitiva de Pedro, o Grande.

Junto de duas altas colinas, a uma legua de Kiev, onde Vladimir construiu o seu harem e ergueu a estatua do Deus pagão, alguns piedosos eremitas, Antonio e Theodosio, cavaram narcho galerias e cellas subterraneas, onde viveram e morreram como santos.

Por cima d'aquellas cellas construíram-se dois conventos sob a invocação de Antonio e de Theodosio, que mais tarde se torna-

## ANEXO III

A Federação tem os seguintes *society members*:

- Austria: Österreichische Gesellschaft für Sexualforschung (ÖGS); Austrian Society for Sexology
- Belgium: Instituut voor Familiale en Seksuologische Wetenschappen, Institute of Family and Sexuality Studies
- Belgium: Society of Sexologists with University degree in Belgium (SSUB)
- Belgium: Vlaamse Vereniging voor Seksuologie; Flemish Society of Sexology
- Bulgaria: Sexuality and Health Foundation
- Croatia: Croatian Association for Sexual Therapy
- Czech Republic: Sexuologicky ustav, Sexological Institute
- Denmark: Dansk Forening for Klinisk Sexologi, Danish Association for Clinical Sexology
- Denmark: Dansk Sexologforening
- Estonia: Eesti Akadeemilini Seksuoloogia Selts, Estonian Academic Society of Sexology
- Finland: The Finnish Association for Sexology (FIAS)
- France: Association des Sexologues Cliniciens Francophones (ASCLiF)
- France: Centre International de Formation et de Recherche en Sexualité (CIFRES)
- France: Interdisciplinary post University Association of Sexology (AIUS, previous AIHUS)
- France: Societe Francaise de Sexologien Clinique
- Georgia: The Society of Georgian Sexologist: Education, Research, Treatment (SGS)
- Germany: Deutsche Gesellschaft für Sozialwissenschaftliche Sexualforschung (DGSS)
- Germany: Deutsch Gesellschaft für Sexualforschung (DGfS)
- Greece: Greek Society of Sexology and Inter-Gender Relationships
- Israel: Israel Society for Sex Therapy (ISST)
- Italy: Associazione Clinica e Terapia in Sessuologia (ACTS)
- Italy: Associazione Italiana Sessuologia Psicologia Applicata (AISPA)
- Italy: Fondazione Carlo Molo
- Italy: Federazione Italiana Di Sessuologia Scientifica (FISS)
- Italy: Gruppo Ricerca in Sessuologia, School of Clinical Sexology
- Italy: Institute for Research in Clinical Sexology (IRSC)
- Italy: Istituto Di Sessuologia Clinica, Institute of Clinical Sexology – ISC
- Italy: Sexology Italian Center (CIS)
- Italy: Societa Piemontese di Sessuologia Clinica (SSSC)

- Netherlands: Nederlandse Wetenschappelijke Vereniging voor Seksuologie (NVVS); Dutch Scientific Society for Sexology
- Netherlands: Rutgers (the Dutch Expert Centre on Sexuality)
- Norway: Norwegian Society for Clinical Sexology
- Poland: Polish Sexological Society
- Portugal: Sociedade Portuguesa de Sexologia Clinica
- Romania: Institute of Sexology
- Russia: Russian Scientific Sexological Society (RSSS)
- Slovenia: Slovenian Sexological Association
- Spain: Asociacion Española Sexologia Clinica (AESC)
- Spain: Federacion Española de Sociedades de Sexologia (FESS)
- Spain: Societat Catalana de Sexologia
- Sweden: Swedish Association for Sexology
- Sweden: Swedish Institute for Sexual Research
- Switzerland: Switzerland: ASPSC-SPVKS : Association Suisse des Psychologues Sexologues Cliniciens – Schweizer Psychologenverband Klinischer Sexologen
- Switzerland: Fonds Universitaire Maurice Chalmers
- Switzerland: Institut Sexocorporel International
- Switzerland: Zürcher Institut für klinische Sexologie & Sexualtherapie (ZISS)
- Turkey: CETAD
- Turkey: Sexual Health Institute (SHI)
- Turkey: Turkey Microbiological Society
- Turkey: Turkish Association for Cognitive and Behavioural Psychotherapies (TACBP)
- UK: British Society of Biopsychosocial Obstetrics and Gynaecology (BSBOG)
- UK: College of Sexual & Relationship Therapists (previous BASRT)
- UK: Sheffield Society for The Study of Sexuality & Relationships (SSSSR)